



PPCIR

Selo Estudos
de Religião

Vitor Campanha

ELES ESTÃO
“ENTRENÓS”:
**EXTRATERRESTRES,
RELIGIÃO E CULTURA**



Selo Estudos de
Religião

Vitor Campanha

ELES ESTÃO “ENTRENÓS”:

Extraterrestres, religião e cultura

1ª edição
Juiz de Fora/MG
2023



@Editora UFJF, 2023

Este livro ou parte dele não pode ser reproduzido por qualquer meio sem
autorização expressa da editora.

O conteúdo desta obra, além de autorizações relacionadas à permissão de uso
de imagens ou textos de outro(s) autor(es) são de inteira responsabilidade do(s)
autor(es) e/ou organizador(es)



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE JUIZ DE FORA**

Reitor

Marcus Vinicius David

Vice-Reitoria

Girlene Alves da Silva

**Equipe Editorial do
Selo Estudos de Religião**

André Sidnei Musskopf
(Coordenação)

Edson Fernando de Almeida

Arnaldo Érico Huff Júnior

Humberto Araujo Quaglio de Souza

Claudia Aparecida Santos Oliveira

Projeto Gráfico, Editoração e Capa

Paolo Malorgio Studio

Campanha, Vitor

Eles estão “entrenós”: extraterrestres, religião e cultura / Vitor
Campanha.-- Editora UFJF – Selo Estudos de Religião, 2023.
Dados eletrônicos (1 arquivo: 1,69 mb)

ISBN: 978-65-89512-61-5

1. Nova era. 2. Espiritismo. 3. Ufologia I. Campanha, Vitor.
II. Título.

CDU 299.94

Editora UFJF
Rua Benjamin Constant, 790
Centro - Juiz de Fora - MG - CEP 36015-400
Fone/FAX: (32)3229-7646 / (32)3229-7645
editora@ufjf.edu.br / distribuicao.editora@ufjf.edu.br
www.ufjf.br/editora

Filiada à ABEU



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Conselho Editorial

Selo Estudos de Religião

Frederico Pieper Pires

Universidade Federal de Juiz de Fora

Sônia Regina Corrêa Lages

Universidade Federal de Juiz de Fora

Rolando Pérez-Vela

Pontificia Universidad Católica del Perú

Marilu Rojas Salazar

Universidad Iberomaricana do México

Dilaine Soares Sampaio

Universidade Federal da Paraíba

Cláudio de Oliveira Ribeiro

Brasil

Vitor Chaves de Souza

Universidade Federal da Paraíba

Edla Eggert

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Donizete Aparecido Rodrigues

CRIA-Universidade Nova de Lisboa

PARECER E REVISÃO POR PARES

A obra foi submetida à avaliação pelo Conselho Editorial do Selo Estudos de Religião, avaliada por pares e aprovada para publicação

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida, pela existência e pelo todo.
A meus pais, pelo esforço, dedicação e conselhos para que chegasse até aqui.

À Paloma, pelo amor, companheirismo de vida e por me tornar sempre uma pessoa melhor a cada dia.

Ao Marcelo, pelas orientações sempre assertivas e principalmente pela confiança neste trabalho.

À CAPES, pelo financiamento da pesquisa.

À Adele, pelos momentos de alegria (até mesmo durante a escrita desse livro) e pelo despertar de responsabilidades.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO I	
O COMEÇO DA INVASÃO	17
1.1 “Leve-me ao seu líder”	17
1.2 Novos tempos, novos mestres	25
1.3 “Shaka, when the walls fell”	31
CAPÍTULO II	
FERRAMENTAS PARA PERSEGUIR ETS	37
2.1 Deixando de lado as entidades fechadas	38
2.2 Entre a rede e a malha: o extraterrestre enquanto coisa	42
CAPÍTULO III	
QUEM NOS OBSERVA?	49
CAPÍTULO IV	
O FIM DOS TEMPOS	76
CAPÍTULO V	
ELES ESTÃO “ENTRENÓS”	97
CONCLUSÃO	124
REFERÊNCIAS	126
SOBRE O AUTOR	143

INTRODUÇÃO

Neste exato momento, inicio a introdução deste trabalho sentado na cadeira de meu escritório, enquanto minha esposa trabalha na cadeira ao lado a nossa cadelinha aproveita o sol da tarde em sua cama, entre as duas cadeiras. É o mesmo sol tropical, ainda forte, da metade de março, que entra pela janela e atinge em cheio parte do meu braço que digita essas palavras no teclado, sobre um suporte específico, anexado à mesa, feita de madeira. O calor é amenizado por uma brisa, mais ou menos forte, que também se apresenta com alguma frequência, provavelmente, como prenúncio de uma provável chuva, típica dessa época do ano. Enquanto isso, lá fora, a mesma brisa toca as árvores, cujas folhas, sustentadas por altos troncos e galhos – a mesma madeira que suporta o teclado e o computador – farfalham em meio ao canto dos pássaros, ocultados pelo denso verde.

Ouçõ também, da vizinhança, cães latindo. E junto com toda essa melodia natural, os sons humanos: mais próximo, o incessante contato de meus dedos com as teclas; mais distante, carros passando apressados, alguém provavelmente martelando pregos e usando uma serra em alguma construção próxima. Essas novas casas, que vejo da mesma janela do escritório, “crescem” praticamente em meio às árvores, em uma parte do bairro ainda marcada por áreas de mata nativa.

Este pequeno relato inicial não se trata de um conteúdo autobiográfico nem literário, mas de uma descrição das condições materiais, em suas intrincadas relações, nas quais estas páginas são produzidas. Essa inspiração vem do trabalho do antropólogo britânico Tim Ingold, que em seu livro “Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição” (2015), se refere às condições para o desenvolvimento da escrita. O meio, as condições e as relações, assim, são influenciadoras diretas da produção e de seus resultados:

Por que reconhecemos apenas nossas fontes textuais, mas não o chão em que pisamos, os céus em constante mudança, montanhas e rios, rochas e árvores, as casas nas quais habitamos e as ferramentas que usamos, para não mencionar os inúmeros companheiros, tanto animais não humanos quanto outros seres humanos, com os quais e com quem compartilhamos nossas vidas? Eles estão constantemente nos inspirando, nos desafiando, nos dizendo coisas. Se o nosso objetivo for ler o mundo, como eu acredito que deva ser, então o propósito de textos escritos deve ser enriquecer nossa leitura para que possamos ser melhor aconselhados pelo mundo e capazes de responder ao que nos está dizendo (INGOLD, 2015, p. 12).

INTRODUÇÃO

Essa forma de entender o processo de produção da escrita, que evidentemente também pode ser estendida a outros tipos de produção, está em consonância com as propostas do antropólogo de compreender os fluxos da vida, os caminhos feitos pelos materiais nos quais humanos e não humanos estão imersos e participam ativamente. Inspirados na “matéria-fluxo” de Deleuze e Guattari, os materiais, conforme proposto por Ingold (2012, p. 35), devem ser seguidos. A perspectiva é de que não são como produtos acabados, como os disponíveis nas muitas prateleiras de uma loja de departamento, por exemplo, prontos para serem adquiridos e desempenharem suas funções. Os materiais do mundo, que compõem a vida, são mais como ingredientes em uma grande cozinha ou em laboratório de alquimia; eles podem ser a todo tempo misturados, rearranjados, em criações infinitas que dão origem a novos materiais e combinações. A tônica é, portanto, não pensar em algo pronto, mas sempre em construção, um fluxo constante onde o movimento é o mais importante, visto que prossegue indefinidamente.

Geralmente, nos processos de produção de trabalhos acadêmicos, a introdução é a última parte a ser escrita. Com os resultados da pesquisa em mãos e o conhecimento “total”, “finalizado”, é mais fácil introduzir o começo. Mas, de acordo com a perspectiva teórica que pretendo adotar, é importante admitir que começo pela introdução. Retornarei a este texto introdutório depois do desenvolvimento dos capítulos subsequentes, principalmente, para relatar o que será visto adiante. Mas por respeitar esse fluxo contínuo de ideias, inicio esta introdução, ou pelo menos sua primeira parte, sem saber bem o que virá pela frente. Para Bruno Latour (2012, p. 187), nas ciências sociais, os relatos textuais devem ser trazidos ao primeiro plano como principal ferramenta desse fazer científico. Eles funcionariam como o laboratório do cientista social, onde é possível alcançar a objetividade a partir da artificialidade do local. Mas essa afirmação, inspirada nos muitos anos de reconhecidas pesquisas antropológicas, sociológicas e filosóficas sobre a ciência, não é uma simples comparação, e traz mais implicações do que se pode imaginar num primeiro momento. Considerar o próprio texto como um laboratório pressupõe que as experiências nele explanadas podem fracassar. A tentação para o pesquisador seria a de simplesmente colocar no papel o resultado bem-acabado, com ares de transparência e de uma imparcialidade que, na verdade, segundo esse autor, não existiriam. Um bom relato, por outro lado, seria aquele que tece uma rede, uma série de ações em que cada participante é um mediador, e não intermediário, ou seja, influente em todo o processo. Dessa forma, não se deve temer o termo “relato textual”. É possível demonstrar o desenvolvimento de um pensamento narrando a história de como essa rede foi tecida, bem como as condições que lhe serviram de suporte (LATOUR, 2012, p. 188-189).

De acordo com essa perspectiva teórica – considerando-me uma parte humana imersa em um constante fluir, e o texto não como um relato pronto, mas um laboratório onde ocorre uma experiência – começo “do começo” e pretendo

me posicionar no texto, talvez não de forma tão contundente, mas considerando como subjetivamente inescapáveis as influências pessoais nas escolhas que ilustram o estudo, como séries televisivas preferidas e filmes marcantes dentro da temática aqui destacada. Pesquisadores têm os mais variados motivos para escolherem seus temas de suas pesquisas. Alguns são tomados de curiosidade por alguma manifestação, grupo, fenômeno social etc.; outros, em especial na(s) Ciência(s) da Religião(ões), preferem analisar, a partir do rigor acadêmico, suas próprias expressões de fé. Mas todos têm alguma relação, uma “história” com aquilo que desejam estudar – ainda que esta relação comece simplesmente a partir do momento de decisão sobre o tema dos trabalhos de conclusões de curso, dissertações, teses ou livros.

Minha relação com o tema mais amplo em questão neste livro, os extraterrestres, supostos seres de outros mundos cuja presumida interferência e presença na Terra já fazem parte da cultura popular, começou no final dos anos 1990. Ainda criança, assistia em programas de grande audiência na TV, como o dominical Fantástico, reportagens sobre discos voadores e extraterrestres – do chupa-cabras, que levantava debates acerca de sua origem extraterrestre ou não, ao conhecido ET de Varginha,¹ do qual, segundo supostas testemunhas e ufólogos, não restava dúvida tratar-se de uma forma de vida alheia ao planeta Terra. A intensa cobertura televisiva, em especial do último caso, pessoalmente me gerava grande pavor. Passados os anos, o medo se transformara em interesse, e ao conversar com os amigos em um bar, ainda durante a graduação em Comunicação Social, descobri que eles passaram por situação semelhante. Todos, com idades próximas, tiveram como um dos principais medos infantis não criaturas ou entidades folclóricas tradicionais, mas sim os habitantes de outros mundos, com

1 No dia 20 de janeiro de 1996 três jovens relataram ter encontrado uma criatura estranha em um terreno baldio no bairro Jardim Andere, na cidade de Varginha, sul de Minas Gerais. Kátia, de 22 anos, e as irmãs Liliane e Valquíria, respectivamente na época com 16 e 14 anos, teriam chegado em casa transtornadas e relatado o encontro com um ser humanoide, de pele marrom e viscosa, três protuberâncias na cabeça, pés de tamanho desproporcional e olhos grandes e vermelhos. Rapidamente a notícia corre a cidade e surgem os primeiros boatos sobre tratar-se de um ser de outro planeta, que já teria sido capturado por autoridades militares. O Corpo de Bombeiros publica uma nota oficial alegando literalmente que não capturou nenhum extraterrestre. Segundo os “ufólogos”, pesquisadores independentes que dizem ter entrevistado testemunhas-chave do caso sob anonimato, a criatura – ou as criaturas, já que se aventa a hipótese da captura de outros ETs – teria sido capturada pelo exército, levada para instalações militares e examinada, não sabendo-se sua destinação final. Essas acusações geraram inclusive um Inquérito Militar Policial (IPM), concluído somente em 2010, que inocenta os militares e diz que tudo não passara de uma confusão por parte das jovens. A conclusão do inquérito alega ainda que os caminhões do exército vistos na cidade estariam em rotina normal de trabalho, indo para manutenção em uma oficina (CARDOSO, 2010). Não obstante, ainda recentemente os ufólogos insistem que os órgãos governamentais acobertam o fato. Assim, o tema do ET de Varginha está longe de ser esquecido, ao menos na comunidade ufológica, que trata do assunto em congressos e publicações. Uma das mais recentes e robustas delas é o livro de 258 páginas “Varginha: toda a verdade revelada”, publicado em 2016 pelo ufólogo Marco Antonio Petit. Nela, relata-se que o ocorrido teria sido resultado de um acidente com a espaçonave dos referidos ETs, capturados após a queda do OVNI. Trata-se, segundo o autor, do maior segredo militar brasileiro, comparado ao conhecido caso Roswell, nos EUA, onde teria acontecido algo similar (PETIT, 2016).

INTRODUÇÃO

seus olhos gigantes e pele de aspecto repulsivo. As narrativas diziam que chegavam ao nosso planeta em naves espaciais e, para nosso maior terror, agiam sequestrando qualquer ser humano para experiências dolorosas a bordo de suas espaçonaves, inclusive arrancando a cobaia de sua própria cama, no meio da madrugada. O monstro infantil, assim, não vivia mais no armário ou debaixo da cama, mas em um disco voador – e poderia inevitavelmente lhe sequestrar a qualquer momento.

Surgia, nesse momento, o interesse acadêmico sobre o assunto, o de mensurar os efeitos dessa exposição a tais conteúdos midiáticos no período em questão. Entretanto, se mostrava praticamente impossível um estudo dessa magnitude para o trabalho de conclusão de curso em Comunicação. Assim, limitei-me a analisar as reportagens sobre o ET de Varginha veiculadas pelo Fantástico no ano de 1996, que contavam a história de como o suposto extraterrestre teria sido avistado na cidade do sul de Minas, capturado e analisado por autoridades militares e médicos. Surgiam assim, ainda no âmbito da Comunicação Social e sob o aparato teórico da Análise de Discurso, meus primeiros trabalhos sobre a temática (CAMPANHA, 2011, 2013).

Após me formar e trabalhar como repórter de TV durante alguns meses em Juiz de Fora, coincidentemente consegui uma vaga na mesma função na emissora afiliada da Rede Globo em Varginha. Assim, além de mudar-me para o local que constava em meus artigos acadêmicos anteriores, passei a conviver diariamente, por cerca de um ano, com pessoas que vivenciaram o período do ocorrido na cidade e alguns jornalistas que participaram da produção das reportagens que eu havia analisado na monografia. A cidade de Varginha, anos depois, ainda era marcada pelo caso, sendo conhecida como a “terra do ET”. O visitante espacial se tornara inspiração para esculturas nas praças e, como uma espécie de mascote não-oficial, tema de *souvenirs*, desde chaveiros a pequenas estátuas, incorporando-se à cultura local (DUARTE, 2009). Era curioso para mim não apenas morar e trabalhar perto da “praça da nave”, onde uma enorme caixa d’água em formato de disco voador serve como ponto de referência, mas ser um dos jornalistas participantes da matéria televisiva especial de “aniversário do ET”, em janeiro de 2011.

Foi nesse período que conheci José Trigueirinho Netto e a Comunidade Figueira. Uma das reportagens produzidas pelo jornal local dizia respeito a uma suposta aparição da Virgem Maria em outra cidade do sul de Minas Gerais, Carmo da Cachoeira. Após acompanhar o ritual de aparição e entrevistar participantes e organizadores, pude notar tratar-se de uma expressão religiosa inspirada em elementos *new age*, crença em extraterrestres e releituras/bricolagens de elementos católicos. Após decidir por não prosseguir na carreira jornalística e me interessar pelos estudos acadêmicos em Ciência da Religião, foi este o grupo que escolhi para a pesquisa de mestrado. Trigueirinho, como ficou conhecido, afirma em seus livros ter sido contatado no final dos anos 80 por um extraterrestre encarnado como humano. O ser, que dizia fazer parte de

uma “Hierarquia Intergaláctica”, o teria levado para o Vale de Erks, na província de Córdoba, Argentina. No local, o espiritualista teria passado por uma “transmutação monádica”, um processo de purificação espiritual, auxiliado pela presença de naves interplanetárias (TRIGUEIRINHO NETTO, 2008, p. 3-4). A partir de então, funda comunidades alternativas rurais, como a de Nazaré Paulista, no interior do estado de São Paulo, da qual posteriormente se desligou, e a Comunidade Figueira, no sul de Minas Gerais, onde viveu até seu falecimento em 2018. Escreveu dezenas de livros contando sua história, explicando minúcias sobre os seres extraterrestres e suas naves e conclamando as pessoas à mudança de atitude com o objetivo de transformar o planeta Terra para a Nova Era. Defendia também o respeito aos “reinos da natureza”, a alimentação vegetariana e cuidados com os animais, a existência de cidades e seres no interior da Terra e a iminência de cataclismos e desastres naturais que trariam de volta o equilíbrio natural ao planeta. No final dos anos 2000, Trigueirinho modificaria substancialmente sua cosmologia com elementos oriundos do catolicismo popular. O autor recebe na Comunidade Figueira um grupo de uruguaios que afirmavam presenciar e se comunicar com a Virgem Maria, e juntos, fundam uma ordem monástica ecumênica, a Ordem Graça Misericórdia. A Comunidade Figueira, antes mais alinhada às propostas de comunidades rurais *new age*, torna-se um centro espiritual institucionalizado (CAMPANHA & CAMURÇA, 2016, p. 63-64), conforme veremos nos capítulos seguintes.

Sempre me foi notável, durante essas pesquisas, como as fronteiras entre extraterrestres e outras entidades eram um tanto quanto fluídas, incertas. A Virgem Maria aparecia aos videntes, mas, antes, para chegar à Terra, precisava viajar pelo universo “numa grande esfera de luz e fogo” (CAMPANHA, 2016, p. 97); da mesma forma, José, Jesus e santos tradicionalmente católicos convivem com seres cósmicos em um mesmo contexto, expressando continuidades, e não rupturas. Tanto os seres quanto as naves, nesse caso específico, ora são descritos como “pouco densos” ou “mais energéticos”, ora possuindo características materiais como as descrições da ficção científica e da cultura pop – incluindo intervenções genéticas nos seres humanos e seu possível resgate em caso de cataclismos planetários (CAMPANHA, 2016, p. 20-21).

A fluidez de tal arranjo suscitou-me a interessante e complexa questão: onde começa o extraterrestre e onde começa o santo ou divindade? Qual o limite entre uma entidade e outra? Embora a questão tenha sido a motivadora desta pesquisa, já adianto que respondê-la não é o objetivo da mesma. Depois de alguns anos de pesquisa tentando categorizar esses seres, acredito que seja de fato uma tarefa complicada, senão impossível de ser levada a cabo. Não por uma dificuldade de compreensão e análise, mas sim pelas características próprias relativas ao tema. Autores *new age* costumam citar diferentes entidades, como elementais dos reinos da natureza, fadas, extraterrestres, espíritos, anjos, santos etc., como parte de uma mesma espécie de panteão de seres invisíveis diretamente influentes na realidade, ainda que nem sempre

INTRODUÇÃO

notados. Mas, desses, os extraterrestres transitam também em outros meios, religiosos ou não, além, é claro, de povoar o imaginário social, mesmo de pessoas não ligadas a nenhum grupo religioso ou ufológico. Assim, o multiverso *new age* de entidades não-humanas, muito bem representado por Trigueirinho e seu grupo, tornou-se apenas o motivador inicial de um questionamento mais amplo: como os seres, considerados extraterrestres por diferentes movimentos, religiosos ou não, são vistos pelos mesmos e como eles colocam essa diversidade em relação?

Nessa pesquisa, as ideias de Trigueirinho Netto ainda serão analisadas, mas como parte integrante um grupo maior, o dos Novos Movimentos Religiosos e Nova Era. Para isso, o procedimento metodológico será, no caso de Trigueirinho e de outros autores *new age*, abordar somente as entidades vistas por eles como pertencentes a outros planetas ou regiões do cosmos. Este recorte temático se dá, em primeiro lugar, para que não nos estendamos demais nessa multiplicidade de seres (ETs, fadas, gnomos, santos etc.); em segundo, pela intenção de observar como especificamente um deles, os ETs, transitam na rede de significados por entre atores diversos. Já nessa anterior pesquisa de mestrado, era notável uma interface entre os extraterrestres e sua relação com processos de um mundo invisível. Ou seja, não apenas a ideia do ET como um viajante intergaláctico pilotando naves de metal, mas seres de outros planetas pouco materializados que auxiliam em processos de iniciação espiritual (como no caso de Trigueirinho), ou reencarnam como seres humanos. Esse último caso, assumido também dentro da cosmologia do espiritismo kardecista, coloca ambas as perspectivas em relação direta. Tanto os autores *new age* quanto os espíritas aqui abordados anunciam que seres provenientes de outros planetas vêm aceitando a missão de reencarnar na Terra pela primeira vez como missionários, para ajudarem na regeneração dos mais diversos aspectos do planeta, sejam eles culturais, artísticos, intelectuais ou políticos. Estes humanos aperfeiçoados em consonância com os novos tempos são, em geral, chamados de crianças índigo ou cristal – nomenclatura baseada nas cores de suas “auras”. Diferentemente dos humanos atuais, ou seja, aqueles habitantes involuídos da Terra, que teriam auras de tonalidades comuns, esses seres iluminados trariam em suas auras a cor índigo ou, no caso dos ainda mais evoluídos, tons translúcidos e luminosos como cristal.

Na cosmologia do espiritismo kardecista, mais especificamente, a existência de seres em outros planetas sempre foi algo assumido. A possibilidade de outros mundos serem habitados por entes inteligentes é um tema reconhecido desde o Livro dos Espíritos, publicado pela primeira vez em 1857 (KARDEC, 2011, p. 86). Nos dias atuais, o médium Divaldo Franco tem palestrado com certa frequência sobre a possibilidade de seres de outros mundos evoluídos reencarnarem na Terra como missionários. Embora de forma mais ampla o tema não seja contraditório à doutrina espírita, Divaldo acena para o ideário *new age* utilizando, inclusive, os termos índigo e cristal. Em seu livro “A

nova geração: visão espírita das crianças índigo e cristal” (2016), também atribui as denominações às cores das auras, além de reafirmar tratem-se de seres evoluídos de outros mundos, encarnando na Terra para ajudar na evolução planetária. Para isso, utiliza em sua argumentação dados sobre astronomia e física, articulando-os com a literatura kardecista. Porém, o tema das crianças índigo está longe de ser uma unanimidade, despertando debates internos no espiritismo. Alguns autores espíritas consideram-no contrário à doutrina, uma influência negativa do pensamento Nova Era na pureza doutrinária – controvérsia interessante a ser abordada, sendo bem representativa das relações inter-religiosas contemporâneas.

Por fim, um terceiro grupo a ser observado é o composto por ufólogos, pesquisadores autodidatas que analisam o suposto fenômeno dos discos voadores e seus ocupantes por um viés afirmado como científico. Seus métodos buscam investigar a questão da forma presumidamente mais objetiva possível, com coleta de informações e dados, análise de fotos, documentos e depoimentos de testemunhas. Trata-se de um grupo que se contrapõe ao pensamento Nova Era e aos Novos Movimentos Religiosos relacionados a OVNIs e extraterrestres. Os ufólogos que se consideram buscadores da verdade pela via investigativa geralmente criticam a visão mística ou religiosa relacionada ao tema. Em seus artigos e conferências, costumam defender a pretensa cientificidade da ufologia e atacar diretamente movimentos religiosos, classificando-os como seitas alienantes. Este grupo será representado aqui, principalmente, pelas publicações da Revista UFO, veículo oficial de comunicação do Centro Brasileiro de Pesquisas de Discos Voadores (CBPDV), fundado nos anos 1980. Essencialmente, o tema das (re) encarnações de extraterrestres como humanos nesse contexto se apresenta sob uma perspectiva materialista. As características excepcionais das chamadas crianças índigo surgem como consequência de supostos aprimoramentos genéticos produzidos pelos extraterrestres. Essa perspectiva relaciona-se fortemente às narrativas clássicas da ufologia – e da cultura pop – de raptos de pessoas por discos voadores, onde passariam por experimentos genéticos promovidos pelos alienígenas.

Observadas superficialmente, as ideias de tal grupo nos pareceriam bem delimitadas. Embora a pretensão científica dos ufólogos possa ser debatida, sempre pareceram claros seus princípios não religiosos, ou até mesmo antirreligiosos. Mas ao começarmos a rastrear associações, observamos ligações entre grupos e ideias religiosas e alguns representantes da ufologia brasileira. Evidentemente, como já dito, estes últimos não se consideram religiosos. Entretanto, têm promovido um debate positivo com certas ideias kardecistas, em especial as falas de Chico Xavier sobre uma possível “data limite” a partir da qual a Terra passaria para uma nova era de prosperidade. Além de modificações profundas na sociedade, cultura, tecnologia e especialmente na moralidade, a “profecia”, como também é chamada em alguns meios, previa o início do contato inteligências de fora do planeta – para os ufólogos,

INTRODUÇÃO

um claro sinal do esperado contato em larga escala com seres extraterrestres. Antes possível apenas para os poucos contatados ou abduzidos que figuram nas narrativas ufológicas – e, ainda segundo os ufólogos, acobertado pelas autoridades governamentais – o contato, agora considerado o “contato final” e aberto, se tornaria realidade. Mas, ao considerar as falas de Chico Xavier, permeadas por elementos que poderiam ser considerados religiosos, a ufologia e sua busca por se tornar ciência objetiva não estaria explorando um território complicado? Ou haveria, dentro de suas estruturas de plausibilidade, espaço para um diálogo com narrativas vistas como religiosos sem que isto necessariamente signifique abandonar uma perspectiva científica?

Para responder a essa e a outras perguntas, a intenção inicial deste trabalho, ainda em sua fase de projeto, era analisar os seres cósmicos ou extraterrestres como pertencentes a algum tipo de mitologia, ou como mitos em si mesmos. Nessa hipótese primária, existiriam dois diferentes mitos referentes a esses seres. O primeiro seria o que chamei de mito da tutoria, algo que abrangeria ideias relativas à tutela ou intervenções de extraterrestres na vida dos seres humanos, presente tanto em grupos de inclinação místico-religiosa, como o de Trigueirinho, quanto de ufólogos cientificistas, como o da Revista UFO. No caso do espiritualista, por exemplo, essa tutoria estaria expressa desde a crença em eras ignoradas pela atual ciência, em continentes perdidos como Lemúria e Atlântida, os reais locais de surgimento da humanidade e governados por seres que “não tinham origem terrestre, mas provinham de outra esfera da vida” (TRIGUEIRINHO NETTO, 2010a, p. 255). Já com relação aos ufólogos, essa tutoria aconteceria, como já comentado, de acordo com o materialismo que aparentemente² lhes é próprio. Os seres cósmicos, nessa visão, observariam os humanos como professores, protetores ou expectadores de sua evolução e atos³. Algumas manchetes de edições da Revista UFO demonstram esse ponto de vista, como “ETs de olho em nossa insanidade nuclear”,⁴ “Intervenções de ETs em nosso passado”⁵ e “Visitantes ancestrais”,⁶ apresentando inclusive suporte às já conhecidas hipóteses de um dos pioneiros no assunto, Erich von Däniken, autor de “Eram os Deuses Astronautas” (2000) e, mais recentemente, de “A história está errada” (2010), onde reinterpreta textos bíblicos e apócrifos do

2 Uso aqui o termo “aparentemente” porque a ideia de uma ufologia cientificista demasiadamente materialista entrará em discussão adiante.

3 Este aspecto também é bem abordado e conhecido na cultura pop e em obras de ficção científica. Apenas a título de exemplo, a conhecida série televisiva Star Trek – Jornada nas Estrelas, na tradução para o português – apresenta um futuro onde a exploração espacial e o contato com civilizações extraterrestres tornam-se comuns. Porém, ele só é permitido com civilizações que já possuem tecnologia para viagens interestelares. Planetas que não evoluíram tecnologicamente a esse ponto são monitorados pela Federação dos Planetas Unidos, mas nunca contatados até que se desenvolvam tecnologicamente de forma independente.

4 Edição de novembro de 2015.

5 Edição de abril de 2013.

6 Edição de agosto de 2005.

antigo testamento. As obras, segundo o autor, apresentariam o suposto contato entre humanos e extraterrestres há milhares de anos, mostrando desde a história “verdadeira” do início da escrita, ensinada por seres fantásticos, até o apócrifo “livro de Enoch”, que relataria como alienígenas teriam copulado com mulheres terrestres, gerando humanos híbridos aprimorados (VON DÄNIKEN, 2010, p. 48-56).

O segundo mito estaria relacionado ao já relatado tema das crianças índigo ou cristal. Sob este ponto de vista, a encarnação ou reencarnação de seres cósmicos evoluídos em corpos humanos como um possível mito da encarnação, algo presente em diferentes grupos: do pensamento Nova Era e suas cristalizações em Novos Movimentos Religiosos à ufologia de viés cientificista ou paracientífico, passando pelo espiritismo kardecista. Evidentemente, há os pontos em comum e os dissonantes entre eles, mas a ideia era proceder com um recorte temático que os englobasse dentro de um mesmo contexto – um contexto mitológico, talvez – que auxiliasse na explicitação de uma realidade tão complexa.

Qual seria, porém, o arcabouço teórico necessário para dar conta de tal complexidade? Num primeiro momento, dividi-los e classificá-los parecia o melhor a se fazer. Mas a abordagem que levaria em conta mitos diversos apresentava-se apresentava dois problemas. O primeiro é conceitual. Conceituações antropológicas sobre o mito pareciam dificilmente se encaixar no caso estudado. Até se poderia considerar algumas das narrativas relacionadas a esses seres como expressões de mitos, mas ainda assim, algo não adequado aos objetivos propostos. O segundo problema é simplesmente: como fazer essa divisão se as fronteiras são tão fluidas? Quanto mais se observa as literaturas ufológicas, *new agers* e espíritas – incluindo vídeos, documentários, livros e revistas – mais se encontrava ligações, conexões e intercâmbios do que possibilidades de divisões e classificações rígidas. Como separar e classificar o que parece estar sempre em comunicação? Talvez a resposta seja exatamente essa: as *relações* são a parte mais importante a ser observada, e não seus elementos separadamente. Não se trata então, de separar, encaixotar e etiquetar os possíveis mitos relativos aos seres cósmicos; mas de deixar a ideia pré-estabelecida sobre mitos de lado e seguir os rastros deixados por esses seres – não como os ufólogos em sua perseguição pelas provas físicas da existência de extraterrestres – mas seguindo o conceito de extraterrestre através de todos esses locais não-físicos por onde transita. Em outras palavras, buscar entender como essa mesma ideia, de seres de outros planetas e seu suposto contato com os seres humanos, percorre diferentes contextos ou grupos – embora seja importante, desde já, destacar que a própria definição de grupos e contextos específicos e bem delimitados será debatida adiante.

O recorte, portanto, será nos ater àqueles seres que são nativamente apresentados como exteriores ao planeta Terra, mas demonstrando que há, contemporaneamente, certas particularidades que não se coadunam com o imaginário formado nas últimas

INTRODUÇÃO

décadas com relação aos extraterrestres, inclusive pela cultura pop e o senso comum, como visitantes de outros mundos que chegam à Terra em discos voadores ou naves espaciais. É justamente essa representação materializada do extraterrestre que parece estar sofrendo modificações, pairando entre diversos argumentos, por entre diferentes grupos. Embora reafirmem suas diferenças, por vezes declaradamente contrapondo-se uns aos outros, são justamente as conexões e associações entre eles que devem ser mostradas; um fluxo que se torna visível a partir de novas associações e que deve ser seguido.

1.1 “LEVE-ME AO SEU LÍDER”

É inegável o papel do que convencionou-se chamar cultura pop na divulgação e na construção da imagem atual dos extraterrestres. Este imaginário emerge a partir do período da Guerra Fria e da corrida espacial entre os Estados Unidos e a União Soviética, tornando-se um fenômeno de massa. Livros, séries televisivas, filmes e jogos popularizaram os visitantes do espaço, sejam eles pacificadores e cooperadores do desenvolvimento humano ou entidades violentas e conquistadoras, em busca dos recursos da Terra ou até dos corpos dos humanos. Nesse sentido, a frase título do capítulo não poderia ser mais significativa. Exaustivamente usada em produções de ficção científica que retratam contatos entre os seres humanos e ETs, ela acabou se transformando em um clichê, por vezes utilizada em tom humorístico. Sua origem remonta aos anos 1950, em um *cartoon* da revista norte-americana *The New Yorker*. A imagem, de autoria do cartunista escocês Alex Graham, mostra dois alienígenas com seu disco voador parado sobre o solo em uma área rural. Eles conversam com um cavalo – ou seria um asno? – ao qual pedem: “*Kindly take us to your president*” – “Por favor, leve-nos ao seu presidente”. Acredita-se que, com o passar do tempo, a frase popularizou-se, trocando-se o termo “presidente” por “líder” (INGE, 1984, p. 71; SAPHIRO, 2006, p. 320).

Mas se os extraterrestres da ficção querem ser levados a nossos líderes, cabe-nos nos perguntar: como fomos levados até eles? Aqui, não discuto a realidade ou não da afirmativa das supostas visitas dos seres de outros mundos, mas como este imaginário tecnológico-espacial constituiu-se, tornando comum em nosso repertório a ideia dos extraterrestres, suas naves interplanetárias e o possível contato com os seres humanos. É importante, em primeiro lugar, entender que a popularização da imagem do extraterrestre foi precedida pela dos discos voadores. Entretanto, quando os últimos começaram a aparecer nos relatos das autoproclamadas testemunhas e, conseqüentemente, no debate público, estavam longe de serem vistos como naves espaciais. Os desdobramentos socioculturais do final dos anos 1940 e da década subsequente são fundamentais para essa compreensão. O *cartoon* apresentado anteriormente, datado já de 1953, é o resultado de alguns anos de uma construção coletiva que consolidou a hipótese dos discos voadores como naves interplanetárias. Hoje, é praticamente impossível desvincular os objetos voadores não-identificados dos ETs, mas nem sempre foi assim.

Podemos dizer que o gérmen a verdadeira invasão alienígena, não aquela dos contos e filmes de ficção, mas a que colocou esses seres como parte de nosso cenário cultural, foi a experiência relatada por Kenneth Arnold, em 1947. O então funcionário do serviço florestal dos Estados Unidos afirmava ter sido testemunha ocular de nove objetos voadores brilhantes deslocando-se a grande velocidade entre os montes Rainier e Adams, no estado de Washington. Segundo o despacho por telégrafo da agência de notícias Associated Press, Arnold pilotava um avião em busca de outra aeronave desaparecida quando teria se deparado com os objetos voadores a altíssima velocidade:

PENDLETON, Oregon, 25 de junho (AP)- Nove objetos brilhantes voando a uma velocidade “incrível”, a 10.000 pés de altitude, foram reportados aqui, hoje, por Kenneth Arnold, Boise, Idaho, um piloto que disse que não poderia arriscar um palpite sobre o que eram. Arnold, funcionário do Serviço Florestal dos Estados Unidos envolvido na busca por um avião desaparecido, disse que avistou os misteriosos objetos ontem, às 15h. Eles estavam voando entre o Monte Rainier e o Monte Adams, no Estado de Washington, segundo ele, e pareciam entrar e sair da formação. Arnold disse que calculou sua velocidade a 1.200 milhas por hora. [...] “Parece impossível”, diz Arnold, “mas aí está.” (BEQUETTE apud LAGRANGE, 2018, p. 247, tradução nossa).

É importante nos atentarmos tanto ao conteúdo em si quanto às palavras utilizadas no relato no despacho, ambos responsáveis por moldar boa parte do imaginário popular acerca dos discos voadores. Partiria daí o termo anglofônico *flying saucer*, em uma clara influência do relato de Arnold e que literalmente pode ser traduzido para o português como “pires voador”. Algum tempo depois, o piloto esclareceria ter dito que os objetos pareciam algum tipo de avião a jato, porém sem cauda e totalmente arredondados (LAGRANGE, 1988, p. 27), aproximando-se mais de

um semicírculo. Além disso, Arnold afirmara que os OVNI's voavam como se deslizassem, e não que eram totalmente circulares: a atribuição do formato discoide, de “pires”, ocorreu por conta de um erro do jornalista responsável por enviar a nota à Associated Press. Ainda assim, logo milhares de jornais divulgariam o avistamento dos *flying saucers*, também chamados pela imprensa de *flying discs* ou mesmo *flying platters*, respectivamente “discos” ou “pratos” voadores. A primeira expressão, entretanto, foi a que se consolidou na língua inglesa, enquanto no Brasil, “discos voadores” chamaria mais a atenção⁷ (SANTOS, 2009, p. 26-27). O interessante, porém, é a onda de relatos de discos voadores que se seguiu, tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil. Em sua maioria, as pessoas relatavam terem visto objetos voadores em formato de discos, pratos e calotas de carro, ou seja, totalmente circulares – similares ao que a mídia descrevera erroneamente sobre o relato inicial de Arnold.

Fica evidente, nesse caso, como houve certa influência da mídia na ampliação e massificação do fenômeno. No entanto, cabe-nos fazer pequenas observações com relação às diferenças nos tratamentos midiáticos dados às notícias nos dois países. Embora os jornais brasileiros do final da década de 1940 já começassem a apresentar critérios como objetividade, imparcialidade e impessoalidade – estilo que se tornaria canônico no jornalismo ocidental – eles ainda guardavam as características de um jornalismo mais literário, como o produzido até então. Nesse último, eram comuns as narrativas menos objetivas, o uso de adjetivos e até mesmo comentários pessoais dos jornalistas, em tom autoral. Essa modificação na forma de redigir as notícias, inspirada pelo jornalismo estadunidense, ocorreu paulatinamente no Brasil, começando pelos jornais maiores e dos grandes centros urbanos. Assim, Santos (2009, p. 46) avalia que especialmente os jornais menores e das cidades do interior foram fundamentais para amplificar o assunto dos discos voadores. Com poucos profissionais e recursos para checarem o grande volume de informações, estas eram publicadas sem tantos critérios e com uma boa dose de sensacionalismo nada objetivista. Uma simples comparação de duas manchetes da época, uma do Brasil e outra dos Estados Unidos, é capaz de resumidamente demonstrar a diferença. Enquanto o jornal paulista “A noite” de julho de 1947 traz como título de capa “Inquieta o mundo o mistério dos discos voadores” (SANTOS, 2009, p. 44), a manchete do jornal *Roswell Daily Record*, dos EUA, tem como

7 O levamento feito pelo historiador Rodolpho Gauthier dos Santos (2009) em sua dissertação de mestrado apontou que, diferentemente do que ocorreu nos Estados Unidos com o *flying saucer*, foi o termo “disco voador” que se consolidou no Brasil. A história de Kenneth Arnold chegara ao conhecimento dos brasileiros pelo jornal O Globo três dias depois de ser publicada nos EUA. Assim como no país norte-americano, os relatos de supostos avistamentos de discos voadores passaram a ser recorrentes em solo brasileiro, geralmente descritos como tendo formato de “discos de vitrola”. Embora também tenham sido chamados pela mídia brasileira de pires ou até de panelas voadoras, o termo disco voador se consolidaria em cerca de 3 anos (entre 1947 e 1950), quando inclusive deixou de ser escrito com aspas pelos jornais da época. A partir de então, qualquer objeto voador não identificado passaria a ser chamado de disco voador pela mídia, mesmo que sequer fosse relatado seu formato específico pela fonte do jornal (SANTOS, 2009, p. 93).

manchete *RAAF captures Flying Saucer on ranch in Roswell Region* – “Força Aérea Americana captura disco voador em rancho na região de Roswell⁸” (CAMPANHA, 2013). Ainda que o conteúdo da manchete traga um relato que poderia ser considerado bastante inusitado – a suposta captura de um disco voador por autoridades militares – ele é tratado objetivamente, como uma notícia comum. De forma simples o fato básico é relatado, no tempo presente e sem subterfúgios que enfatizem sensações. Por outro lado, a matéria brasileira apela à sensação e ao mistério, de forma menos objetiva.

Mas se os discos voadores ganhavam notoriedade na mídia e, conseqüentemente, no dia a dia de norte-americanos e brasileiros, sua origem e até mesmo sua existência estavam longe de serem unanimidade. Na verdade, no início, poucos acreditavam que Keneth Arnold havia de fato visto alguma coisa enquanto sobrevoava o estado de Washington. Cerca de um mês depois do incidente, uma pesquisa do instituto Gallup questionou os americanos sobre os discos voadores e encontrou uma maioria cética. De acordo com os dados levantados, 90% responderam já terem ouvido falar no assunto, um número que demonstra a rapidez e a intensidade com a qual o fenômeno se espalhou. Desses, porém, 29% atribuíam os discos a ilusões de ótica ou à imaginação das testemunhas, enquanto 10% acreditavam tratar-se somente de boatos ou fraudes. Outro número relevante retrata aqueles que disseram acreditar que as aparições nos céus eram provavelmente armas secretas: 15% as viam como armamentos desenvolvidos pelos Estados Unidos, enquanto 1% temiam ser projetos soviéticos (LAGRANGE, 2018, p. 251).

Assim, é possível apontar duas características principais da crença em discos voadores, pelo menos em seu início. A primeira, na verdade, trata-se de descrença. Embora os relatos de avistamentos de supostos discos tenham se multiplicado vertiginosamente, a maioria sequer acreditava que o frisson devesse ser levado a sério. A segunda, como pesquisadores da temática costumam apontar, é a influência do contexto da Guerra Fria. As incertezas do período pós-guerra e a crescente escalada armamentista entre Estados Unidos e União Soviética traziam preocupações à população,

8 O “caso Roswell”, como ficou conhecido posteriormente, chamou pouca atenção na época da manchete mencionada por ser apenas mais uma entre diversas notícias sobre discos voadores a circularem no final dos anos 1940 (SANTOS, 2009, p. 34). Somente décadas mais tarde ela se transformaria na história sobre discos voadores e extraterrestres mais conhecida e comentada, sendo até hoje extensamente debatida entre os ufólogos e culturalmente representada em livros, filmes e séries de TV. Em linhas gerais, essa narrativa afirma que o governo dos Estados Unidos teria recuperado os destroços de um disco voador acidentado e os corpos dos alienígenas ocupantes da nave. No livro *The Day After Roswell*, publicado pela primeira vez em 1997, um militar alega sua participação e a veracidade do evento. Segundo esta alegada testemunha, o coronel reformado Philip Corso, o caso não só teria sido real como boa parte das inovações científicas após a década de 1950 seriam resultado de engenharia reversa a partir das tecnologias encontradas nos destroços do disco voador (CORSO, 1999). A versão oficial da Força Aérea Americana, publicada em um relatório em 1995, alega que o material recolhido no rancho em Roswell era de um balão de alta altitude do projeto secreto Mogul, voltado para o monitoramento de testes nucleares soviéticos (WEAVER & MCANDREW, 1995).

tendo sido, inclusive, o que levou Kenneth Arnold a relatar sua história. Uma de suas primeiras intenções foi procurar as autoridades, como o FBI e o exército dos Estados Unidos, por um sentimento de obrigação em alertar as forças de segurança do país (LAGRANGE, 1988, p. 38). É importante, porém – e aqui concordo ainda com a visão do sociólogo Pierre Lagrange (2000, p. 34) – não considerar os discos voadores apenas como um subproduto da Guerra Fria. A ideia dos discos foi, de fato, influenciada pelo contexto histórico, mas é um reducionismo colocar as supostas testemunhas como meras reprodutoras desse contexto. A Guerra Fria por si só não explica totalmente o fenômeno, como veremos, nem é uma explicação sociológica ou antropológica posterior. Trata-se de uma interpretação que surgia no mesmo momento dos discos voadores, debatida pela mídia, as próprias testemunhas, militares, governantes, ou seja, os atores em questão, antes que qualquer análise acadêmica se debruçasse sobre o tema. Observando essa construção a partir de uma perspectiva antropológica simétrica, como a proposta por Bruno Latour (2012, p. 56), o que se observa é uma sociologia feita pelos próprios atores envolvidos.

Voltaremos mais tarde a uma análise pormenorizada da ação dos atores. Cabe-nos agora, por fim, entender: como os extraterrestres entraram nessa história? Vimos que a hipótese dos discos voadores serem naves tripuladas por seres de outros mundos era praticamente nula nas primeiras pesquisas de opinião do fim da década de 1940. Enquanto isso, os relatos continuavam, ainda que com menos intensidade, e a Força Aérea Americana era publicamente pressionada a dar respostas e passa desmistificar os avistamentos. A essa altura, já havia sido criado, em 1948, o projeto militar Sign, que buscava analisar se os discos voadores representavam algum perigo real. Eram também os responsáveis por alguns dos relatórios oficiais que geraram desconfiança do público. Um exemplo é o a morte do Capitão Thomas Mantell, piloto de caça, no mesmo ano. Seu esquadrão fora designado para averiguar alguns relatos de discos voadores no estado de Kentucky. Ao manter contato visual com algo não identificado nos céus, ele teria decidido se aproximar para uma averiguação exata. Horas depois, o corpo do militar seria encontrado entre os destroços de seu avião acidentado. A explicação oficial é de que o piloto teria confundido o planeta Vênus com um OVNI, tentado persegui-lo e desmaiado pela falta de ar em elevada altitude. Alguns anos depois, a Força Aérea divulgaria que outro balão ultrassecreto estava nas proximidades, tendo sido estabelecido com certo consenso, desde então, de que era o que Mantell morrera perseguindo (THOMPSON, 1993, p. 21-22).

Mas a dúvida já estava lançada. A justificativa evasiva de que um piloto experiente fosse capaz de confundir um objeto voador não identificado com Vênus trouxe mais desconfiança com relação aos informes governamentais. A contínua divulgação de justificativas como essa, consideradas não convincentes pela opinião pública, influenciaria no surgimento de duas hipóteses até hoje acionadas pelos entusiastas dos discos voadores e extraterrestres. A primeira, de que os governos conhecem a

verdade sobre o suposto fenômeno, mas a ocultam da população⁹. A segunda, que se tornaria predominante e suplantaria a ideia de armamentos experimentais da Guerra Fria, é a de que os discos voadores tinham origem extraterrestre.

Os anos de 1949 e 1950 seriam decisivos para o surgimento de tal narrativa. É quando entra em cena o ex-fuzileiro naval Donald Keyhoe. Após sua aposentadoria do serviço militar em decorrência de um acidente, Keyhoe se torna escritor *free-lance*, publicando desde artigos sobre aviação a histórias de espionagem, ficção científica e suspense. Sua posição de ex-militar o fazia atraente também para as revistas que publicavam matérias sobre o então recente fenômeno dos discos voadores. A convite de Ken Purdy, editor da revista True, Keyhoe faria uma investigação sobre o mistério. A intenção de Purdy era revelar as supostas informações ocultas do governo americano sobre os OVNIs, e os contatos militares de Keyhoe poderiam ajudar. Assim, o ex-militar partiu em busca não só das solícitas testemunhas dos discos, mas também de antigos conhecidos e outras fontes militares. Estes últimos, quando o atendiam, falavam sob anonimato (SANTOS, 2009, p. 72).

No final de 1949, a revista True publicaria o artigo que alçaria Keyhoe à fama. *The Flying Saucers Are Real* [Os discos voadores são reais] se tornou um dos artigos mais lidos na história das publicações dos Estados Unidos. Tanto que, no ano seguinte, seria publicado em formato de livro com o mesmo título (ROJCEWICZ, 1987, p. 158). Agora, o público passaria a debater não só as possíveis conspirações governamentais e militares sobre os discos voadores, mas também que se tratavam de naves espaciais provenientes de outros planetas, ideia até então marginal:

A versão final do artigo de Keyhoe pode ser considerada o texto fundador da moderna ufologia. Nela, o autor defende que os discos voadores são extraterrestres e nos visitam há centenas de anos. “Eles”, porém, teriam intensificado suas visitas após as primeiras explosões de bombas atômicas. O governo dos Estados Unidos saberia disso tudo, mas não divulgaria abertamente a verdade para evitar pânico semelhante ao provocado pelo programa de Orson Welles em 1938. Uma mentira saudável. No entanto, uma mentira. Diante disso, caberia a Keyhoe, como amante da verdade, divulgar a todos a realidade a ser encarada (SANTOS, 2009, p. 73).

9 Um interessante exemplo de como o assunto continua relevante depois de décadas foi a eleição para a presidência dos Estados Unidos, em 2016. A candidata democrata Hillary Clinton, que acabaria derrotada por Donald Trump, prometeu em campanha maior transparência de seu possível governo sobre os documentos envolvendo os objetos voadores não identificados. A fala gerou repercussão por ser considerada a primeira de um político com chances de chegar ao cargo máximo do país a tratar o assunto como algo factível, ao contrário das negativas e até piadas sobre o tema, como fazia o ex-presidente Barack Obama. Um artigo do The New York Times da época chega a dizer que Clinton era a primeira “candidata E.T.”, com promessas de finalmente abrir os “Arquivos X” americanos (CHOZICK, 2016). No Brasil, há campanhas que demonstram a mesma desconfiança, como a “UFOs: liberdade de informação já!”, capitaneada pela Revista UFO. Assim como ocorre nos Estados Unidos, os ufólogos brasileiros acreditam que as forças armadas do país escondem a verdade sobre a “realidade da situação ufológica” (GEVAERD, 2010).

A concepção de extraterrestre não era até então desconhecida. Ainda que o período entre o final da década de 1940 e de 1950 tragam à baila a suposta eminência de sua chegada à Terra, ou até mesmo de uma perigosa invasão, os seres de outros planetas já eram extensivamente presentes na ficção. Obras como “A guerra dos mundos”, de H. G. Wells, lançado em 1898, e a polêmica de sua transmissão radiofônica, ocorrida em 1938, nos EUA, já povoavam o imaginário público. Na ocasião, uma emissora transmitira o romance simulando um acontecimento real, inclusive com falas de jornalistas que cobriam o suposto fato e as respostas de autoridades sobre a invasão do planeta por extraterrestres. As estimativas da rede de rádio CBS dão conta de uma audiência de 6 milhões de pessoas, das quais 1,2 milhão não soube distinguir a dramatização de um fato real, algo informado apenas no início do programa. Como resultado, houve uma onda de pânico no país (VALIM, 2005, p. 189).

Lagrange (2018, p. 257-261) faz algumas pontuações importantes e necessárias sobre a relação entre a ficção e o surgimento do imaginário relativo aos discos voadores e seres extraterrestres. Para o sociólogo, se houve influência da ficção científica no tema, esta seria negativa, ou seja, estimulando no público o ceticismo, e não à crença. Era o universo das *pulp magazines* e dos quadrinhos, publicações consideradas à época produtos “inferiores” da cultura popular, que estavam repletos de alienígenas e exploradores do espaço sideral. Portanto, uma visão positiva e realista destes elementos não seria mera influência do contexto, mas uma construção coletiva a partir das discussões e ações dos atores envolvidos, como testemunhas, pesquisadores, jornalistas, militares etc. Deve-se ter cuidado para evitar um julgamento dos atores em questão como totalmente influenciados por seu meio, como se não fossem capazes de desenvolver seus próprios processos reflexivos. Donald Keyhoe realmente conseguiu com seu artigo condensar uma série de ideias emergentes sobre o entendimento dos discos voadores como naves interplanetárias, mas a construção dos argumentos é atravessada por diversos fluxos, demonstrados anteriormente, que já existiam e eram constantemente debatidos.

Assim, no início dos anos 50 se estabelecia uma relação que perdura até hoje. Os discos voadores, em princípio vistos como objetos voadores, de fato, não identificados, passam a ter um novo *status*. Em poucos anos, as possíveis armas da Guerra Fria ou fraudes avistadas nos céus se transformariam em veículos espaciais provenientes de outros planetas. Mas tal ideia traria um novo questionamento: quem e como eram os pilotos? Em 1950, agências de notícias internacionais divulgam informações sobre um possível disco voador acidentado. Ray L. Dimmick, a testemunha, afirmava ter encontrado os destroços junto com o provável condutor, um ser de 59 centímetros com cabeça de tamanho desproporcional. O homem afirmava ainda que os cientistas mexicanos diziam tratar-se uma nave extraterrestre, tendo recolhido o material, e o que o mesmo teria ocorrido em outros pontos do continente. Interrogado logo na

sequência por autoridades mexicanas e americanas, entretanto, Dimmick desmentiria o fato, sem que ele alcançasse grande repercussão (SANTOS, 2009, p. 87). Em abril de 1952 foi a vez da revista *Life*, de grande circulação nos Estados Unidos, promover os discos voadores e sua origem extraterrestre. A capa da edição é emblemática ao trazer dois grandes ícones dos anos 50 naquele país: Marilyn Monroe e os discos voadores. A manchete afirmava de maneira simples e direta: *There is a case for interplanetary saucers* [Há evidências de discos interplanetários].

Ao nos determos um pouco mais sobre a reportagem, no interior da revista¹⁰, é possível compreender como ela se mostra uma boa representação do que tratei até agora. O título da peça jornalística questiona: *Have we visitors from space?* [Temos visitantes do espaço?]. Prezando pelos cânones jornalísticos de isenção e objetividade, a *Life* apresenta a versão das autoridades para os estranhos fenômenos observados nos céus dos Estados Unidos durante o final dos anos 1940 e início dos 1950. Segundo a revista, a Força Aérea do país teria informado que devido aos contínuos relatos de OVNI, mantinha constante investigação e estudo dos supostos objetos, por todos os meios disponíveis: todo o equipamento de rastreamento aéreo estava a postos na tentativa de obter dados factuais dos objetos voadores e os pilotos prontos até mesmo para interceptações; todos os cientistas, pilotos comerciais e militares, ou seja, aqueles familiarizados com fenômenos aéreos, deveriam se reportar diretamente à Força Aérea ao avistarem algum objeto voador não identificado; todos os cidadãos que também avistassem algo estranho nos céus deveriam descrever o ocorrido na base aérea mais próxima, de forma sigilosa e sem medo de serem ridicularizados. E, por fim, algo que chama ainda mais a atenção: a Força Aérea afirma que os fenômenos descritos como discos voadores não são causados por nenhuma potência estrangeira nem representam um risco para os Estados Unidos (DARRACH & GINNA, 1952, p. 80). A hipótese dos discos voadores como armas experimentais da guerra Fria, que já perdia terreno fortemente desde artigo de Keyhoe, ganhava mais um detrator: as próprias autoridades militares. Mas, então, do que se tratavam os milhares de avistamentos?

A reportagem da *Life* prossegue com uma revisão dos fatos conhecidos até então e de algumas histórias que, de acordo com a revista, eram mais contundentes, como o incidente com o capitão Mantell. Também são descritos dez diferentes casos com as respectivas análises feitas por especialistas, bem como reforça-se a alegação da própria Força Aérea de que nem todos podem ser satisfatoriamente explicados. Por fim, os redatores concluem a peça jornalística com as falas de cientistas que corroboram a hipótese extraterrestre. As manobras de voo relatadas, segundo os

10 É possível encontrar *online* e gratuitamente todas as edições da revista *Life* durante seu período de publicação semanal, de 1936 a 1972. As publicações foram disponibilizadas na *Google Books* pela Time Inc., detentora da marca. Por estarem digitalizadas na íntegra, constituem um interessante acervo para pesquisa, com reportagens, fotos e peças publicitárias em fácil acesso. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=NOEEAAAAMBAJ&redir_esc=y#all_issues_anchor. Acesso em: 02 set. 2019.

entrevistados, seriam impossíveis para qualquer veículo terrestre, e seus formatos, nem sempre aerodinâmicos, só fariam sentido para naves que trafegassem pelo vácuo do espaço. Conclui-se, assim, que “evidências científicas” comprovam que os discos voadores são “interplanetários” (DARRACH & GINNA, 1952, p. 81-90).

Tomo esta reportagem como um exemplo representativo dos primeiros anos do “fenômeno OVNI”. Ela se constrói fazendo o mesmo caminho argumentativo do debate público entre 1947 e 1952: os discos voadores passaram a ser cada vez mais relatados e conseqüentemente debatidos; logo, há questionamentos sobre enganos e fraudes por parte das testemunhas, hipótese que se dilui devido à experiência e idoneidade dos observadores – aviadores, pilotos etc. Havia, como também mencionei, o temor de que se tratasse de armas desconhecidas de potências estrangeiras, o que acabara sendo refutado pelo governo americano. Por fim, o comportamento das estranhas luzes e objetos nos céus, segundo o pensamento que vigorou no período persiste ainda hoje, apresentava sinais de que seres inteligentes estavam por trás dos OVNI, como nos inúmeros casos relatados de entrada e saída de formação das supostas naves e sua aceleração quando perseguidas pelos pilotos militares. Pouco a pouco, assim foi-se construindo a ideia de que “algo” estava por trás dos discos voadores, possivelmente, pilotando-os. Os repórteres da Life Brad Darrach Jr. e Robert Ginna (1952, p. 96) terminam sua extensa matéria jornalística com as perguntas que muitos se faziam naquele momento: quem ou o que estava a bordo? De onde vieram? Por que estavam aqui? Quais as suas intenções? As respostas não tardariam a chegar – ao menos segundo os novos atores a adentrarem nessa trama.

1.2 NOVOS TEMPOS, NOVOS MESTRES

Poucos meses depois da reportagem da Life “comprovar” que os discos voadores tinham origem extraterrestre, começaria aquilo que se tornaria frequente nas narrativas sobre o assunto dali em diante: as histórias de supostos encontros com os tripulantes das naves. Não podemos descartar, é claro, ter havido relatos desse tipo antes dessa segunda metade de 1952, mas, se estes ocorreram, não foram plausíveis para o público da época nem se encontravam em um terreno propício para chamarem atenção ou para ficarem conhecidos – vide o relato de Dimmick sobre seu pequeno alienígena acidentado, desmentido logo em seguida. As histórias que passam a povoar o imaginário sobre os visitantes do espaço, a partir do início dos anos 1950, tornam-se relevantes ao se relacionarem mais fortemente ao contexto sociocultural – entendendo, como comentarei mais adiante, a ideia de contexto não como algo dado, mas construído e tecido aos poucos. Assim, é interessante notar como essas “aparições” de extraterrestres apresentam-se ora em sentido negativo, assustadoras, ora em sentido positivo, com ETs benevolentes e sábios. Estes primeiros casos inaugurariam alguns modelos e ideias que se repetiriam, tanto nas narrativas da ficção quanto nos relatos de novas testemunhas. Vejamos alguns deles, que poderão nos elucidar a questão.

Em setembro de 1952, poucos meses depois da publicação da reportagem comentada no item anterior, na cidade de Flatwoods, no estado da Virgínia Ocidental, Estados Unidos, três meninos observam um objeto voador não identificado nos céus. Subitamente, o OVNI parece cair entre as montanhas. Assustados, os garotos chamam mais cinco pessoas que, juntos com um cão farejador, procuram o possível disco voador ou meteorito. Ao chegarem perto do local, o cachorro parte em disparada, latindo furiosamente; mas, em seguida, volta amedrontado. Neste momento, segundo os relatos, o grupo nota que uma névoa estranha e fétida cobre o chão, e o membro que vinha à frente observa uma enorme bola de fogo que repousa sobre o solo. Mas algo mais atemorizante os alarma: vendo duas pequenas luzes, como olhos, em meio às árvores, uma das testemunhas aponta sua lanterna, e todos se deparam com uma entidade que aparentava ter cerca de 1,80m, luzes azul claras no local dos olhos e uma grande cabeça em formato de ás de espadas. A criatura se movia em movimentos circulares e parecia andar deslizando acima do chão. Em poucos segundos de aparição, um dos integrantes do grupo desmaia, sendo arrastado pelos outros, que fogem. Na manhã seguinte, a imprensa vai ao local, onde relata encontrar apenas um leve cheiro de gás, irritante às vias respiratórias (LEWIS, 2000, p. 127-128).

É importante destacar que as testemunhas nunca desmentiram o fato, mantendo suas versões, tendo o acontecimento repercutido nacionalmente. O suposto ser avistado passou a ser chamado de “Monstro de Flatwoods”, e incorporou-se ao folclore local. A narrativa passa a ser explorada turisticamente inclusive com a criação de um museu inteiramente dedicado à criatura.¹¹

É notável, ainda, o fato do suposto extraterrestre não ter recebido a alcunha “ET de Flatwoods” – como o “ET de Varginha” – mas sim de “monstro”, como o “monstro do Lago Ness”, o “Pé Grande” e similares. Isso poderia nos indicar que sua incorporação à cultura local se relaciona, em primeiro lugar, mais ao inusitado e ao aspecto de terror que a história infundiu na pequena comunidade, em detrimento de uma narrativa mais cientificista, “moderna” ou tecnológica que aparições desse tipo passariam a apresentar a partir dali. Destaco também como o caso apresenta um roteiro que passaria a ser largamente explorado pelas histórias da ficção sobre discos voadores e extraterrestres: a nave que cai em local isolado, a busca feita por

11 O turismo temático relativo aos supostos encontros com extraterrestres é comumente explorado pelas cidades onde teriam ocorrido, que não só adotam os casos como parte de sua identidade, mas os aproveitam na tentativa de gerar receita. Além de Flatwoods, podemos citar a cidade de Roswell, Novo México, também nos EUA, que conta com festivais e um museu inteiramente dedicado aos discos voadores (MEEHAN, 2008). No Brasil, conforme já comentado, foi o município de Varginha que adotou o carinhoso apelido de “terra do ET”, fazendo alusão ao tema na estética de praças e outros pontos, enquanto o comércio fatura com a venda de souvenirs. A cidade tenta ainda finalizar a construção do “memorial do ET”, um museu em formato de disco voador. As obras, que começaram há cerca de 10 anos, já consumiram mais de R\$ 1 milhão e até o momento encontram-se inacabadas devido à falência da construtora contratada e outros problemas de ordem burocrática (BANDEIRA, 2019).

populares no meio da noite, o encontro fatídico e assustador das testemunhas com o monstro/extraterrestre etc.

Mas não só de ocorrências assustadoras viveram os primeiros momentos dos “encontros” dos tripulantes dos discos voadores com os humanos. Surgiam, no debate público do início dos anos 50, os primeiros “contatados”, pessoas que alegavam ter entrado em contatos inteligíveis com os extraterrestres e serem portadores de sua mensagem para a Terra. Um dos primeiros e mais influentes foi o americano George Van Tassel (1910-1975). Anteriormente inspetor de voo e engenheiro, foi também no ano de 1952 que Van Tassel alegou contatos telepáticos – também chamados de *channeling*, canalização – com um ser extraterrestre. Trata-se do até hoje conhecido Comandante Ashtar, que informava ser o chefe de uma frota intergaláctica recém-chegada ao sistema solar para alertar às autoridades da Terra sobre o uso irresponsável de armamentos nucleares, com atenção especial à detonação das bombas de hidrogênio. As mensagens canalizadas traziam, pela primeira vez, a imagem do extraterrestre como um ser superior e benevolente, pronto para ajudar a humanidade. Além do alerta, as falas atribuídas a Ashtar traziam um claro apelo milenarista. No caso da fatídica explosão, o equilíbrio do planeta poderia ser rompido, causando uma grande catástrofe que teria influências nefastas até para os mundos próximos. Porém, a frota do comandante intergaláctico estaria pronta para resgatar os humanos.

Em uma interessante análise, Helland (2013, p. 164-166) aponta como as mensagens que Van Tassel e outros alegados canalizadores atribuíram a Ashtar se modificaram ao longo do tempo para se adaptarem aos acontecimentos históricos. A despeito do alerta, os Estados Unidos fariam seu primeiro teste com a bomba H em novembro de 1952. A União Soviética, por sua vez, daria demonstração similar no ano seguinte, mas em nenhum dos dois casos ocorreu o cataclismo profetizado. Na sequência, após os testes, Ashtar teria informado que sua frota intergaláctica precisara tomar medidas ativas, criando “vórtices energéticos” para contrabalancear o desequilíbrio gerado pelas bombas. Tinham, portanto, salvo o planeta do desastre, ainda que isso não fosse visível para seus habitantes. Van Tassel também foi pioneiro em outra ideia que seria mais tarde intensificada por movimentos religiosos como o raelianismo e autores como Erich von Däniken: os extraterrestres teriam visitado a humanidade desde a antiguidade, sendo confundidos pelos humanos de então como deuses. Embora hoje essa perspectiva seja amplamente difundida por entusiastas da ufologia, pelo pensamento Nova Era e por alguns Novos Movimentos Religiosos (CAMPANHA, 2015), o contatado causou certo frisson ao afirmar, na década de 1950, que passagens bíblicas na verdade relatavam contatos com seres extraterrestres (HELLAND, 2003, p. 166).

Outro contatado que merece especial atenção é George Adamski, um imigrante polonês que chegou ainda criança aos Estados Unidos com sua família. Adamski é o

primeiro contatado a associar os possíveis extraterrestres e suas mensagens a um grupo religioso organizado. Sua trajetória religiosa começa duas décadas antes, no início dos anos 1930, quando funda no estado da Califórnia a Royal Order of Tibet, um Novo Movimento Religioso baseado nos ensinamentos de Mestres Ascencionados do Oriente. Como líder, Adamski promovia palestras e publicava livros sobre sua “filosofia cósmica”, revelada através de processos de canalização. Já na década de 1940, quando trabalhava em um café perto ao observatório astronômico Palomar, em San Diego, o polonês fazia sua primeira publicação sobre a temática extraterrestre: a obra de ficção científica *Pioneers of space* (1949).

Adamski se tornaria mais conhecido três anos depois, em novembro de 1952, quando vem a público anunciar ter sido contatado telepaticamente por um habitante do planeta Vênus. Nos anos seguintes, afirmaria contato também com habitantes de outros planetas, como Marte e Júpiter. Além disso, ganhou notoriedade ao divulgar supostas fotos dos discos voadores e seus tripulantes, relatando ainda ter viajado nas espaçonaves até outros planetas. Alguns de seus livros, como *Flying saucers have landed* (1953), em coautoria com Desmond Leslie e *Inside the spaceships* (1956) se tornaram best-sellers, alçando-o à fama. Geppert (2012) argumenta que Adamski desempenhou dois papéis distintos e relevantes no imaginário dos extraterrestres e discos voadores. O primeiro foi o de inaugurar um gênero narrativo em primeira pessoa dos contatos com alienígenas que se tornaria padrão a partir de então. O segundo, que muito aqui nos interessa, é a articulação dessa narrativa com o pensamento esotérico.

Assim como o comandante Ashtar Sheran, o contato do primeiro venusiano alegado por Adamski falava sobre o perigo dos armamentos nucleares e de naves destacadas para proteção da Terra. As mensagens posteriores tratavam igualmente de temas éticos, com os *Space Brothers*, como foram chamados pelo contatado, transmitindo ideias relativas ao simbolismo e filosofias cristãs. Também se iniciariam algumas ressignificações comuns no contexto dos Novos Movimentos Religiosos relacionados a OVNI. Os anjos caídos da bíblia, segundo os extraterrestres de Adamski, seriam alienígenas malignos, uma espécie de criminosos intergalácticos responsáveis por criarem problemas em outros mundos. Obviamente, os anjos bondosos seriam os ETs que transmitiam as mensagens de paz e fraternidade aos contatados. Até mesmo Jesus seria um venusiano em missão ética na Terra (BADER, 1995).

Ao se tornar um dos mundialmente mais conhecidos contatados, Adamski atraiu também a crítica. Suas supostas fotos de discos voadores e de seus contatos foram analisadas por outros ufólogos e as acusações de falsificações tornaram-se comuns. As informações relativas à tecnologia extraterrestre e os ensinamentos dos mestres espaciais foram igualmente questionadas: para os céticos, o conteúdo do livro *Inside the spaceships*, que o polonês-americano alegava ser real, não passavam de uma reedição das descrições de seu livro de ficção científica *Pioneers of Space*.

Da mesma forma, as preleções dos Space Brothers seriam apenas uma reedição dos ensinamentos dos Mestres Ascencionados, divulgadas por Adamski nos anos 1930 (MELTON & EBERHART, 1995).

Tais controvérsias mostram a relevância que o contatado teve no início da celeuma dos discos voadores. Os ensinamentos filosóficos dos extraterrestres de Adamski lhe renderam também seguidores, que passaram a se organizar em grupos, como o International Get Acquainted Club, fundado pelo mesmo em 1957 (O'LEARY, 2000). Outras organizações, mais ou menos informais, continuam hoje propagando a filosofia atribuída aos venusianos, marcianos e jupiterianos, em especial pela *internet*. Destaca-se, entre elas, a Adamski Foundation, que em seu website¹² divulga seus livros e ensinamentos, afirmando ser a única e original fonte dos ensinamentos do contatado. A página apresenta ainda uma sessão exclusiva com as famosas fotos dos discos voadores,¹³ preocupando-se em rebater todas as acusações de fraude.

Para Stupple (1985, p. 135), os contatados nesse início dos anos 1950 dividiam-se em dois tipos ideais: os psíquicos, que alegavam contatos com extraterrestres por meio de canalização ou telepatia; e os não-psíquicos, que alegavam contatos face a face e diziam ter viajado fisicamente em discos voadores. Vale ressaltar, evidentemente, que por vezes certos contatados alegavam os dois tipos de experiência com mais ou menos frequência. Ainda no período, os *flying saucer clubs* se distribuíam em diversas cidades dos Estados Unidos, trocando informações em revistas sobre ufologia. Porém, em alguns anos, os contatados começariam a perder popularidade. No final da década, por volta dos anos de 1958 e 1959, ocorreria um realinhamento do que o sociólogo chama de uma subcultura dos discos voadores, com dois efeitos principais:

1) os homens que publicaram revistas e livros sobre discos voadores acabaram se tornando mais populares do que os próprios contatados e 2) os contatados psíquicos - aqueles que canalizaram mensagens ou fizeram contato por viagens astrais - tornaram-se diferenciados dos contatados não-psíquicos que alegaram ter contatos face a face e viagens físicas para outros planetas. Os primeiros tornaram-se o foco de seitas religiosas ou passaram à obscuridade. Os últimos se tornaram heróis de um folclore produzido pelos editores (STUPPLE, 1985, p. 135, tradução nossa).

O próprio Stupple (1985, p. 136), no entanto, admite que George Adamski foi um contatado não-psíquico que prosseguiu sendo venerado por seus seguidores. Tal fato provavelmente decorre do equilíbrio entre os ensinamentos morais e as histórias fantásticas dos encontros com seus interlocutores de outros planetas. Algumas delas, compartilhadas por seus entusiastas, conferiam a Adamski o *status* de homem extraordinário. Ele aparecia como um intermediário entre os extraterrestres

12 Disponível em: <http://www.adamskifoundation.com/>. Acesso em: 11 mar. 2020.

13 Disponível em: <http://www.adamskifoundation.com/Rene%20Erik%20Olsen%20-%20Denmark/Rene-Denmark.html>. Acesso em: 11 mar. 2020.

e o governo dos Estados Unidos e outras autoridades, tendo inclusive entregue uma carta dos ETs para o Papa João XXIII¹⁴, ganhando uma medalha em retribuição. Em outras histórias ele é considerado, na verdade, um extraterrestre que atuava disfarçado para trazer as mensagens necessárias à humanidade. Sob essa perspectiva, ele sequer teria morrido, mas apenas saído da Terra para prosseguir com outras missões espaciais (STUPPLE, 1985, p. 136). A criação e circulação de tais mitos colocam Adamski em uma posição mais afeita a uma compreensão religiosa. Ele torna-se um missionário espacial, evoluído, iluminado; uma perspectiva que também se tornaria modelo para muitos contatados e canalizadores que a partir de então estariam relacionados a diversos Novos Movimentos Religiosos e ao pensamento Nova Era.

Adamski e Van Tassel seriam dois pioneiros na concepção de extraterrestres como seres evoluídos, prontos para trazerem lições sobre ética e moral aos habitantes primitivos e beligerantes do planeta Terra. Mas não seriam os únicos. Não nos cabe aqui listar os muitos contatados que se seguiram, reatualizando o modelo inaugurado por esses primeiros envolvidos. A intenção é demonstrar algumas características básicas do fenômeno e suas consequências. Os alienígenas benévolos, em contraponto às primeiras aparições aterrorizantes, possuíam – e ainda possuem, nos relatos de contatados mais atuais – algumas características em comum, assim resumidas por Rothstein (2000): quanto ao aspecto físico, geralmente apresentam traços “nórdicos”, com alta estatura, cabelos longos e loiros e traços finos – semelhantes à descrição do comandante Ashtar (Figura 6); são provenientes de planetas variados, de dentro ou fora do sistema solar, mas sempre um mundo de tecnologia mais avançada que a terrestre; apresentam-se como parte de algum órgão intergaláctico ou federação de planetas, da qual a Terra passaria a fazer parte dependendo de seus avanços intelectuais, tecnológicos e, principalmente, espirituais. Rothstein (2000, p. 88) ressalta ainda outro dado importante a similaridade das narrativas dos contatados com a tradição teosófica. Os “Irmãos do Espaço” e suas mensagens teriam de fato semelhanças com os Mestres Ascencionados, sendo uma reatualização tecnológica destes.

Hanegraaff (2005) vai além, colocando a movimentação relacionada aos OVNIs ocorrida a partir dos anos 1950 como o gérmen do movimento Nova Era. A crença de que os extraterrestres, recém-chegados em suas naves, anunciavam o advento de um novo ciclo evolutivo e uma nova era para a humanidade adquiria expectativas milenaristas. Seja por catástrofes naturais ou causadas pelo próprio homem, o materialismo da maioria se converteria em iluminação espiritual – ao mesmo para aqueles que compreendessem a mensagem e mudassem o comportamento. Esta seria também uma inspiração teosófica, como nos escritos de Alice Bailey, ou da

14 João XXIII, cujo papado durou de 1958 a 1963, é frequentemente citado pelos entusiastas da ufologia como um possível contatado. A narrativa, divulgada nas publicações ufológicas, conta que o papa teria sido visitado por um disco voador em sua residência oficial e conversado durante alguns minutos com um extraterrestre (PAPA..., 2010).

metafísica antroposófica de Rudolf Steiner. As expectativas milenaristas¹⁵ dos grupos relacionados a OVNI's inspiraria assim as primeiras comunidades alternativas, como a comunidade de Findhorn, na Escócia. Aos poucos, porém, a espera milenarista por catástrofes e grandes acontecimentos daria lugar a uma postura mais ativista, e as comunidades passariam a defender que a mudança paulatina das consciências e atitudes seria o motor da entrada do mundo na Nova Era (HANEGRRAFF, 2005). Grupos e movimentos religiosos mais estritamente relacionados aos extraterrestres, no entanto, não deixaram de existir. Da mesma forma, esses prováveis habitantes de outros mundos não seriam esquecidos pelos adeptos da difusa religiosidade da Nova Era e mesmo de outras tradições, conforme veremos mais adiante. Esses novos mestres chegariam para ficar, mas a discussão sobre seu real papel prosseguiria, tanto para aqueles que têm a certeza de sua existência quanto para pesquisadores que buscam uma compreensão do fenômeno.

1.3 "SHAKA, WHEN THE WALLS FELL!"

Desde a década de 1960, a série televisiva norte-americana *Star Trek* (Jornada nas Estrelas, na versão brasileira) e suas derivadas povoam o imaginário do público com as infinitas possibilidades do contato com civilizações de outros mundos. Ambientadas no futuro no futuro, apresentam uma visão otimista de uma civilização humana que teria superado suas mazelas e fundado, em conjunto com outras espécies do cosmos, uma federação interplanetária – algo em consonância com a mensagem de muitos contatados. Entretanto, na obra de ficção essa ideia sempre esteve longe de qualquer perspectiva religiosa. Em especial na série original, a tripulação da nave exploradora USS Enterprise aparecia desprovida de quaisquer crenças religiosas. O mesmo não ocorria com os alienígenas encontrados durante as muitas viagens, sempre retratados como sociedades primitivas que ainda acreditavam em seres transcendentais ou tinham algum tipo de religiosidade por não terem alcançado um conhecimento tecnológico e científico suficiente para desmitificar as antigas crenças no sobrenatural.

No interessante livro *The Religions of Star Trek*, onde cientistas da religião analisam as possíveis relações entre a série e a religiosidade, Cassidy (2009) afirma que essa particularidade estava relacionada às crenças humanísticas do criador da série, Gene Rodenberry, típica da literatura de ficção científica dos anos 1950 e 60 – contexto de certa forma similar às teses de secularização que previam um fim gradativo da religião e sua substituição total pela ciência. As séries derivadas da original, como *Star Trek: Voyager*, *Star Trek: Deep Space Nine* e *Star Trek: New Generation*, produzidas a partir dos anos 1990, passariam a apresentar temas religiosos, rituais e mitos com

15 Deve-se destacar que o milenarismo, no entanto, não é uma inovação desse contexto, mas remonta a movimentos camponeses medievais, considerados heréticos (QUEIROZ, 1976).

maior complexidade, uma possível consequência tanto do interesse do público quanto da morte de Rodenberry, em 1991.

O episódio *Darmok*, de *The New Generation*, exibido em 1991, é bem representativo nesse sentido. Em um dos roteiros mais aclamados pela crítica¹⁶, a nave USS Enterprise encontra-se no espaço com os tamarianos, uma raça alienígena cuja linguagem é considerada incompreensível, impossibilitando qualquer tipo de relação com a Federação Unida dos Planetas. As tripulações de ambas as naves tentam se comunicar, mas os humanos – e o telespectador – se deparam com extraterrestres que mencionam frases aparentemente sem sentido. Após algumas tentativas de comunicação entre os capitães Picard (o protagonista humano), e Dathon (capitão tamariano), ambos são teletransportados para um planeta próximo pelos alienígenas, e a Enterprise nota que seus interlocutores impedem o resgate de seu líder.

Agora em um planeta hostil, chamado El-Adril, o inteligente capitão Picard percebe aos poucos que Dathon não é seu rival, mas tenta estabelecer algum tipo de comunicação. Uma de suas frases citadas é “Darmok e Gelad em Tenagra”, somente compreendida quando Picard percebe que há uma espécie de predador no planeta. A intenção de Dathon é que os dois formem uma equipe para enfrentar o perigo, revivendo um mito tamariano de dois guerreiros – Darmok e Gelad – que forjaram uma amizade ao lutarem contra uma criatura mitológica em um local chamado Tenagra. Picard percebe então que a estrutura linguística dos incompreensíveis *aliens* está baseada em metáforas relacionadas à sua mitologia. Ele conta a Dathon o épico de Gilgamesh, sendo também compreendido por seu novo parceiro. O capitão tamariano, no entanto, acaba morrendo na luta com a criatura, pronunciando antes de sua morte *Shaka, when the walls fell!* [“Shaka, quando as paredes caíram”], em uma nova referência a um acontecimento mítico, quando a queda de paredes teria matado um personagem mitológico chamado Shaka. Picard é transportado de volta para a Enterprise e os tamarianos notam que seu capitão foi morto no planeta. Mas agora o humano tem a chave para a comunicação e informa: “Picard e Dathon em El-Adril”. Assim, não só ambas as espécies se entendem, mas é criado um novo mito tamariano, como o de Darmok e Gelad. Consequentemente, “Picard e Dathon em El-Adril” torna-se uma nova frase na língua alienígena.

Para alguns autores, os extraterrestres e os discos voadores tratam-se também de um mito criado, uma mitologia adequada à predominância de um pensamento cientificista e tecnológico que teria emergido em meio às incertezas da Guerra Fria. Nesse ponto de vista, os supostos alienígenas, suas naves e os possíveis contatos com os humanos seriam apenas uma história repassada oralmente, modificando-se

16 Darmok aparece em vários rankings de jornais e sites especializados em entretenimento como um dos melhores episódios das séries Star Trek. Embora essa posição varie, parece haver um consenso sobre a importância e riqueza de roteiro e interpretações. Ver O’Neill (2013), Drezner (2016) e Bloom (2019).

através do tempo e da cultura moderna – na mesma lista de crenças populares ou lendas urbanas (BULLARD, 2000, p. 9). Este é o mesmo ponto de vista do psicólogo Carl Gustav Jung, em seu livro “Um mito moderno de coisas vistas no céu”. Publicada pela primeira vez em 1958, portanto, no auge da popularidade dos relatos de discos voadores nos Estados Unidos, a obra considera os discos voadores como “mitos”, sejam eles reais ou criações das mentes das testemunhas. Caso fossem reais, segundo o antigo discípulo de Freud, ainda assim motivariam a criação de um mito subsequente; se apenas criações mentais, poderiam ser originados de um arquétipo do inconsciente coletivo sob uma forma tecnológica, “muito fácil de ser aceito pelo homem moderno” e pela qual poderia “esquivar-se do incômodo de uma personificação mitológica” (JUNG, 2013, p. 33).

Considerar os seres cósmicos e seus veículos de transporte como fazendo parte de uma mitologia “moderna”, embora plausível dependendo do arcabouço teórico utilizado, não é minha intenção neste trabalho. Fazê-lo sugeriria certa totalidade do conceito, e no contexto de crise das grandes narrativas ou de fronteiras poucos fluidas, considero mais produtivo rastrear relações. Ademais, pensar os discos voadores e extraterrestres como mitos modernizados remete-nos ao que Bruno Latour (2002) chama de fetiche moderno, no qual o pensamento moderno não questiona suas próprias criações de fetiches. O indivíduo moderno é aquele que crê não crer em nada, enquanto projeta no outro a crença ou a explica por fatores extrínsecos a elas.

Os modernos não se mostram a partir de então desprovidos de fetiche, nem desprovidos de culto, como eles se acreditavam – seja para se vangloriarem, seja para se desesperarem. Eles têm um culto, a mais estranho de todos: eles negam às coisas que fabricam a autonomia que conferem as mesmas, ou negam àqueles que as fabricam, a autonomia que estas conferem aos mesmos. Eles pretendem não ser superados pelos acontecimentos. Eles querem manter o domínio, e encontrar tal Fonte no sujeito humano, origem da ação. Ou então, por uma alternância brutal com a qual estamos agora familiarizados, os modernos, ressentidos por não poder explicar a ação pelo trabalho humano, querem aniquilar o sujeito-fonte, sufocando-o nas linguagens, na genética, nos textos, nos campos, nos inconscientes, nas causalidades diversas (LATOURE, 2002, p. 101-102).

Ainda segundo este autor, o adjetivo “moderno” refere-se, em geral, a uma mudança, ruptura ou revolução relacionada ao tempo, contrapondo-se a uma realidade arcaica e estagnada. A utilização do termo “pós-moderno”, por ele criticado, seria resultante de uma impossibilidade da resolução do conflito entre “antigos” e “modernos”. A pós-modernidade aparece então como um sintoma, uma decepção racionalista, um sentimento do fim do modernismo. Os pós-modernos “sentem que vieram ‘depois’ dos modernos, mas com o desagradável sentimento de que não há mais depois” (LATOURE, 1994, p. 50). O conceito é amplamente discutido pelo filósofo

francês Jean-François Lyotard. Em seu livro *A condição pós-moderna*, publicado pela primeira vez em 1989, o autor relaciona a pós-modernidade a uma crise das grandes narrativas de sentido. A crise desses metarrelatos, as grandes narrativas e discursos do século XIX que constituíam o homem ocidental moderno e o que ele pensa de si e da sociedade teria inaugurado a pós-modernidade (LYOTARD, 2013).

Embora o pensamento pós-moderno seja duramente criticado por Latour (1994) como um projeto de “imobilidade intelectual através da qual os humanos e os não humanos são deixados à deriva” (LATOURE, 1994, p. 60), o sociólogo concorda com a complexidade e dispersão existente nos temas contemporâneos. No primeiro capítulo do livro *Jamais fomos modernos* (1994), sugestivamente intitulado *Crise*, Latour descreve diversas matérias de um jornal e a miscelânea de assuntos ali contidos. Os problemas ecológicos da camada de ozônio geram consequências diretas na indústria, que precisam modificar suas atividades para seguir as diretrizes ambientais; enquanto isso, os países de Terceiro Mundo pedem moratórias por seu direito ao desenvolvimento. Políticos discutem sobre o vírus da AIDS, enquanto associações de portadores se organizam para exigir que as indústrias coloquem no mercado os medicamentos necessários para o tratamento da doença, que se espalha também pelo continente africano. Espécies animais raras correm o risco de aparecer devido a queimadas das florestas, baleias recebem aparelhos de rádio para rastreamento e líderes religiosos discutem sobre anticoncepcionais com representantes da indústria farmacêutica. Política, religião, biologia, física, química e assim por diante parecem se interpenetrar, no que o autor chama de “proliferação dos híbridos” (LATOURE, 1994, p. 7-8), fruto de um tempo onde a complexidade de relações parece exigir compreensão e análises também complexas.

Para analisar o objeto de nosso estudo, inserido nesse cenário contemporâneo, a utilização do conceito de mito mostra-se insuficiente, em especial pela necessidade de avaliação das relações. Não cabe aqui uma longa dissertação sobre esse conceito, mas algumas breves reflexões sobre o entendimento do mito nas teorias antropológicas podem nos esclarecer alguns pontos importantes. Para Lévi-Strauss (1991b), por exemplo, uma classificação prévia dos mitos, diferenciando-os em divinos, heroicos, tecnológicos etc., é justamente o que se deve, a princípio, evitar. Ainda que o autor considere que o mito possa se enquadrar em alguma tipologia, seria impossível proceder dessa forma baseando-se nas características externas, prévias, isoladas. Caberia ao mito “revelar sua própria natureza” (LEVI-STRAUSS, 1991b, p. 14). Pensar então possíveis seres de outros mundos e suas naves espaciais apenas como um mito moderno, resultado de uma sociedade técnico-científica “moderna”, é fazer justamente isso. Não se leva em conta toda pluralidade que envolve a temática, que não está exclusivamente relacionada nem à perspectiva científica ou tecnológica, nem à místico-religiosa.

Entretanto, as abordagens tradicionalmente estruturalistas do mito ocupam-se ainda com binarismos e oposições, como positivo e negativo, sagrado e profano, sim e não, largo e achatado, masculino e feminino, bom e mau etc. (LEVI-STRAUSS, 1980). O antropólogo francês inspiraria diversos outros autores, como Leach (1983, p. 62), que adicionaria ainda uma terceira categoria ao eixo binário do mito, um mediador anômalo entre os dois polos que seria o foco das práticas de tabu e ritual, como semideuses, mães virgens e monstros mitológicos; e Laraia (1970) que aplicaria o binarismo aos mitos das tribos indígenas da região amazônica. Evidentemente, as críticas ao estruturalismo também são muitas. Para o antropólogo Jack Goody (2012), trata-se de uma abordagem que, assim como o funcionalismo, tenta eliminar o “irracional” dos mitos. Ambas as abordagens, em sua visão, tenderiam a buscar explicação para o que nem sempre precisa ser explicado – ou nem sempre tem uma explicação prática única. Mitos, lendas, contos populares, ou seja, a narrativa oral, teria várias funções e níveis de interpretação, dependendo do contexto da narrativa. Para este autor, tomar essas histórias de forma descontextualizada como determinantes sociais em alguma cultura seria o mesmo que se considerasse a fábula da Chapeuzinho Vermelho como a realidade dos indivíduos do século XVIII. Presumir que as histórias mitológicas de outras culturas sejam de fato tão representativas “seria desmerecer seus modos de pensamento e perpetuar a noção de uma lacuna ampla e inexplicável, a Grande Divisão, entre eles (os outros, os “não-esclarecidos”, o povo) e nós” (GOODY, 2012, p. 70). Nas palavras de Viveiros de Castro (2002, p. 114), essa perspectiva colocaria o pesquisador como um observador em seu *locus* analítico privilegiado, enquanto o nativo não agiria analiticamente, sendo “usado” por sua cultura. Ao colocarmos nosso objeto de estudo como um mito, correríamos o risco de entrar no jogo dessa divisão entre os esclarecidos e os crentes em algum tipo de cosmologia.

E se não estamos livres do pensamento mítico de uma forma geral, o mesmo pode se dizer do binarismo. No caso em questão, este se expressa nos dois tipos ideais de contatados, conforme a classificação de Stupple (1985, p. 135): os que alegavam contatos telepáticos ou por canalização com extraterrestres e os que falavam de contatos físicos originária entre os primeiros contatados. A partir de então, de um lado estariam aqueles os representantes de uma “ufologia científica”, que buscam investigar o possível fenômeno por meio da investigação de relatos de testemunhas, provas físicas do pouso de discos voadores, hipnose regressiva para trazer à tona experiências de abdução apagadas da memória por extraterrestres raptos e comprovação da veracidade de fotos e vídeos de OVNI. De outro, uma espécie de “ufologia mística” colocaria extraterrestres como mentores éticos ou salvadores da humanidade, um cenário típico da Nova Era e dos Novos Movimentos Religiosos, como já explicitado anteriormente. Esse aspecto de divisão já foi bem analisado em trabalhos anteriores, como o de Veronese (2006) e Carlos (2007).

CAPÍTULO I O COMEÇO DA INVASÃO

O que defendo aqui é que esse cenário nunca foi de fato binário, mas híbrido desde o início. Ufólogos “científicos” nunca deixaram de considerar as mensagens construtivas dos “irmãos maiores” e das “federações intergalácticas”, nem os Novos Movimentos Religiosos relacionados a extraterrestres recusaram expressamente qualquer tipo de contato ou prova material da presença alienígena. Não se pode esquecer, é claro, que os próprios grupos sempre fizeram essa diferenciação: é impossível desconsiderar as distintas associações de ufólogos pesquisadores de grupos religiosos reunidos em comunidades alternativas. Porém, o processo de hibridização de suas ideias vem gradativamente se acentuando. Daí o interesse por evitar binarismos e não construir mitos ou mitologias, como humanos e tamarianos fizeram no episódio de *Star Trek*, mas de compreender as relações traçadas pelos extraterrestres, enquanto conceito, na trama sociocultural e religiosa. Em um cenário contemporâneo de entrecruzamentos e hibridismos, conforme ressalta Canclini (1997, p. 309), análises que privilegiem binarismos mostram-se insuficientes perante fenômenos de fronteiras pouco delimitadas. Acredito que este é o caso em questão, em especial com relação ao binário místico/científico dos grupos e indivíduos que se relacionam de alguma forma com o que se convencionou chamar “fenômeno OVNI”. Na (pós?) modernidade, e em especial na temática dos extraterrestres, algumas compartimentações que aparentavam estar consolidadas começam a se deteriorar e se interconectar de forma mais intensa. Em outras palavras, as paredes parecem cair, como no mito fictício de Shaka em *Star Trek*. Mas o que acontece em seguida?

Conforme já comentado na introdução deste trabalho, durante cerca de um ano, entre 2011 e 2012, morei em Varginha, uma das cidades mais populosas do sul do estado de Minas Gerais. O local ficaria conhecido em todo o país no ano de 1996, pelo suposto aparecimento de um extraterrestre que, segundo relatos, após ser avistado por diversas testemunhas, teria sido capturado pelo exército.¹⁷ Foi nesse período que tirei minha carteira de habilitação e, curiosamente, um dos instrutores da autoescola se dizia ufólogo. Enquanto passávamos pela “praça da nave” e outros pontos públicos com esculturas do conhecido extraterrestre rumo ao local de treinamento de direção, ele relatava como grupos de ufólogos se organizavam após o tão comentado incidente de meados dos anos 1990. Segundo este “instrutor-ufólogo”, nos meses seguintes à história da captura do ET de Varginha, esses grupos independentes faziam vigílias nos locais onde testemunhas afirmavam terem visto a criatura e em zonas rurais próximas. A intenção era esperar por algum novo encontro ou avistamento de OVNIs¹⁸. Estavam, literalmente, perseguindo ETs.

É o que está sendo feito nesse trabalho, mas não da mesma forma. Ao contrário dos das vigílias ufológicas, trata-se de seguir os extraterrestres não fisicamente, mas como um conceito que atravessa diferentes grupos. Conforme orienta Latour (1994), sobre a difícil tarefa de compreender os hibridismos,

optamos por descrever as tramas onde quer que estas nos levem. Nosso meio de transporte é a noção de tradução ou de rede. Mais flexível que a noção de sistema, mais histórica que a de estrutura, mais empírica que a de complexidade, a rede é o fio de Ariadne destas histórias confusas (LATOUR, 1994, p. 9).

17 Conforme comentado na introdução deste trabalho.

18 Para o leitor mais curioso adianto que, segundo esse interlocutor, o grupo em que estava teria avistado por diversas vezes luzes que pairavam próximo ao solo em algumas áreas próximas a Varginha. Ele as classificava como “sondas”, que pareciam estar fazendo buscas na região, talvez pelo alienígena perdido. Esse tipo de relato é comum nas publicações ufológicas: bolas de luz aparentemente guiadas por algum tipo de inteligência que parecem sondar certas áreas, em diferentes altitudes. Ver Werner (2011).

Assim, seguimos os extraterrestres até aqui: do início dos primeiros relatos de objetos voadores não identificados até a certeza de alguns atores sobre a existência de seres de outros mundos e mesmo a aceitação de suas supostas mensagens sobre o passado e o futuro do planeta Terra. Para prosseguir nessa “perseguição”, as ferramentas não são os carros, lanternas ou os binóculos dos ufólogos, mas alguns artefatos teóricos que ficarão claros a seguir.

2.1 DEIXANDO DE LADO AS ENTIDADES FECHADAS

Conforme já adiantei nas páginas anteriores, a posição aqui adotada será a de compreender o extraterrestre como um conceito composto de relações, que atravessa diferentes realidades socioculturais e religiosas. Uma das maiores controvérsias sobre estes seres, como se sabe, é sobre sua existência. Enquanto os ufólogos reúnem testemunhos e possíveis provas físicas que, segundo eles, garantem a veracidade dos visitantes cósmicos – e os contatados, psíquicos ou não, trazem a certeza de suas mensagens edificantes – cientistas levantam questionamentos sobre a impossibilidade de afirmações concretas diante da inexistência de evidências relevantes.¹⁹ Pode-se dizer, então, que a posição de agnosticismo metodológico deste trabalho aparece como intermediária dessas duas posturas.

Isso significa que a Ciência da Religião não instrumentaliza seus objetos em prol de uma apologia a uma determinada crença privilegiada pelo pesquisador. De acordo com essas ambições, a Ciência da Religião defende uma postura epistemológica específica baseada no compromisso com o ideal da “indiferença” diante do seu objeto de estudo. [...] Comprometido com este ideal, o cientista da religião exclui da sua agenda a questão da “última verdade” e não se permite avaliar aspectos religiosos em comparação com as normas de outra religião ou com quaisquer outros critérios ideológicos (USARSKI, 2013, p. 51).

Embora não estejamos nesse momento falando especificamente de uma religião, a postura com relação à existência ou não dos extraterrestres é a mesma. Assim como nas mais diversas pesquisas em Ciência(s) da Religião não há – ou pelo menos não deveria haver – questionamentos sobre a realidade última das crenças em questão nem uma postura apologética com relação ao objeto de análise, não nos cabe aqui debater a veracidade do objeto, e sim entender como ele mobiliza associações entre atores e discursos, essas sim, existentes e verificáveis. Para compreender, portanto, os ETs em suas relações, é necessário colocar algumas balizas teóricas, não sob o argumento

19 Neil deGrasse Tyson, astrofísico que já se tornou uma personalidade midiática após apresentar a série científica de documentários *Cosmos: A Spacetime Odyssey*, é um dos cientistas frequentemente interpelados em entrevistas sobre a possibilidade da existência de extraterrestres. Suas críticas, geralmente em tom humorístico, costumam apontar sobre a fragilidade de evidências científicas que confirmem o fenômeno. Abordei o tema e os embates entre ufólogos e cientistas em artigo anterior. Ver Campanha (2018).

de que sejam as únicas possíveis, mas as mais adequadas para compreender como o conceito atua em diferentes contextos. De partida, é a própria noção de contexto deve ser debatida. Latour (2012, p. 19-21) questiona a forma como entendemos a ideia da existência de um contexto social, de um “domínio do social” ou mesmo de uma “ordem do social”. A abordagem tradicional da sociedade e do social seria aquela na qual a existência desse fenômeno – a ordem social ou até o termo sociedade – serviriam para explicar os fenômenos sociais. Mas do que se tratam esses últimos? Segundo o autor, seriam os fenômenos que outras instâncias do saber ou domínios do conhecimento teriam dificuldade de explicar:

Por exemplo, reconhece-se a força intrínseca do direito, mas alguns aspectos dele seriam mais bem compreendidos se uma “dimensão social” lhe fosse acrescentada; embora os fatores econômicos se desenvolvam segundo sua própria lógica, existem também elementos sociais capazes de explicar o comportamento um tanto errático dos fazedores de cálculos; a psicologia, sem dúvida, segue impulsos internos; no entanto, alguns de seus aspectos mais intrigantes se devem à “influência social”; a busca científica, com todo o seu ímpeto, apresenta algumas características necessariamente “sujeitas” às “limitações sociais”, de cientistas “presos ao contexto social da época”; embora a arte seja “amplamente autônoma”, sofre também a “influência” de “considerações” sociais e políticas que podem explicar alguns traços de suas obras-primas mais famosas; e embora a ciência da administração tenha lá suas regras, convém-lhe às vezes levar em conta “circunstâncias sociais, culturas e políticas” à altura de explicar por que certos princípios organizacionais sólidos nunca são postos em prática (LATOURE, 2012, p. 20).

Na abordagem tradicional, portanto, seria possível ter explicações sociais sobre fenômenos não necessariamente sociais, concluindo-se que a sociedade é o éter no qual tudo está contido. Contudo, na perspectiva do autor, a sociedade não é um contexto onde se dão os fatos, nem o assim chamado social é aquilo que pode fornecer explicações residuais sobre outros contextos específicos (economia, política, ciência, religião etc.). A sociedade ou quaisquer tipos de agregados sociais devem ser explicados por suas relações e associações, inclusive a partir do conhecimento que é fornecido por aquelas outras áreas do saber. “Sob este ângulo, o adjetivo ‘social’ não designa uma coisa entre outras, como um carneiro negro entre carneiros brancos, e sim um tipo de conexão entre coisas que não são, em si mesmas, sociais” (LATOURE, 2012, p. 23).

As ideias de Latour remetem às suas pesquisas em sociologia das ciências, que acompanharam de perto a rotina de cientistas em seus laboratórios. Em obras como *Jamais fomos modernos* (1994), *A vida de laboratório* (1997), *Ciência em Ação* (2000), *A esperança de Pandora* (2001) e mesmo na já citada *Reagregando o social* (2012), o autor aborda o processo de desenvolvimento das pesquisas científicas, no

qual aquilo que é produzido ou construído não significa necessariamente algo falso ou artificial, mas um fato objetivo e sólido. O fermento criado em laboratório por Pasteur, por exemplo, foi declaradamente construído por ele, mas ao mesmo tempo se apresentava como autônomo (LATOURE, 2002, p. 40). Esse tipo de situação, onde não há incongruência entre o que é fato e o que é feito, levou o autor a questionar a definição de social tradicionalmente utilizada. Os estudos sociais referentes à ciência não eram capazes de oferecer explicações sociais objetivas para fatos e teorias técnicas das ciências naturais. Elas funcionavam apenas em partes superficiais, como no estudo das relações sociais entre os cientistas. No entanto, dessa forma deixaria de ser uma verdadeira sociologia da ciência para se tornar algo como a “sociologia dos cientistas” (LATOURE, 2012, p. 140-141). Uma verdadeira teoria sociológica que pudesse explicar o fazer científico seria aquela que pudesse levar em conta as relações, rastreando conexões e tecendo uma rede, sem um ponto de partida ou definições pré-estabelecidas. Ao se transferir essa forma de compreensão para as ciências sociais em geral, não seria, portanto, só o fermento do laboratório que é produzido e concomitantemente atua; as coisas, em geral, inclusive as não-humanas, são feitas e, ao mesmo tempo, fazem – assim como conceitos e ideias. Os não humanos para Latour (1994) são, portanto, aqueles elementos e objetos criados pelas ciências e técnicas. Ainda que sejam criados em laboratório, são dotados de sentido e conseqüentemente se relacionam com os humanos. No último capítulo, vimos como o conceito de extraterrestre foi aos poucos construído conjuntamente pela mídia, opinião pública, pesquisadores, cientistas, governo e militares, não propositalmente, mas como resultado de um intenso debate e diferentes fluxos de ideias. Ainda que a existência concreta seja ainda debatida, o próprio debate torna esse constructo, conceitualmente falando, real.

Ainda sobre relações, o antropólogo britânico Tim Ingold, que em pesquisa de campo conviveu com os povos caçadores e coletores da região do Círculo Polar Ártico, destaca a importância de todos os elementos do ambiente em sua interligação. Nesse caso, trata-se não necessariamente dos não humanos construídos, mas daqueles com os quais também se constrói. As associações entre humanos e não humanos, que partilham uma mesma atmosfera, teriam influência nos processos de produção, sejam eles materiais ou intelectuais. Em obras como *The perception of the environment* (2000) e *Estar vivo* (2015), o autor explora também as conexões, em especial entre os materiais formadores de tudo o que é vivo e não vivo. A madeira, o barro, os metais, a matéria orgânica, todos circulam incansavelmente em diversos fluxos, criando-se, degradando-se, transformando-se, modificando-se. Nessa teia de relações incluem-se os seres humanos, como parte integrante da movimentação incessante da vida (INGOLD, 2015, p. 61-63). As inspirações do autor advêm não somente de estudos antropológicos precedentes, mas, também, de obras filosóficas. Sua defesa é a de

uma antropologia que deve investigar constantemente e de forma disciplinada as condições e potenciais da vida humana (INGOLD, 2015, p. 25).

Mas como e onde essa vida humana se constrói, ou melhor, utilizando as metáforas dos autores aqui citados, é tecida? Se para Latour o social como objeto determinado inexistente, existindo na verdade associações que devem ser rastreadas, para Ingold, de forma similar, a ideia de uma ordem social isolada parece fazer pouco sentido. As grandes divisões, como sociedade e natureza, cultura e biologia, ciências naturais e humanas, devem ser superadas por um modelo onde há um entrelaçamento entre humanos e não humanos, compostos pelos materiais que lhes dão forma. Aliás, a própria ideia de forma passa a ser questionada. A forma final nunca é alcançada, pois tudo está em constante transformação; uma casa nunca fica pronta, pois está sujeita às intempéries do tempo, à ação dos fungos que apodrecem a madeira, à sujeira que se acumula nas calhas, necessitando de um esforço contínuo para permanecer como está. Os moradores se movimentam incessantemente manipulando e, ao mesmo tempo, fazendo parte dos fluxos de materiais que envolvem sua moradia. As coisas – humanas ou não – existem *em* suas relações: a pipa, ao adentrar as correntes de vento torna-se movimento; o mesmo no caso do peixe enquanto nada ou do pássaro enquanto voa (INGOLD, 2012, p. 30-33). As associações e conexões, ao contrário das divisões artificiais, são o que verdadeiramente formam a realidade para este autor – não uma realidade social, natural, religiosa, científica etc. – mas uma realidade que se encontra entrelaçada ou tecida como uma malha, cujos fios são as trajetórias de cada elemento envolvido.

O entrelaçamento dessas trajetórias que sempre se estendem compreende a textura do mundo. Se a nossa preocupação é habitar este mundo ou estudá-lo – e, no fundo, as duas coisas são as mesmas, uma vez que todos os habitantes são estudantes e todos os estudantes habitantes – a nossa tarefa não é fazer um balanço do seu conteúdo, mas seguir o que está acontecendo, rastreando as múltiplas trilhas do devir, aonde quer que elas se conduzam. Rastrear esses caminhos é trazer a antropologia de volta à vida (INGOLD, 2012, p. 41).

Duas questões importantes colocam-se, então, com relação ao pensamento de Latour e Ingold. A primeira, como já comecei a delinear, diz respeito às características do ambiente, do mundo, ou simplesmente da vida: a não existência de uma ordem pré-estabelecida como pano de fundo ou substância onde as relações acontecem. Para os autores, a sociedade ou a ordem social, como entidade fechada, é no mínimo problemática – ou, no máximo, uma das instâncias que aparecem interconectadas ou entrelaçadas. Tem-se, assim, uma teia de associações, conexões ou trajetórias que precisam ser rastreadas. A segunda questão diz respeito aos atores, objetos ou *coisas* – humanas ou não – que não estão imersas nessas redes, mas que a tecem, sendo seu próprio movimento o criador dessa realidade intrincada. Observemos mais atentamente esses conceitos, suas coincidências e possíveis antagonismos.

2.2 ENTRE A REDE E A MALHA: O EXTRATERRESTRE ENQUANTO COISA

O que difere ou aproxima os conceitos de malha, desenvolvido pelo antropólogo Tim Ingold, e rede, defendido pelo sociólogo Bruno Latour? Conforme já explicitado, em ambos os casos se trata de priorizar as relações ou associações entre elementos do ambiente, tanto humanos como não humanos. É a partir dessa forma de leitura da realidade que pretendo elucidar como os extraterrestres, como ideia ou “coisa” – conceito que será melhor definido a seguir – trafegam por entre diferentes grupos. A importante questão, no entanto, é compreendê-los separadamente, como parte de algo maior: a rede ou malha.

O conceito de rede, proposto por Latour (2012) está intimamente ligado à sua proposta de um novo olhar sobre o domínio do social. Como a intenção é não partir de atores e domínios pré-estabelecidos, que já fariam parte da esfera social, o autor propõe examinar fontes de incertezas. O termo é alusivo ao Princípio da Incerteza, também conhecido como Princípio da Incerteza de Heisenberg, que se refere ao estado dos elétrons. Segundo o princípio, seria impossível conhecer, ao mesmo tempo, a posição e a velocidade de uma partícula subatômica; quanto menor a incerteza de um dado, maior a incerteza do outro (HEISENBERG, 1927). Mais uma evidente influência de suas pesquisas em sociologia da ciência, as incertezas, no caso da teoria social de Latour, referem-se ao fato de o pesquisador desconhecer o que os atores ignoram, ao passo que esses detêm conhecimento sobre o que seu observador ignora (LATOUR, 2012, p. 42).

Dentre as incertezas mencionadas pelo sociólogo, está a da natureza das ações. Segundo esse princípio, nossas ações não seriam necessariamente deliberadas; em outras palavras, somos instados a agir como um alvo atingido por diferentes fatores à nossa volta. Mas não sermos a fonte da ação não significa agirmos coagidos por alguma força social, e sim que cada ação acontece como mediação, uma ação que é influenciada por outras e que também influencia outros elementos e ações do ambiente (LATOUR, 2012, p. 73-75). Como o social, nessa interpretação, trata-se não de uma instância, mas de movimentos, deslocamentos e transformações, deve-se levar em conta também a participação de atores não humanos nos fluxos de ação. Assim, até mesmo os objetos têm ação, na medida em que atuam modificando situações e fazendo diferença nos cursos de ações de outros agentes. Eles ajudam a rastrear conexões sociais de forma intermitente, em conjunto com a ação humana. Essa continuidade entre ações de humanos e não humanos complexifica a questão da divisão entre o mundo material e social:

Sem dúvida, a pressão de um tijolo sobre outro tijolo, o giro de uma roda em seu eixo, a força de uma alavanca sobre o peso, a desaceleração promovida por uma polia, o efeito do fogo no fósforo, todos esses modos de ação parecem pertencer a categorias tão obviamente diversas daquela que um sinal de

“pare” exerce sobre o ciclista ou a de um grupo sobre a mente individual, que talvez seja bastante razoável instalar entidades materiais e sociais em duas prateleiras separadas. Razoável, porém absurdo, quando se considera que qualquer curso humano de ação se funde em questão de segundos, como, por exemplo: a ordem para assentar um tijolo, a ligação química do cimento com a água, a força de uma polia na corda graças ao movimento da mão, o riscar do fósforo para acender um cigarro oferecido por um colega de trabalho etc. Aqui, a divisão aparentemente razoável entre material e social transforma-se naquilo que ofusca a pesquisa sobre como é possível uma ação coletiva – se, é claro, não entendermos por coletivo uma ação encetada por forças sociais homogêneas, mas ao contrário, uma ação que arregimenta diversos tipos de forças unidas por serem diferentes (LATOUR, 2012, p. 112).

Essa participação dos não humanos como atores aproxima-se de certa forma da visão ingoldiana sobre os materiais e seus fluxos, bem como a ausência de uma divisão clara entre social e natural. Os materiais dos quais são compostos os objetos permanecem mesmo quando esses não têm mais uso ou se deterioram. Ainda que apodreça, a madeira de uma cadeira velha continua seus fluxos naturais; ainda que ela se transforme em lenha e queime, prossegue atuando em meio a essa movimentação incessante. Em suma, a longo prazo, os materiais prevalecem sobre a materialidade (INGOLD, 2015, p. 61). Não se trata, porém, de simplesmente conferir agência aos objetos²⁰. Compostos por um agrupamento de materiais, eles também agem em uma interface com os humanos:

Considerada um componente do mundo material, uma pedra é, na verdade, tanto um amontoado de matéria que pode ser analisado pelas suas propriedades físicas quanto um objeto cuja significância é extraída de sua incorporação no contexto das questões humanas [...]. Mas no mundo dos materiais, os humanos figuram tanto no contexto das pedras quanto as pedras no contexto dos humanos. E esses contextos, longe de mentirem sobre os níveis díspares de existência, respectivamente social e natural, são estabelecidos como regiões sobrepostas do mesmo mundo. Não é como se este mundo fosse um mundo de fisicalidade bruta, de mera matéria, até que as pessoas aparecessem em cena para conferir-lhe forma e significado. As pedras também têm histórias, forjadas nas contínuas relações com o entorno que podem ou não incluir seres humanos e muitas outras coisas. Está muito bem situar as pedras dentro do contexto da vida e da história social humana, mas dentro de que contexto situamos essa vida e história social senão no mundo de materiais em constante desdobramento ao qual o próprio ser dos humanos, juntamente com aquele dos não humanos que encontram, está vinculado? Meu argumento, ao defender o retorno a este mundo, é simplesmente o de que devemos, mais uma vez, *levar os materiais a sério*, pois é a partir deles que tudo é feito (INGOLD, 2015, p. 67, grifo do autor).

20 Adiante, o próprio conceito de objeto como uma entidade fechada e determinada será questionado.

Mas antes de nos voltarmos mais especificamente aos não humanos, sejam eles objetos ou materiais, voltemo-nos a outra fonte de incerteza de Latour, também fundamental para compreender seu conceito de rede. Trata-se da incerteza sobre o relato da pesquisa, que deixa de ser somente o ato de versar sobre o papel seus resultados para tornar-se uma composição que funciona como laboratório. Essa espécie de relato vai sendo tecida pouco a pouco, e as experiências feitas ao longo do texto podem até mesmo dar errado. É dessa forma que surge, então, a metáfora da rede e sua consequente utilização no desenvolvimento da Teoria Ator-Rede de Latour. Nessa série de ações que se desenham como uma rede, cada participante age como um mediador, ou seja, como um ator que não apenas observa, mas cujas ações induzem outros atores a fazer outras coisas, inclusive gerando controvérsias (LATOUR, 2012, p. 188). Trata-se, portanto, de uma caracterização fluida, baseada nas relações que determinado ator tece ou ajuda a construir.

É a partir dessas incertezas que as conexões ou associações passam a ser valorizadas na medida em que são formadas pelos atores humanos e não humanos, que agem nessa movimentação e influenciam-se mutuamente. Mas, quem seriam esses atores? Ao começar a escrita deste subcapítulo, tinha a intenção de separá-lo em partes distintas: uma explicaria a rede ou a malha, enquanto outra explicaria os atores ou coisas que a compõem. Penso, agora, que é impossível separá-los, e que, portanto, devem ser explicitados em conjunto.²¹ Essa impossibilidade é decorrente também do pensamento ingoldiano, segundo o qual os próprios atores, mesmo os não humanos, não seriam entidades ou objetos fechados, prontos e delimitados, mas um agregado. Em outras palavras, cada elemento que compõe a rede ou a malha é também uma espécie de malha. Essa perspectiva, segundo o próprio Ingold (2015, p. 119), seria o que difere sua teoria da malha e dos fluxos da Teoria Ator-Rede de Bruno Latour. Apesar dessa contraposição demarcada pelo próprio antropólogo britânico, sob determinada perspectiva as diferenças não me parecem tão contundentes, como será mostrado mais adiante.

Ingold inspira-se no conceito de linhas de fuga ou linhas de devir, de Deleuze e Guattari,²² segundo o qual tudo é composto por um conjunto de linhas, formando feixes de linhas de devir. Segundo essa perspectiva, uma ponte, por exemplo, conectaria

21 É importante novamente ressaltar que relato essa mudança de posição no texto justamente por pensá-lo, por inspiração latouriana, não como uma descrição dos resultados prontos da pesquisa, mas como laboratório. Da mesma forma que a rede é tecida, compondo-se pelos atores-rede, o relato textual compõe-se em uma descrição de erros, acertos, mudanças de percursos, enfim, tudo o que ocorre durante esse experimento – não simplesmente colocado no papel, mas sendo construído, *acontecendo* nele.

22 No prefácio de “Estar Vivo”, Ingold comenta o fato de muitas das suas inspirações advirem de trabalhos filosóficos, e não antropológicos. De forma bem-humorada, refere-se aos filósofos como autores que parecem encobrir seus argumentos com “obscuridade” (INGOLD, 2015, p. 11). Ainda que acredite que muitos possam considerar seu trabalho mais próximo da filosofia que da antropologia – e que não faça objeção a isso – o autor reafirma-se como antropólogo.

um lado ao outro do rio, enquanto este não interligaria dois pontos específicos, mas simplesmente fluiria. Para o autor, o trabalho de “restaurar a vida” para a antropologia seria o de observar o rio, ou seja, acompanhar o fluxo dos materiais, seus feixes de linhas de devir (INGOLD, p. 40-41). Dessa forma, ao contrário de entes fechados, estanques e bem delimitados, cada elemento componente do mundo teria uma superfície que “transborda” no ambiente, não sendo apenas um objeto, mas uma “coisa”. Tal conceito é inspirado no ensaio *A coisa*, de Heidegger (1971), em que o filósofo difere objetos e coisas: enquanto os primeiros seriam um fato consumado passível de inspeção, as segundas seriam acontecimentos que podem ser observados em uma participação mais ativa do outrora apenas observador. Essa coisa é um tipo de nó, um emaranhando onde os fios da vida, as linhas de devir, se encontram e se entrelaçam. Uma árvore, por exemplo, pode ser vista a princípio como algo simples e bem delimitado. Porém, ao considerarmos suas relações e como suas linhas se encontram e se misturam com outras, de outras “coisas”, os limites parecem não ser tão delineados:

O que é árvore, e o que é não árvore? Onde termina a árvore e começa o resto do mundo? Essas não são questões fáceis de responder [...]. A casca, por exemplo, é parte da árvore? Se eu retiro um pedaço e o observo mais de perto, constatarei que a casca é habitada por várias pequenas criaturas que se meteram por debaixo dela para lá fazerem suas casas. Elas são parte da árvore? E o musgo que cresce na superfície externa do tronco, ou os líquens que pendem dos galhos? Além disso, se decidimos que os insetos que vivem na casca pertencem à árvore tanto quanto a própria casca, então não há razão para excluirmos seus outros moradores, inclusive o pássaro que lá constrói seu ninho ou o esquilo para o qual ela oferece um labirinto de escadas e trampolins. Se consideramos que o caráter dessa árvore também está em suas reações às correntes de vento no modo como seus galhos balançam e suas folhas farfalham, então poderíamos nos perguntar se a árvore não seria senão uma árvore-no-ar. Essas considerações me levam a concluir que a árvore não é um objeto, mas um certo agregado de feixes vitais. É isso que entendo por coisa (INGOLD, 2012, p. 28-29).

Portanto, os fios que partem dos nós que os aglomeram acabam por se conectarem aos outros fios de outras coisas – e, doravante, usarei o termo coisa nesse sentido ingoldiano – formando um tecido, a malha da vida. A coisa não está, portanto, conectada, ela é conexão, cabendo-nos estudar essas linhas de devir. Também por isso é impossível dissociar os atores da malha ou rede, pois eles são a própria malha ao mesmo tempo em que ligam-se nela, e não por ela. Ingold (2015, p. 118-119) aborda essa perspectiva em um interessante passo a passo gráfico, onde representa o que seria um organismo ou objeto, algo aplicável a humanos e não humanos. Pensado como organismo ou objeto delimitado, diferente, portanto, de uma abordagem que privilegie associações e conexões, a princípio ele poderia ser representado como um círculo ou ponto simples.

Mas o organismo poderia muito bem ser representado pelo seu processo de crescimento, pela linha que representa seu fluxo, seu devir. Essa forma, entretanto, é radicalmente diferente de um círculo ou ponto. Ela pode ser comparada ao já citado exemplo do rio, cuja própria natureza é o fluir e não necessariamente a interligação entre dois pontos distintos. Esse objeto aproxima-se mais de uma perspectiva de atuação, ao contrário da de uma entidade estática, fechada e impenetrável. Seria, assim, como uma linha em fluxo.

Embora essa representação denote a natureza fluida do objeto ou ator, não leva em conta sua interrelação com outros elementos similares. A coisa, com seus fios ligados a outros indefinidamente, apesar de ser um pouco mais delineada em seus nós, é ainda atrelada às outras coisas, em uma malha. Portanto, a linha só poderia ser referir a um organismo ou objeto de forma extremamente simplificada. “Nenhum organismo complexo é assim. Em vez disso, as vidas dos organismos geralmente se estendem ao longo não de uma, mas de várias trilhas, saídas de uma fonte” (INGOLD, 2015, p. 119). Uma representação mais exata, portanto, tende a se parecer mais como um recorte da malha, no qual se considera vários fluxos interligados dos quais a coisa é composta, como numa tapeçaria onde vários fios se entrelaçam.

A inspiração de Ingold para o a utilização do termo malha vem, mais uma vez, da filosofia. O antropólogo cita as comparações feitas por Henri Lefebvre (1991) entre as trilhas e caminhos percorridos pelas pessoas no espaço, como em suas vilas e cidades, à escrita das palavras em um texto. Esse ritmo, tanto do texto quando dos atores humanos – e também não humanos, conseqüentemente – pode ser considerado mais uma textura que uma composição (INGOLD, 2012, p. 39).

Ainda que sua inspiração venha dos processos científicos, feitos no laboratório e às vezes artificiais – o que não significa que sejam falsos ou tenham uma valoração negativa – o ator-rede de Bruno Latour assemelha-se à coisa ingoldiana na medida em que também faz parte de uma intrincada e interligada realidade. Assim como a coisa deixa seus rastros, o ator-rede de Latour conecta-se a outros atores-rede, também sendo indissociável do ambiente – a rede, daí o nome – possibilitando dessa forma seu rastreamento através dos fluxos/conexões:

Um ator-rede é rastreado sempre que, no curso de um estudo, se toma a decisão de substituir atores de qualquer tamanho por sítios e locais e conectados, em vez de inseri-los no micro e no macro. As duas partes são essenciais, daí o hífen. A primeira parte (o ator) revela o minguado espaço em que todos os grandiosos ingredientes do mundo começam a ser incubados; a segunda (a rede) explica por quais veículos, traços, trilhas e tipos de informação o mundo é colocado *dentro* desses lugares e depois, uma vez transformado ali, expelido de dentro de suas estreitas paredes. Eis por que a “rede” com hífen não está aí como presença sub-reptícia do Contexto, e sim como aquilo que conecta

os atores. [...] Não há uma macrosociologia e uma microsociologia, mas sim duas maneiras diferentes de visualizar a relação macro-micro: a primeira elabora uma série de bonecas Matryoshka russas – a pequena é desconecta, a grande encaixa; a segunda desdobra conexões – a pequena se desconecta, a grande conecta (LATOUR, 2012, p. 260, grifos do autor).

Há, então, algo que difere a rede e o ator-rede latourianos da malha e da coisa ingoldianos? Ainda que a contraposição entre os dois autores seja assumida, ao menos, por parte de Ingold, que frequentemente critica a teoria ator-rede (INGOLD, 2015, p. 145-151), as similaridades são visíveis. Observando-se mais detalhadamente a definição de rede proposta por Latour (2012), encontra-se mais semelhanças que diferenças. O autor admite que a metáfora da rede não é totalmente adequada, pois

não é feita de fios de nylon, palavras ou substâncias duráveis; ela é o traço deixado por um agente em movimento. Você poderá estender para secar suas redes de pesca, mas não um ator-rede: ele tem de ser traçado de novo pela passagem de um outro veículo, outra entidade circulante (LATOUR, 2012, p. 194).

Como descrita acima, a rede se assemelha, de fato, a uma trilha ao longo da qual o ator vive e interage e não mera conectividade entre pontos distintos. Ingold (2012, p. 40) admite que o embate entre as duas teorias pode também ser resultado de questões relativas às suas traduções. O termo original criado por Latour é, em francês, *acteur réseau*, podendo a palavra *réseau* se referir, nesse idioma, tanto à rede quanto ao verbo tecer. Ao ser traduzido para o inglês como *actor-network*, o sentido mais específico anglofônico de *network*, rede, pode ter emprestado à teoria uma metáfora um pouco destoante do sentido original proposto pelo francês. Encerrando a discussão, Tim Ingold (2012, p. 41) utiliza como analogia a imagem do micélio, uma colônia de fungos cujas extensas ramificações se emaranham ao longo do ambiente em que vivem. Seus filamentos, chamados hifas, podem se estender por grandes espaços enquanto interagem com a matéria orgânica, animais e vegetais. Trata-se de um organismo único, mas que pode se ramificar por florestas inteiras (STAMETS, 2005, p. 49). De fato, a estrutura do micélio apresenta semelhança com a representação esquematizada de uma malha (INGOLD, 2015, p. 119).

Não pretendo estender ainda mais esta discussão acerca das diferenças teóricas entre a malha, desenvolvida e defendida por Ingold, da rede, conceitualmente usada por Latour. Vejo ambas as proposições como válidas por partirem de premissas básicas comuns, aqui utilizadas para o desenvolvimento subsequente deste trabalho. Uma delas é a forma de abordagem sobre a possibilidade da (in)existência de uma ordem social pré-estabelecida ou isolada dos atores que a compõem. A sociedade, vista como um meio onde as ações sociais ocorrem, é substituída, em ambas teorias, por uma textura composta por conexões ou associações. Os atores não agem dentro de

contextos específicos, são as próprias ações os elementos constituintes da realidade. Essa interação não os liga simplesmente, mas cria uma interrelação – como um tecido onde os fios se entrelaçam pouco a pouco ou como as hifas do micélio que se espalham pelo ambiente. Seja na malha da vida ou na rede composta de atores, a compreensão da realidade baseia-se na interação, nos fluxos incessantes por meio dos quais humanos e não humanos indistintamente coexistem.

A natureza desses atores também é um fator relevante ao buscarmos articular o pensamento dos dois autores. Ao mesmo tempo em que os atores ou coisas encontram-se trafegando nessa torrente de fluxos, os mesmos são fluxos, ou seja, resultados de interações; conforme já comentado anteriormente, não apenas fazem conexões, mas são as próprias conexões. Embora a principal crítica ingoldiana à teoria latouriana seja, na visão do antropólogo britânico, que a mesma ainda considera os atores como organismos individuais bem delimitados, uma análise mais aprofundada do desenvolvimento da Teoria Ator-Rede, como vimos, não parece corroborar essa afirmação. Em ambos os casos, o que se vê é que a coisa ou o ator-rede, sejam eles humanos ou não humanos, não se caracterizam como entidades fechadas, mas transbordantes e interconectadas.

É, portanto, dessa forma que pretendo analisar os seres extraterrestres dos quais trato neste trabalho: como coisa, no sentido proposto por Ingold (2012, p. 30), algo composto por suas diferentes linhas ou associações. É importante, ainda, novamente reafirmar reconhecidas as similaridades entre a coisa e o ator-rede. Opto, porém, pelo primeiro termo, devido ao fato de o último estar mais intimamente relacionado à teoria específica que leva seu nome – a Teoria do Ator-Rede. Por sua vez, o conceito de coisa, de inspiração heideggeriana, demonstra-se uma nomenclatura mais fluida, não tão compartimentada em uma teoria exclusiva. Também doravante utilizarei tanto o termo malha como rede, mas pensando ambos como a metáfora do emaranhado, do tecido, da textura do mundo; não como conexões independentes como se poderia pensar, erroneamente, da rede. Uma vez colocadas essas balizas teóricas, passemos à tentativa de demonstrar como os ETs, entendidos como coisas, atuam como fluxos entre as diferentes expressões sociais, culturais e religiosas.

Embora tenham surgido e ganhado força no final da década de 1950, frequentemente o assunto dos objetos voadores não identificados volta a movimentar a opinião pública. Entre ufólogos e grupos religiosos relacionados a OVNIs e extraterrestres, obviamente, o assunto não perde força, mas, em certos momentos, ele extrapola desses grupos mais intensamente interessados e volta a circular. Isso pode ocorrer por diferentes motivos. Em alguns casos, essas “ondas”, como costumam chamar tanto os envolvidos na ufologia quanto a mídia e pesquisadores²³, podem se originar de um crescente número de relatos de testemunhas, como na década de 1950, ou como nos anos 1990, com as polêmicas envolvendo supostos contatos com seres extraterrestres. Alguns exemplos desse último período são os casos do ET de Varginha, no Brasil, e do chupa-cabras,²⁴ por toda a América Latina. Como já mostrado anteriormente, essas narrativas populares chegam à mídia e são amplamente difundidas.

23 O já citado trabalho de Santos (2009) relata como a mídia do Brasil noticiou diversas ondas de avistamentos de discos voadores entre as décadas de 1940 e 1950.

24 O “chupa-cabras” é uma criatura supostamente responsável por estranhas mutilações em rebanhos animais. Enquanto para alguns, trata-se de um animal desconhecido, como o “pé-grande” e similares, ufólogos acreditam tratar-se de um ser inteligente. As teorias nesse sentido variam de ETs fazendo pesquisas genéticas nos animais da Terra a predadores alienígenas ou animais geneticamente modificados (MACHADO, 1999).

O contrário, porém, também ocorre, com o tema voltando à baila a partir de alguma produção jornalística. No final de 2017, blogs e sites de notícias dos Estados Unidos tiveram acesso a um vídeo secreto mostrando a perseguição de um caça militar a um OVNI no país. Na gravação, feita do ponto de vista da cabine do avião, é possível ver o objeto de formato diferente de aeronaves convencionais e as exclamações de surpresa do piloto, em comunicação, dizendo ver não apenas o objeto mostrado, mas uma espécie de frota. O OVNI, de acordo com a gravação, teria uma “aura brilhante” ao seu redor. Mas o que poderia ser mais uma montagem em vídeo circulando na internet não estava em nenhum site sobre ufologia, e sim reportagem de destaque no *The New York Times*. Segundo o jornal, os vídeos não só eram verdadeiros como também faziam parte de um programa oficial do governo americano para pesquisas sobre objetos voadores não identificados, o *Advanced Aerospace Threat Identification Program*. Munida de entrevistas com ex-membros do projeto e documentos, a reportagem aponta que foram gastos cerca de 22 milhões de dólares com a pesquisa, entre os anos de 2007 e 2012 (COOPER et al., 2017).

Não é preciso ir muito para se imaginar o impacto da reportagem para grupos que há décadas se atém às ideias de pesquisas governamentais secretas sobre discos voadores e extraterrestres, debatendo as mais diversas teorias em suas revistas, livros e, mais recentemente, *sites*, *blogs* e redes sociais. Mas ainda que a investigação partisse de um órgão de imprensa renomado, poderiam restar algumas dúvidas sobre a veracidade da questão – afinal, perseguições de naves de combate a OVNI são um clichê cinquentenário. Dois anos depois, porém, até os mais céticos seriam surpreendidos. Em 2019, Joseph Gradisher, um porta-voz da Marinha americana, vai a público confirmar a veracidade das imagens. Pela primeira vez, em mais de cinquenta anos, um órgão militar do governo dos Estados Unidos admitia o interesse e a pesquisa em objetos voadores não identificados. No entanto, nas entrevistas à imprensa, Gradisher deixava claro que os militares não faziam ideia do que eram os objetos – e sequer se eram de fato um objeto – chamando-os de *unidentified aerial phenomena*, ou seja, um fenômeno aéreo não identificado (EPSTEIN, 2019, recurso *online*). Um ano depois, o Pentágono divulgou os três vídeos de forma oficial. Em entrevista, uma porta-voz do órgão governamental americano afirmou que a intenção era desmistificar quaisquer boatos sobre a veracidade ou existência de outros vídeos. Ainda de acordo com a porta-voz, foi feita uma análise para verificar se as imagens não interfeririam em nenhuma investigação subsequente (CONTE, 2020, recurso *online*).

Apesar do cuidado no tratamento do assunto, era de se supor que o incidente fosse traduzido como uma confirmação governamental da existência de discos voadores. Ainda que junto com a confirmação dos vídeos viesse a negação de que se tratassem de naves espaciais, a construção cultural dessa ideia, ocorrida nas últimas décadas, como demonstrado no segundo capítulo, prevaleceria. A dinâmica do segredo, aqui,

é fundamental na compreensão da relação entre a possível realidade extraterrestre e os governos. Acertadamente, Carlos (2007, p. 84) observa como a ufologia cria certas alteridades para sua autoexaltação como *locus* de saber. O Estado conspirador, visto como uma entidade abstrata e inacessível, que ocultaria a realidade do fenômeno, seria uma dessas alteridades. As respostas sobre o porquê disso também são fruto de amplos debates dentro dos meios ufológicos. Se extraterrestres e suas naves existem, por que esconder isso da população? Uma das respostas mais comuns a essa indagação são de amplo conhecimento por todos aqueles que já consumiram produtos de mídia, como filmes ou livros, sobre invasões extraterrestres: a evitação do pânico da população. Mas se nas obras ficção o que se vê são extraterrestres beligerantes, promovendo invasões para pilhar os recursos da Terra, o inverso também ocorre. Conforme vimos no segundo capítulo, os primeiros contatados que traziam mensagens de ETs benévolos já sugeriam que os mesmos estavam preocupados com as capacidades nucleares das forças militares humanas. Essa mesma questão é frequentemente abordada por ufólogos e seus métodos investigativos, sob a mesma chave interpretativa do segredo/conspiração. Nesse caso, as mensagens não são trazidas por contatados, mas por ex-militares e testemunhas que dizem presenciar intervenção direta de extraterrestres nos arsenais nucleares. O trecho abaixo, retirado de uma matéria publicada na Revista UFO, demonstra basicamente esse tipo de narrativa:

O incidente ocorreu no dia 16 de março de 1967 numa base de lançamento de mísseis nucleares que tinha o codinome November e ficava perto da Base Aérea de Malstrom, em Montana, nos Estados Unidos. Por várias horas, os mísseis foram desligados e Salas [o ex-militar entrevistado] era o comandante da equipe naquele dia. Segundo ele, os seguranças viram os UFOs sobrevoando o local e um deles sobrevoava o portão principal. Os mísseis foram sendo desligados em sequência. Doze horas depois, em outra base de codinome Echo, que ficava a 30 km da primeira base, fatos semelhantes se sucederam. Lá, o comandante Donald Crawford também atestou que seus mísseis Minuteman haviam sido desativados e três semanas após seguranças da Base Echo também avistaram UFOs a sobrevoando. Algumas horas após o incidente na Base Echo, os mísseis voltaram ao normal. Uma investigação oficial foi feita e nenhuma explicação racional foi encontrada. Obviamente, os testemunhos importantes foram suprimidos da investigação oficial (POLIDORI, 2020a, recurso *online*).

Esse tipo de história expressa a visão de interferência por parte de extraterrestres mais evoluídos tecnologicamente, como se tentassem proteger os seres humanos de si mesmos ou enviar alertas sobre suas capacidades destrutivas. Mas ao contrário dos casos de contatos canalizados, como o “comandante Ashtar” e similares, onde essas ações são assumidas, na ufologia de pretensões científicas elas são concluídas dedutivamente a partir de testemunhos. É esse movimento que garante, do ponto de vista dos ufólogos, um certo status científico à sua disciplina. Soma-se ainda a esse

contexto a qualificação das testemunhas, acionada para garantir credibilidade aos relatos. É o que podemos observar em outro caso, ocorrido no ano de 2015, quando o tabloide britânico *The Mirror* publicou falas atribuídas a Edgar Mitchell, astronauta participante da missão Apollo 14 e o sexto homem a pisar na lua. Segundo a publicação, o militar teria dito que os extraterrestres sobrevoavam os silos de mísseis nucleares, tendo ajudado na prevenção de uma guerra nuclear no período da Guerra Fria (HAMILL, 2015, recurso *online*). Embora o ex-astronauta seja conhecido por palestrar em eventos sobre ufologia, onde defende a existência de extraterrestres, Mitchell desmentiu as citações apresentadas pelo tabloide alguns meses depois, enquanto o entrevistador prosseguiu afirmando a veracidade da entrevista (SPEIGEL, 2015, recurso *online*).

Mas por que nos importa aqui entender essas ideias básicas da ufologia? Conforme orienta o sociólogo Bruno Latour (2012), para delinear um grupo, como aqui faço com os ufólogos que pregam uma vertente investigativa e pretensamente científica de sua disciplina, é necessário ouvir suas ideias, que atuam como porta-vozes e definem as características do grupo. O conceito de grupo, no entanto, não é algo estático, mas em constante movimento, trafegando entre suas ideias componentes.

[Aqueles que falam pela existência do grupo] estão sempre em ação, justificando a existência do grupo, invocando regras e precedentes – e [...] apontando uma definição às demais. Os grupos não são coisas silenciosas, mas o produto provisório de um rumor constante feito por milhões de vozes contraditórias sobre o que vem a ser um grupo e quem pertence a ele (LATOUR, 2012, p. 55).

Assim, é através de suas ideias e componentes que os próprios grupos definem quem são e quem não são. Essa perspectiva depende de uma conceituação importante para o caso aqui apresentado: uma sociologia ou antropologia simétricas, ou seja, produzidas pelos próprios atores enquanto noções em pé de igualdade com as do pesquisador, e analisadas aqui por esse último. Ao se fazer a proposição de rastrear as associações e relações referentes aos extraterrestres, é necessário compreender qual a sociologia feita pelos ufólogos em relação ao seu objeto. Não se trata de uma aceitação passiva da visão nativa, mas, conforme Viveiros de Castro (2002, p. 135-136), de colocá-la como conceito, sem que isso necessariamente implique em algum tipo de juízo de valor, seja como crítica, negação ou aceitação. A intenção, assim, é reconhecer que existem mecanismos conceituais pelos quais tal pensamento se estabelece. Cabe ao pesquisador entender o que a ideia do nativo mostra sobre os conceitos relacionados aos seus dizeres.

Nos dois exemplos demonstrados há pouco, portanto, foi abordado o conceito delineado pela ufologia de uma interferência extraterrestre na vida humana. Mas o debate interno desse campo demonstra uma oscilação entre dois polos. Essa interferência parece se apresentar ora como negativa, ora como positiva. Tomemos como modelo a ideia de interferência relativa ao uso da energia nuclear. Nesse caso, as construções dos

ufólogos parecem sustentar uma espécie de auxílio por parte dos supostos alienígenas, alertando sobre o potencial destrutivo desse tipo de tecnologia. Ou seja, uma relação positiva, como se esses seres, aparentemente superiores, se ocupassem de guiar as ações humanas de acordo com certos padrões de moralidade. É importante notar ainda que as narrativas acompanham os debates da geopolítica mundial. Se durante os períodos do pós-guerra e da Guerra Fria a ênfase dos relatos de contatos e testemunhas eram sobre a preocupação dos extraterrestres com perigo dos armamentos nucleares, o uso de energia nuclear também seria gradativamente abordado – em consonância com as preocupações ambientais emergentes. Um articulista da Revista UFO, em 2017, aponta narrativas ufológicas interessantes nesses dois sentidos: uma, referente à década de 1950, mas já relacionada às preocupações energéticas, e outra bem mais atual, relativa ao desastre nuclear de Fukushima, em 2011:

Segundo afirmam algumas testemunhas, em fevereiro de 1954, o presidente Dwight Eisenhower encontrou-se com humanoides extraterrestres que chegaram em cinco naves e aterrissaram na Base da Força Aérea de Muroc [Atualmente Base Aérea de Edwards], na Califórnia. Ainda segundo estas testemunhas, parte do comunicado dos alienígenas dizia que devíamos parar com o programa nuclear em troca de eles nos ajudarem com o desenvolvimento de tecnologia limpa — somente assim teríamos um primeiro contato oficial apropriado com outras inteligências cósmicas. Aparentemente, a oferta foi recusada. [...]

Em março de 2011, a devastação causada por um tsunami ocasionou o derretimento e depois a explosão dos reatores na usina nuclear de Fukushima. Acredita-se que o lançamento de material radioativo deste desastre esteja afetando não só o Japão, por meio do ar, terra e mar, mas também outros países do Sul do Pacífico, incluindo o Havaí e a costa oeste do Canadá e dos Estados Unidos. Filmagens de esferas de luz, também chamadas de orbs, e de objetos em forma de discos foram feitas na hora do desastre, perto da área devastada pelo tsunami (FOSTER, 2017, recurso *online*).

Assim, nessa visão, seja como matriz energética ou por sua exploração bélica, a utilização de energia nuclear parece exigir medidas de alerta por parte dos extraterrestres. Um ufólogo norte-americano, em entrevista também para a Revista UFO, resume bem esse posicionamento da ufologia:

Assim como a maioria de minhas fontes pensam, também creio que os tripulantes dos UFOs estão tentando alertar as potências mundial quanto ao perigo potencial dessas armas para o futuro da raça humana. Talvez também estejam demonstrando seus poderes superiores ao governo dos Estados Unidos e da Rússia, principalmente, com a intenção de intimidá-los, para que os militares de cada um desses países saibam que eles, os ETs, são capazes de lidar facilmente com qualquer reação hostil de nossa parte. Há outras explicações possíveis para o que tem ocorrido, mas creio que este cenário é o que melhor apresenta os fatos (LEAL, [s.d.], recurso *online*).

Nesse pequeno trecho, que se refere a uma possível intimidação, pode-se já reconhecer o aspecto oposto dessa aventada relação entre os extraterrestres e os humanos: a vertente prejudicial, ou negativa, da qual abundam também relatos. Um desses episódios mais conhecidos é o fenômeno do “chupa-chupa” ocorrido no norte do Brasil. Nos últimos meses do ano de 1977 a população ribeirinha de pequenas localidades dos estados de Maranhão e do Pará passaram a relatar o avistamento de estranhas luzes nos céus. Em uma narrativa digna de uma obra de ficção de terror, pescadores e agricultores diziam ser atacados por feixes de luz, que sugavam seu sangue e os deixavam em estados alterados, com crises nervosas e tonturas. Segundo os testemunhos, era possível identificar nos locais afetados pelas luzes, principalmente na cabeça e no tórax, duas incisões como agulhas e uma espécie de queimadura. A população dos vilarejos passou a se organizar para combater o “chupa”, como ficou popularmente conhecido. Muitos soltavam fogos de artifícios na tentativa de afugentar as estranhas luzes, enquanto famílias se reuniam fazendo novenas e orações. Outros se revezavam, armados, em vigílias durante as noites (SUENAGA, 1999, 151-164).

A mídia cobriu amplamente os acontecimentos, e diversos jornais passaram a noticiar que discos voadores aterrorizavam os ribeirinhos. O chupa-chupa e os relatos passaram a ganhar manchetes de jornais da região. Tostes e Santos (2019) avaliam que, embora essas matérias²⁵ do período obedecessem ainda aos cânones jornalísticos de seriedade e objetividade na apresentação dos fatos, as mesmas faziam também uso de uma forma de linguagem mais afeita às narrativas fantásticas, criando um referencial estético dramático o suficiente para chamar a atenção do público leitor.

A situação chegou ao ponto de os prefeitos da região contactarem a Força Aérea Brasileira, que enviou militares para uma investigação. A Operação Prato, como foi batizada, produziu uma série de documentos que constavam como confidenciais até 2009, quando foram digitalizados e liberados no Arquivo Nacional. O documento referente à operação tem 160 páginas e o objetivo título “Registros de observações de OVNI’s”. O relatório inclui dados detalhados da observação das testemunhas civis e militares, fotos dos OVNI’s e croquis desenvolvidos pelos observadores da aeronáutica, demonstrando a trajetória de voo dos objetos. Dentre as inúmeras imagens digitalizadas, é possível ver pontos de luz de formatos variados e sem silhuetas ou contornos muito aparentes, mais indicados pelas descrições dos casos, minuciosamente relatados. Em uma página do documento, que referencia os observadores como sendo “Equipe do A2/I COMAR”,²⁶ consta:

25 Em outra pesquisa, Fernandes e Barbosa (2016) afirmam que a construção midiática teve também impacto na memória do local. De fato, as cidades paraenses e maranhenses, décadas depois, ainda são abordadas em matérias jornalísticas sobre os fenômenos (BERNARDO, 2017, recurso *online*). No município de Colares, no Pará, assim como Varginha, em Minas Gerais, é possível encontrar a temática extraterrestre na decoração de praças e outros locais públicos (MORADORES..., 2019, recurso *online*).

26 Sigla para Comando Aéreo Regional (BRASIL, 2008).

DESCRIÇÃO: Corpo luminoso emitindo lampejos azulados, de forte intensidade luminosa. [...] Além da luminosidade descrita, o OVNI apresentava um pequeno semicírculo avermelhado na parte superior. [...] Trajetória curva à direita, descendente e ascendente. [...] Sentido de deslocamento Sudoeste/Nordeste. Ausência de ruído ou deslocamento de ar (BRASIL, 1978, p. 21).

Fica claro, portanto, que assim como no caso recente do programa da Marinha dos EUA, os militares brasileiros também se interessaram pelos objetos voadores não identificados. Porém, também de forma similar ao caso americano, não há nenhuma indicação de que tais objetos fossem naves pilotadas ou extraterrestres. O documento “Registros de observações de OVNI” apresenta descrições minuciosas, mas nenhuma conclusão sobre o que teria acontecido às margens dos rios no norte do Brasil. Para nós, no entanto, é isso que torna a questão ainda mais interessante. É justamente por não dizer – ao menos do ponto de vista de alguns atores envolvidos – que o relatório diz ainda mais, pois os sentidos referentes à conclusão sobre as luzes chupa-chupa precisam ser construídos para preencher esse vácuo. O disco voador, assim, torna-se “uma ausência presente, um vazio cheio de infinitas possibilidades desdobradas constantemente, que, contudo, nunca são ou se apresentam realizadas em plenitude” (SILVEIRA, 2016, p. 18).

Usando aqui os termos de Latour (2012), pode-se considerar o relatório oficial sobre os OVNI um ator na rede de significados, que trafega em diversas direções na tentativa desse preenchimento. Para este autor, os atores podem atuar como mediadores ou intermediários. Enquanto os mediadores têm interferência direta nas relações, os intermediários apenas transportam significados, sem atuar para sua transformação. É importante ainda destacar que esta não é uma classificação imóvel. Uma conversa entre duas pessoas pode atuar como mediadora quando se desencadeia em discussões complexas, originando controvérsias; mas pode também ser um intermediário quando é monótona e repetitiva, como no caso de reuniões infrutíferas. Um computador em funcionamento normal é um intermediário que não alimenta controvérsias, mas quando apresenta algum defeito tende a se tornar um mediador, requerendo e desdobrando novos fluxos de ação. A classificação encontra-se, portanto, não no objeto ou no ator, mas novamente, em suas relações e associações (LATOURE, 2012, p. 65-66).

Assim, o citado relatório atua como um mediador justamente por não emitir uma conclusão clara, algo que estimula a controvérsia entre outros atores. Tem-se a ideia de que algo “oficialmente” ocorreu, mas as respostas passam a ser de responsabilidade do restante da rede. As narrativas dos ufólogos independentes, nesse caso, baseiam-se nos relatos populares sobre os elementos perniciosos – medo e pânico dos avistamentos no céu, luzes que sugam sangue, pessoas feridas etc. – para concluir que se tratava de extraterrestres nocivos. Contribuíram para isso, é importante

salientar, entrevistas posteriores do então capitão Uyrangê Hollanda, que liderou a Operação Prato. O militar se tornou uma figura conhecida no meio ufológico após conceder uma entrevista à Revista UFO, no ano de 1997, e aparecer em programas televisivos. Reformado sob a patente de coronel, Hollanda dizia que após ter saído da ativa poderia enfim revelar o que ocorrera durante a operação. Afirmava que os OVNIs eram reais, tendo testemunhado a presença de naves de formatos variados e que realmente ficara constatado o ataque aos ribeirinhos. Em um trecho da entrevista, o militar admitia acreditar que os OVNIs eram tripulados e faz suposições sobre seus possíveis objetivos:

Concluí outra coisa a respeito de por que aqueles seres estariam fazendo isso. Se eu fosse eles e precisasse de um aparecimento aberto, franco, direto, o que teria que fazer? Proteger a mim e a meus companheiros. Mas como? Sabendo o que cada um possui dentro de seu próprio organismo que possa danificar o meu, entende? Essa defesa só poderia ser feita se tivesse uma amostra do nosso sangue e tecidos. Não foi difícil imaginar que eles estivessem fazendo coleta de material genético, para ver o que continhamos que pudesse danificá-los num contato necessário futuro, certo? Não só sangue, mas também nossas células. Não sei ao certo o que essa luz com alta energia podia fazer, ou se transportava partículas do corpo humano para serem analisadas mais tarde. Hoje ainda não compreendo o tal processo de clonagem. Na época, não pensei em nada disso, a não ser que eles estavam coletando material que pudesse prejudicá-los num possível contato próximo (OS RESULTADOS..., 1997, recurso *online*).

É importante destacar, novamente, que a afirmativa partia do comandante da Operação Prato, quase duas décadas depois da mesma e de forma extraoficial. Suas conclusões e especulações pessoais integram a construção de sentido a partir da controvérsia, conforme assinalado anteriormente, inclusive dando margem à possibilidade extraterrestre, aventada também pelos ufólogos. Unem-se a essas narrativas os testemunhos dos civis, moradores da região – não necessariamente operando em termos relativos à possibilidade extraterrestre, deve-se destacar. Em uma etnografia feita em Colares, Almeida (2015, p. 274-277) comenta que nem sempre os moradores associavam o chupa-chupa a extraterrestres. As referências costumavam girar mais em torno das fortes luzes que perseguiram e espreitavam pessoas dentro de suas casas, seus efeitos físicos, como roxos e marcas em formato de agulhas e até referenciais cristãos. Outro fator que parece ser unanimidade nos relatos é o pavor que toda a situação infundiu nas comunidades.

Dentre as muitas histórias e casos sobre discos voadores e extraterrestres, a questão genética parece ser relevante. As narrativas ufológicas mencionam abduções, ou seja, o sequestro de pessoas por naves interplanetárias, onde estas passam por experiências feitas pelos ETs, tendo óvulos ou sêmen retirados. Outras vezes, ocorrem relações sexuais consensuais. O próprio coronel Uyrangê, como vimos, acreditava

que as luzes chupa-chupa tinham o objetivo de recolher material genético dos seres humanos. Nesse aspecto, relacionado à genética, também as narrativas ufológicas variam entre “bem” e “mal”. Parece haver um consenso que, muitas das vezes, a finalidade é a criação de seres híbridos, com DNA humano e extraterrestre. A variação, entretanto, ocorre no objetivo dessa ação. Alguns entusiastas da ufologia veem essas supostas experiências como um ato de preparação para uma invasão alienígena, que não ocorreria pela chegada de uma frota de discos voadores, mas pela gradativa substituição dos seres humanos por híbridos.²⁷ Uma fala do ufólogo David Jacobs, publicado no site da Revista UFO, demonstra essa perspectiva alarmista:

As provas que tenho encontrado apontam para uma direção e esta é a de uma integração de híbridos²⁸ na sociedade humana, para uma tomada final. Não encontrei quaisquer provas em contrário. Mas, se os alienígenas desejam a Terra, então os humanos são um obstáculo. Tomar um planeta sem vida inteligente seria muito mais fácil do que tomar um outro com vida inteligente e uma população detentora de tecnologia, o que poderia significar uma resistência à invasão. Se um planeta-alvo tem uma civilização tecnológica — neste caso, a Terra —, os alienígenas têm várias opções. Poderiam destruir essa civilização. Poderiam convencer os humanos de que a tomada é de nosso interesse, permitindo assim uma transição suave. Ou poderiam tomar o planeta e sua civilização sem o conhecimento das pessoas e manter uma sociedade global controlada por eles. A primeira opção jamais foi escolhida. A segunda opção jamais foi oferecida. A terceira opção parece já estar em curso (JACOBS, 2017b, recurso *online*).

Por outro lado, outros veem os híbridos em sentido salvacionista, como uma geração de humanos evoluídos com capacidade de salvar o planeta de seus inúmeros problemas. Seriam seres “ligados a avançadas civilizações extraterrestres, originárias de diversos planetas e que vêm à Terra há milênios para provocar mudança gradual e positiva na mentalidade e na genética da espécie humana” (POLIDORI, 2019c, recurso *online*). A questão dos híbridos benévolos tem desdobramentos interessantes, inclusive entre grupos religiosos, promovendo diferentes cruzamentos de fluxos de ideias. Isso merecerá nossa atenção especial e pormenorizada no último capítulo. Por hora, não pretendo me estender nessa questão, que será tratada no capítulo final, apenas a adianto para destacar os diferentes polos referentes à ideia de interferência dos extraterrestres segundo a lógica das vozes diversas da ufologia. Temos, assim, em um polo positivo, narrativas de ETs preocupados com a humanidade, como nos casos

27 Trata-se de uma temática recorrente em obras de ficção. A invasão extraterrestre por híbridos infiltrados foi a base do roteiro da famosa série televisiva norte-americana Arquivo X.

28 O termo “híbrido” é um neologismo criado pelo ufólogo para se referir a híbridos extraterrestres fisicamente idênticos aos humanos.

de alerta sobre os perigos nucleares e da criação de híbridos salvadores. De forma negativa, está o risco da invasão, tanto do planeta como dos corpos humanos.

Ao continuarmos nossa perseguição ao conceito de extraterrestre, iremos encontrar referências a esses tipos de interferência, em sentido amistoso ou não, em grupos religiosos. O pensamento Nova Era e as cosmologias de alguns Novos Movimentos Religiosos são significativos nesse sentido, como já adiantei no capítulo segundo. Em trabalhos anteriores, foi possível compreender o desenvolvimento de um desses movimentos. Embora essa análise mais detalhada possa ser encontrada nessas publicações²⁹, é importante minimamente contextualizá-lo aqui.

Assim como em diversos movimentos que se organizam em torno de um líder carismático que afirma ter entrado em contato com seres extraterrestres, a Comunidade Figueira, situada na zona rural da cidade de Carmo da Cachoeira, no sul do estado de Minas Gerais, surge a partir das experiências de José Trigueirinho Netto. Cineasta de certa evidência pela direção do filme *Bahia de todos os santos* (1960), Trigueirinho inicia seus trabalhos como espiritualista no final da década de 1980 com a publicação de livros que narravam seus encontros com seres extraterrestres e intraterrenos, humanoides espiritualmente evoluídos que viveriam no interior da Terra. Segundo Trigueirinho, sua modificação teria ocorrido após uma espécie de batismo, chamado por ele de transmutação monádica, ocorrido em um vale da Argentina, com a orientação de um extraterrestre e ajuda de naves espaciais (TRIGUEIRINHO NETTO, 2010a, p. 84-85).

A Comunidade Figueira, hoje chamada Comunidade-Luz Figueira, é fundada em 1987, funcionando de forma similar às comunidades ligadas ao imaginário Nova Era. Segundo etnografia de Borges (2011, p. 73) as atividades eram relacionadas a preocupações éticas e ecológicas, como preservação ambiental, sustentabilidade, cuidados aos animais e vegetarianismo. A partir de 2008, a comunidade sofreria uma gradativa reorientação de inspiração católica, com a chegada de um grupo de uruguaiois que diziam ser videntes de Maria. Eles passam a viver em Figueira e, conjuntamente com Trigueirinho, fundam uma ordem religiosa a qual intitulam Ordem Graça Misericórdia. Além de dar suporte às aparições, a ordem cria seus próprios rituais e hierarquias, que mimetizam práticas católicas. Os videntes uruguaiois autointitulam-se mães e freis, e a ordem passa a aceitar também novos interessados no movimento religioso. A comunidade, por sua vez, tem seu espaço modificado, com a criação de mosteiros e “centros marianos”. É importante notar ainda a possibilidade de participação das atividades religiosas em diferentes

29 Ver Camurça e Campanha (2016, 2018).

registros. Pode-se fazer visitas esporádicas para participar das atividades,³⁰ sem vínculos institucionais – algo mais em consonância com o aspecto errante da Nova Era (AMARAL, 2000) – ou se tornar um iniciado da ordem, passando a ter uma vinculação com o NMR criado por Trigueirinho³¹ e os religiosos uruguaios.

Mesmo com a ocorrência dessa mudança de orientação, é possível encontrar referências às ideias de José Trigueirinho Netto nas publicações do grupo, disponibilizadas na *internet*. A cosmologia divulgada pelo espiritualista em seus livros, ora em um léxico mais paracientífico/ufológico, ora mais cristão/teosófico, continua relevante como base dos conteúdos das aparições e nas ressignificações feitas pela ordem. São nesses escritos que se encontram as citações sobre a interferência dos extraterrestres na vida humana. Trigueirinho (2010a) defende que essas ocorrências datam dos primórdios da civilização, em um passado distante – um tempo mítico – quando esses “Irmãos Maiores” habitavam continentes perdidos, como Lemúria e Atlântida, onde auxiliavam os primeiros humanos. Essa espécie de tutoria teria ocorrido a princípio nesses continentes, onde os seres humanos teriam aprendido com os extraterrestres algumas atividades práticas para o desenvolvimento da civilização, como a construção. As visitas teriam continuado, sendo comuns nas civilizações da antiguidade, como egípcios e maias. Essas proposições são de certa forma similares às apresentadas nos livros de Erich von Däniken (2000, 2010), que afirmam a realidade material dos deuses dessas civilizações, sendo os mesmos, porém, extraterrestres. Esse tipo de narrativa se tornou comum entre entusiastas da ufologia, ganhando inclusive a alcunha própria de “ufoarqueologia”. Como bem nota Carlos (2007, p. 37-46), nesse caso, a ufologia vê o presente como um lócus privilegiado de análise, avaliando mitologias e obras arquitetônicas da antiguidade – e as interpretações de Däniken são um exemplo disso – como evidências cabais da presença extraterrestre. Da mesma forma, para Trigueirinho (2010a, p. 334), os mitos antigos sobre carruagens de fogo e mensageiros dos céus seriam uma comprovação desse intercâmbio entre terráqueos e extraterrestres.

É importante destacar ainda que para o espiritualista a interferência não diz respeito apenas a seres extraterrestres, mas também intraterrenos, como já mencionado, e outros seres espiritualmente mais evoluídos que já transcenderam o mundo material, como Maria, Jesus, José e outros santos. Todos fariam parte da “Hierarquia planetária”, um “conjunto de consciências que transcenderam a evolução material e se integraram

30 Destaco, porém, a impossibilidade em entrar na comunidade como pesquisador, ao menos durante o mestrado, no ano de 2015. A recusa da direção da comunidade foi clara, dizendo que não permitia a presença de pesquisadores, mas apenas visitantes com objetos religiosos. A decisão estaria relacionada, segundo a intermediária de minha possível visita, com a insatisfação com pesquisas anteriores feitas no local.

31 Após o falecimento de José Trigueirinho Netto, em 2018, tanto a Comunidade-Luz Figueira quanto várias outras comunidades ligadas à Ordem Graça Misericórdia prosseguem em atividade. As aparições de Maria e as mensagens de aparições de outras figuras religiosas, como José e Jesus, continuam sendo transmitidas nos canais de divulgação oficiais da ordem.

no serviço em seu sentido cósmico e abrangente” (TRIGUEIRINHO NETTO, 2010a, p.184). Essas entidades extramundanas teriam participado ativamente da evolução dos seres humanos, promovendo intervenções genéticas ao longo das eras:

Em passado longínquo, nos primórdios da formação dos corpos do homem, o código genético foi composto pelas consciências regentes da evolução das Raças, simbolicamente denominadas Jardineiros do Espaço, a partir da substância de certo dinossauro anfíbio, substância que passou por uma série de mutações, sendo nela incorporados genes de origem extraplanetária. No decorrer dos milhões de anos sucessivos, houve outras quatro incorporações de genes cósmicos (TRIGUEIRINHO NETTO, 2010a, p. 317).

Mas o espiritualista não deixa de admitir a existência de contatos beligerantes com seres extraterrestres. Nesse caso, porém, as narrativas já mencionadas – abduções e experiências traumáticas a bordo de naves espaciais – adquirem também características em consonância com conceitos ligados à espiritualidade. Segundo Trigueirinho (2010a) essas pesquisas seriam feitas por extraterrestres que, embora tivessem tecnologia suficiente para viagens interplanetárias, possuem o mesmo grau evolutivo igual o menor que o dos seres humanos. Trata-se, como se pode notar, de um conceito de evolução espiritual ou moral, daí as inclinações dos ETs a atitudes nocivas. Esse tipo de atividade é também associado pelo espiritualista a conceitos como “carma” e “transição planetária”: aqueles que sofrem nas mãos dos extraterrestes mal-intencionados passariam por isso devido a dívidas cármicas. Tais fatos, entretanto, só teriam ocorrido até a data em que o planeta passaria à sua fase de transição à Nova Era, no final dos anos 1980 – mesma época em que Trigueirinho afirma ter passado por sua iniciação. Desde então, segundo o autor, o planeta estaria protegido de extraterrestres beligerantes:

Antes de 8.8.88, na Terra tanto o espaço aéreo quanto o psíquico eram vulneráveis a toda espécie de visitação [...] São estes os protagonistas de inúmeras experiências negativas, e relatos a respeito delas foram publicados e explorados pelos meios de comunicação [...]. Após 8.8.88, todavia, esse acesso passou a ser controlado com rigor, e toda e qualquer movimentação extraterrestre é efetivada de acordo com um programa de preservação e reconstrução do planeta, estabelecido pelos Conselhos³² (TRIGUEIRINHO NETTO, 2010a, p. 477-478).

Com base no exposto, podemos de fato classificar o pensamento de Trigueirinho como inspirado por temas comuns da Nova Era, enquanto sua Ordem enquadra-se como um Novo Movimento Religioso devido ao seu processo de institucionalização. O espiritualista passa de um prolífico autor de livros sobre esoterismo, ufologia e fundador

32 Organizações extraterrestres responsáveis por determinada parcela do cosmos, como planetas ou sistemas planetários (TRIGUEIRINHO NETTO, 2010a, p. 84).

de comunidades alternativas a líder de uma ordem religiosa institucionalizada. Enquanto o movimento Nova Era se caracteriza pela desinstitucionalização, com circulação livre de ideias, filosofias, práticas e *spiritual crafts* – sendo a busca individual pelo aprimoramento do *self* a religiosidade em si – há a possibilidade de uma cristalização e organização de grupos em torno de determinadas ideias afinadas ao pensamento Nova Era. Quando ocorre essa institucionalização, como no caso de Trigueirinho e da Ordem Graça Misericórdia, tem-se o que Hanegraaff (1999a, p. 147) classifica como um tipo de religião Nova Era, um *New Age cult*, como é popularmente referenciado. Os termos “culto” ou “seita”, definem movimentos religiosos geralmente surgidos contra a ordem estabelecida e criticando a ortodoxia e institucionalidade religiosas. Do latim *sectare* – cortar –, o termo “seita” refere-se, originalmente, à cisão de uma grande religião, dando origem a um novo movimento. Sua forma de utilização mais popular, por outro lado, é algo problemática por sua carga de conotação negativa (GUERRIERO, 2006, p. 28-29).

Carozzi (1994, p. 71) expõe o contraponto entre os conceitos de “igreja” e “seita” como relacionados às suas respectivas tensões com o ambiente sociocultural no qual se inserem, onde um elemento subcultural – a seita – pode ser considerado desviante. A relação conturbada de alguns movimentos religiosos com a opinião pública, marcada pelo tratamento midiático dos meios de comunicação, é atribuída pela autora mais ao caráter de novidade das manifestações religiosas, indo contra a tradição que envolve o conceito de religião. Utilizar, portanto, o termo “Novos Movimentos Religiosos”, cunhado por Harold W. Turner (CHRYSSIDES & WILKINS, 2006 apud MACHADO, 2010, p. 146) evita, por um lado, a possibilidade de estigmatização ou quaisquer relações conturbadas com a sociedade em geral; por outro, no âmbito acadêmico, permite melhor conceituação, desde que suas características possam ser, na medida do possível, demarcadas.

Outros Novos Movimentos Religiosos também mantem uma relação ambígua com os extraterrestres e sua influência. Mas antes, devo destacar um ponto de especial atenção sobre o recorte dos grupos analisados neste estudo. Assim como vimos no capítulo anterior, trabalho aqui com uma perspectiva teórica que percorre fluxos, sendo as próprias entidades pertencentes a essa rede um conjunto, ainda que mais compacto, de seus próprios fluxos. Assim, essa *coisa*, no sentido ingoldiano, extravasa a si mesma, já que é formada por um conjunto de relações. Podemos dizer o mesmo dos grupos apresentados, sendo imprescindível não os considerar unívocos.

Os ufólogos, por exemplo, com os quais iniciamos esta parte do trabalho, são um conjunto de vozes diferentes, que reúnem sob a mesma afinidade, mas podem discordar entre si em alguns temas ou determinados aspectos de um mesmo assunto, com visto no caso da valoração sobre o objetivo das abduções extraterrestres. Essa diversidade dentro de um mesmo campo não é algo estranho para quem está

familiarizado com as pesquisas sobre a Nova Era, por exemplo. Nesse conjunto de práticas descontextualizadas de diversas tradições, a ênfase se dá no indivíduo e em sua busca reflexivista, como salienta D’Andrea (2000, p. 51-52), pelo autoaprimoramento. Essa busca coloca-o em contato com uma experiência religiosa que suscita o uso de certas metáforas para seu entendimento, como a nebulosa místico-esotérica de Champion (1989) ou, a partir da perspectiva teórica usada neste trabalho, uma malha ou rede onde o indivíduo percorre fluxos e se inter-relaciona com essa diversidade de experiências.³³ A complicada definição da Nova Era, portanto, não está tanto em suas práticas ou em uma crença comum – embora existam alguns elementos chave nesse tipo de religiosidade – mas na forma como o indivíduo se relaciona com elas. É, assim, o recorte teórico de um fluxo, ou seja, o do relacionamento individual com as práticas, que nos auxilia na compreensão.

Estamos aqui também diante de uma multiplicidade de entendimentos, seja no caso das diferentes perspectivas ufológicas, da Nova Era ou dos Novos Movimentos Religiosos relativos a OVNIs e extraterrestres. Nosso fio condutor nesse emaranhado são esses últimos, os seres de outros mundos, servindo-nos de delimitador temático e permitindo-nos avaliar sua presença em movimentos religiosos diversos. Alguns desses, no jargão de língua inglesa, costumam também ser nomeados como *UFO cults*, uma definição de certa forma problemática. Em primeiro lugar, pela já citada questão do termo *cult* – o equivalente em inglês ao conceito de seita, com a mesma carga pejorativa. Em segundo, nem sempre é possível considerar que um movimento religioso seja exclusivamente ligado a OVNIs e extraterrestres. Os diversos processos de indigenização aos quais são submetidos, dependendo do contexto cultural ao qual estão inseridos, modificam substancialmente suas cosmologias, como é possível observar no caso de Trigueirinho. Um primeiro olhar ou uma análise superficial da Ordem Graça Misericórdia e sua mimetização de práticas católicas dificilmente encontraria algo relacionados a contatos com extraterrestres. No entanto, essas experiências da biografia do espiritualista cofundador acabam perpassando também a trajetória do grupo.

Esse movimento de indigenização, comum na religiosidade Nova Era, como bem lembram Heelas e Amaral (1994), ocorre também nesses Novos Movimentos Religiosos, impossibilitando-nos uma afirmativa de pureza da temática extraterrestre ou de possíveis *UFO cults*. De fato, alguns movimentos colocam a ênfase salvacionista nos ETs e suas naves, mas há sempre processos de bricolagem com elementos diversos. Não pretendo aqui entrar em muitos detalhes sobre muitos desses NMRs, mas para nosso objetivo de avaliar como os seres de outros mundos se apresentam nos mesmos em seu caráter de interventores das atividades humanas, é interessante apontar alguns exemplos. Muitos deles, como o Movimento Raeliano Internacional, alcançaram

33 Para uma ideia da aplicabilidade das teorias do antropólogo Tim Ingold aos estudos sobre a Nova Era, ver Campanha (2019).

certa projeção no cenário mundial em meio a polêmicas difundidas midiaticamente. Como muitos movimentos similares, o raelianismo é fundado em torno da figura carismática de seu líder, o francês Claude Vorilhon, que afirma ter sido abduzido e recebido o novo nome de Rael. Segundo o profeta, como é chamado pelos membros do movimento, ele teria visitado o planeta dos Elohim: alienígenas que teriam criado os seres humanos à sua imagem e semelhança por meio de intervenções genéticas. O raelianismo destaca-se entre os movimentos relativos a OVNI e extraterrestres por sua perspectiva materialista. Segundo sua cosmologia, não existiria alma nem mesmo um Deus; a imortalidade seria alcançada através de um desenvolvimento tecno-científico que permitisse a clonagem humana e uma transferência da consciência do antigo para o novo corpo. Mas enquanto a humanidade não está apta a isso, todos os que fazem seu batismo raeliano – chamado “Transmissão do Plano Celular” – tem seu código genético transmitido telepaticamente para os extraterrestres, garantindo clonagem futura e a possibilidade de habitar o planeta dos criadores (MACHADO, 2006, p. 22).

Embora se ressalte que a maioria dos membros do movimento não vivam comunitariamente nem sejam sectários, conforme salienta Palmer (2000), a constante presença dos mesmos em manifestações públicas e as declarações polêmicas de Rael acabam tornando o raelianismo alvo de atenção midiática³⁴ – e consequentemente também de movimentos antisseita, como as ADFI³⁵ francesas.

Atualmente, o Movimento Raeliano busca um país que ceda ou venda uma área que possa abrigar a “Embaixada dos Elohim”, uma construção feita especialmente para receber os cientistas criadores extraterrestres. Segundo o site oficial do projeto (INTERNATIONAL RAELIAN MOVEMENT, 2020), o movimento já teria enviado uma mensagem para o Secretário Geral da ONU requisitando um status diplomático especial para os extraterrestres, o que garantiria as bases legais para a construção da embaixada.

Essa chegada³⁶ – ou retorno – dos extraterrestres superiores é tema recorrente também em outros movimentos. Grünschloß (2002) elenca alguns deles, como o grupo californiano Ground Crew Project, que nos 90 usava a internet para divulgar a eminente chegada de naves espaciais pilotadas por anjos. Essa tecnologia superior seria usada para ativar funções ocultas da glândula pineal, promovendo curas e modificando o DNA dos seres humanos. Outro grupo, o Brothhood of the Sun, foi fundado na década de

34 As frequentes contraposições de Rael a temas morais e religiosos tradicionais são os principais motivos de polêmica nas quais o grupo se envolveu desde sua criação. Enquanto o movimento é acusado de alienar seus membros de suas famílias, o líder toma a direção inversa e critica a instituição familiar como alienante. Outras controvérsias envolvem a defesa da livre sexualidade e de experiências genéticas, como a clonagem humana (PALMER, 2000, p. 249-251).

35 Sigla para Associations de Défense des Familles et de l'Individu, entidades francesas criadas na década de 1970 por familiares de pessoas que aderiam a certos movimentos religiosos, classificados, para a associação, como seitas perigosas e alienantes (BRIMAN, 1999). Hoje, as ADFI estão reunidas sob a coordenação da Union Nationale des Associations de Défense des Familles et de L'individu (UNADFI).

36 Exploraremos esse aspecto mais detalhadamente no próximo capítulo.

1970 e apresentava bases cosmológicas similares às dos movimentos aqui expostos até o momento, com poucas variações: extraterrestres teriam chegada à Terra há muitos milênios fugindo de uma guerra intergaláctica e se estabelecendo em um continente perdido. Ali, teriam criado os humanos por meio de intervenções genéticas e sido adorados como deuses (GRÜNSCHLOß, 2002, p. 25-29). O mesmo autor faz uma interessante síntese desse tipo de movimento religioso. Em primeiro lugar, destaca-se a presença de entidades diversas, descontextualizadas de suas tradições originais e ressignificadas pelos movimentos ligados a OVNI e extraterrestres:

Sem qualquer dúvida um importante atrativo das crenças em UFOs é a sua capacidade de sintetizar elementos e partes de tradições esotéricas, espirituais, teosóficas e cristãs, para reconciliá-las com a ciência, a tecnologia espacial e a cosmologia moderna. Especialmente, as tradições de pessoas “numinosas” (por exemplo, os chamados “mestres ascensos” da teosofia, ou as representações esotéricas de Jesus Cristo) aparecem frequentemente no espectro dos movimentos de UFOs e suas publicações com um padrão consistente de funções. Além deles, inúmeras outras novas “pessoas” especiais aparecem, como o comandante da frota espacial e mestre universal “Ashtar” (Sheran), membros proeminentes da “irmandade cósmica”, da frota da luz da fraternidade da estrela ou da Galactic Federation (GRÜNSCHLOß, 2002, p. 22-23).

Quanto à cosmologia dos grupos, também há alguns padrões a seres considerados. A intervenção extraterrestre, além da já citada questão da genética, apresenta uma perspectiva salvacionista e, às vezes, milenarista. Ela apresenta-se ora mais ligada a uma materialidade, como no caso da presença física de naves espaciais e o resgate literal de pessoas, ora mais afeita à espiritualidade ou ao transcendente, com a mudança de padrões vibratórios que promoveriam mudanças no mundo ou nos seres humanos. Esses fluxos de ideias aparecem entrelaçados, assim, pelo léxico paracientífico, algo intimamente relacionado ao ideário *new age*:

O mapa cosmológico é estendido pela existência de mundos paralelos intergalácticos, ou multidimensionais, que em alguns casos são conectados com a concepção de um desenvolvimento espiritual das almas, para uma “frequência de ressonância mais alta” em outras esferas ou reinos cósmicos. A fraternidade interplanetária da luz, destes mundos paralelos, ajudará a humanidade terráquea durante a iminente e imensa renovação e purificação da terra (por exemplo, pela evacuação temporária em naves espaciais) e pelo fortalecimento e melhora da consciência humana. As frequentes visões de UFOs são tidas como sinais ou provas diretas que a as atividades destes grupos extraterrestres estão atualmente aumentando. Explicações céticas ou científicas-immanentistas destes alegados “sinais” de aproximação do milênio podem ser rapidamente refutadas por aqueles que insistem na ocorrência de tais contatos, através de teorias conspiratórias (GRÜNSCHLOß, 2002, p. 23).

Portanto, embora haja certas variações sobre a importância ou papel dos extraterrestres nos diversos NMRs, conforme se pôde observar, todos acenam para a existência de uma intervenção dos supostos seres na vida humana. Esta ideia, como fluxo, começou no final da década de 1940 e início da de 1950, e prosseguiu se entrelaçando a diferentes fluxos de uma malha de interpretações e por entre diferentes grupos. Prosseguindo nossa jornada para acompanhar o conceito de extraterrestre, podemos rastreá-lo em uma expressão religiosa de relevância no cenário brasileiro: o espiritismo kardecista. Esta religião é colocada aqui, então, como um terceiro grupo, depois dos ufólogos e dos Novos Movimentos Religiosos ligados a OVNI e extraterrestres. Este é provavelmente o grupo mais coeso apresentado até agora, ao menos segundo o recorte que pretendo apresentar neste capítulo. Trata-se do espiritismo de caráter mais institucionalizado, ligado à Federação Espírita Brasileira, às obras de Allan Kardec e dos médiuns de maior expressão no país: Chico Xavier e Divaldo Franco. O motivo para essa decisão metodológica é simples. É evidente que em uma perspectiva de um entendimento eclético e inclusivista do conceito de espiritismo, ou seja, de grupos mais localizados às bordas do espiritismo mais institucional, não seria incomum a presença de extraterrestres, conforme salienta Vilhena (2008, p. 137). Neste caso, é possível observar certa bricolagem com outros elementos religiosos. Entretanto, acredito que estaríamos mais próximos do pensamento Nova Era e dos Novos Movimentos Religiosos. A intenção, neste momento, é demarcar como a ideia do ser de outro planeta aparece no espiritismo de tendência doutrinária mais conservadora – o que, é bom frisar, nem por isso deixa de apresentar controvérsias. É justamente essa tensão que atua como mediação (LATOURET, 2012) e cria novos sentidos, conforme apresentarei no último capítulo.

Por hora, resta-nos compreender que o conceito de habitantes de outros planetas não é, nem de longe, alheio ao espiritismo. As assim chamadas obras básicas, ou seja, os cinco livros publicados por Hippolyte Léon Denizard Rivail, sob o pseudônimo Allan Kardec, tratam do assunto. Nas respostas de perguntas atribuídas aos espíritos no Livro dos Espíritos, os mesmos indicam a possibilidade de reencarnação não somente na Terra, mas em diferentes mundos, de acordo com o grau evolutivo da alma. Algumas perguntas presentes no livro são claras nesse sentido:

172. “As nossas diversas existências corporais se verificam todas na Terra?”

Resposta: “Não; vivemo-las em diferentes mundos. As que aqui passamos não são as primeiras, nem as últimas; são, porém, das mais materiais e das mais distantes da perfeição.”

173: “A cada nova existência corporal a alma passa de um mundo para outro, ou pode ter muitas no mesmo globo?”

Resposta: “Pode viver muitas vezes no mesmo globo, se não se adiantou bastante para passar a um mundo superior.”

a) – Podemos então reaparecer m muitas vezes na Terra?

“Certamente.”

b) – Podemos voltar a este, depois de termos vivido em outros mundos?

“Sem dúvida. É possível que já tenhais vivido algures e na Terra.” (KARDEC, 2011, p. 145).

Fica claro, portanto, que os espíritos reencarnam em diferentes mundos para quitar dívidas cármicas e evoluir, um conceito chave na cosmologia espírita. A noção de carma no espiritismo, é vista como também influenciada pelo livre-arbítrio, ou seja, das escolhas individuais ao longo das várias existências – um sistema no qual todos os fatos adquirem significância do ponto de vista ético e moral (CAVALCANTI, 2008, p. 33). Assim, tanto as dificuldades quanto as conveniências encontradas por um indivíduo durante a vida podem ser encaradas como resultados de boas ou más aspirações e atos em vidas anteriores. Da mesma forma, as resoluções tomadas nessa existência terão consequências nas vidas posteriores, suportando as intempéries e superando-as, ou aproveitando os benefícios recebidos sem se desviar do bom caminho – o que poderia levar à mais dívidas e um adiamento da evolução. É evoluindo que o determinado espírito pode reencarnar em mundos mais evoluídos do que o atual. Os planetas, de acordo com o espiritismo, também contariam com uma escala evolutiva, abrigando os seres de evolução equivalente, conforme podemos ver em um trecho do livro *O Evangelho Segundo o Espiritismo*:

Embora se não possa fazer, dos diversos mundos, uma classificação absoluta, pode-se contudo, em virtude do estado em que se acham e da destinação que trazem, tomando por base os matizes mais salientes, dividi-los, de modo geral, como segue: mundos primitivos, destinados às primeiras encarnações da alma humana; mundos de expiação e provas, onde domina o mal; mundos de regeneração, nos quais as almas que ainda têm o que expiar haurem novas forças, repousando das fadigas da luta; mundos ditosos, onde o bem sobrepuja o mal; mundos celestes ou divinos, habitações de Espíritos depurados, onde exclusivamente reina o bem. A Terra pertence à categoria dos mundos de expiação e provas, razão por que aí vive o homem a braços com tantas misérias (KARDEC, 2010, p. 77).

Diante disso, cabe-nos a reflexão: como poderíamos relacionar a figura e o conceito conhecidos do extraterrestre com a cosmologia espírita? Os habitantes de diferentes mundos aparecem em diversos momentos das obras básicas como pertencentes a diferentes “humanidades”, no plural. No Livro dos Espíritos (KARDEC, 2011, p. 316), o termo encontra-se em um trecho que não trata exatamente da vida em outros planetas. Em *A Gênese*, todavia, o assunto é tratado com mais especificidade. Em um desses excertos, Kardec (2012) argumenta contra a ideia de juízo final, crença que, segundo seu ponto de vista, seria incoerente “desde que se sabe que há milhares de milhares de mundos semelhantes, que perpetuam as Humanidades pela eternidade em

fora e entre os quais a Terra é dos menos consideráveis, simples ponto imperceptível” (KARDEC, 2012, p. 453).

Temos, segundo essa perspectiva, que humanos e extraterrestres não se apresentam como seres distintos. Longe de serem espécies diferentes, fazem parte de um *continuum*, diferindo entre si segundo princípios evolutivos morais que obedecem a leis de causa e efeito. É fundamental nos lembrarmos que, nesse sistema de crença, existe um mundo espiritual, para além do mundo material. Há uma interrelação entre as duas realidades, que ora se opõem, ora se complementam. Para Cavalcanti (2008), essa complementaridade se situa em dois eixos. De forma diacrônica, os espíritos trafegam de um mundo a outro, através dos processos reencarnatórios. A vida no mundo material atua como forma de passaram por diferentes experiências, segundo as noções cármicas, enquanto a vida espiritual é eterna – composta, assim dessas inumeráveis passagens entre os dois mundos. O segundo eixo, sincrônico, refere-se à possibilidade de interferência do mundo espiritual no mundo material, seja por meio das comunicações espirituais, comuns no espiritismo, ou pelo auxílio de espíritos desencarnados aos encarnados (CAVALCANTI, 2008, p. 28).

Levados em conta os pressupostos da vida em diversos planetas e a ideia de leis gerais e universais no espiritismo, a mesma relação intrincada entre mundo espiritual e material ocorreria também nos outros planetas. Deve-se considerar ainda que, segundo as diferentes escalas de evolução dos mundos e dos espíritos, os corpos materiais e espirituais apresentariam diferenças. Seriam menos ou mais “densos”, de acordo com o grau evolutivo:

181. Os seres que habitam os diferentes mundos têm corpos semelhantes aos nossos?

“É fora de dúvida que têm corpos, porque o Espírito precisa estar revestido de matéria para atuar sobre a matéria. Esse envoltório, porém, é mais ou menos material, conforme o grau de pureza a que chegaram os Espíritos. É isso o que assinala a diferença entre os mundos que temos de percorrer, porquanto muitas moradas há na casa de nosso Pai, sendo, conseqüentemente, de muitos graus essas moradas. Alguns o sabem e desse fato têm consciência na Terra; com outros, no entanto, o mesmo não se dá.” (KARDEC, 2010, p. 147).

Outras respostas atribuídas aos espíritos e organizadas por Kardec também afirmam que os habitantes dos diferentes mundos “de modo algum se assemelham”, vivendo de formas também diversas, “do mesmo modo que no vosso [mundo] os peixes são feitos para viver na água e os pássaros no ar” (KARDEC, 2010, p. 85). Tem-se, assim, que embora pertençam a uma mesma humanidade, em um sentido mais amplo, humanos desse e dos outros mundos podem apresentar diferenças significativas, estejam eles encarnados ou não. No mundo material, obedecem a dois aspectos: em primeiro lugar, às especificidades físicas e ambientais dos variados planetas e

os consequentes processos de evolução materiais. Em segundo, às características adquiridas segundo a evolução espiritual, vinculada a padrões éticos e morais e ao carma, constituindo corpos mais ou menos densos – mais ou menos “puros”, visto que o estado de “espírito puro”, ou seja, totalmente livre da matéria, seria o estágio evolutivo final. Os corpos dos seres no mundo espiritual obedeceriam também a esse segundo aspecto, tendo ainda certa relação com a forma do corpo material da existência anterior³⁷.

Desloquemo-nos, agora, das obras básicas, com autoridade doutrinária máxima no espiritismo kardecista, para outras, cuja autoridade advém do carisma do autor: os livros de Chico Xavier. Visto o grande volume de obras publicadas pelo médium, não pretendo me estender aqui a uma análise pormenorizada das mesmas. Citarei apenas duas, no intuito de demonstrar a existência do extraterrestre em obras do médium mineiro. Em *Cartas de uma Morta*, livro atribuído ao espírito de Maria João de Deus, a mãe de Xavier, é narrada em primeira pessoa a viagem desta, após sua morte, até os planetas Marte e Saturno. A autora espiritual deixa clara a divisão entre os mundos espiritual e material – este último, existente também em outros planetas:

Na vida do espaço ainda existe a matéria, porém em condições totalmente diversificadas, numa sutileza para nós inimaginável e constituindo verdadeira maravilha a sua adaptação à vontade dos espíritos. Lá, também, a sociedade se organiza, as suas leis predominam, as famílias se reúnem sob os imperativos das afinidades naturais, luta-se e estuda-se, no amálgama dos sentimentos que caracteriza, o homem racional. Em outras modalidades, pois, a vida prossegue e a única diferença é que a alma desencarnada não se vê tão compelida ao cansaço, em razão dos elementos da matéria rarefeita. Isso quanto às regiões da erraticidade, porque nos outros orbes, a existência segue o seu curso, de acordo com as suas modalidades específicas submetendo-se o “EU” a essas forças diversificadas, como por exemplo, na Terra nos sujeitamos às suas leis físico-químicas (XAVIER, 2016, p. 36).

No trecho acima, o “espaço” refere-se ao mundo espiritual, onde os espíritos viveriam após a morte, enquanto se preparam para uma nova reencarnação. Devemos nos atentar ainda que *Cartas de uma Morta* foi somente o segundo livro publicado por Chico Xavier, ainda no ano de 1935. A ideia de uma organização social no além-túmulo seria apresenta com maior complexidade alguns anos depois em *Nosso Lar* (1944), o primeiro de uma série de livros atribuídos ao espírito André Luiz. Voltando à obra citada, mais uma vez temos o conceito de extraterrestres vivendo no mundo material, seguindo os imperativos das leis naturais desses planetas. As narrativas do

37 Essas características estariam ligadas ao perispírito, conceito usado na cosmologia espírita para se referir a um corpo intermediário entre o corpo espiritual e material. No mundo espiritual, o espírito que ainda não alcançou a pureza seria contido pelo perispírito, que forma-se segundo o pensamento do indivíduo e está sujeito também ao nível evolutivo de cada um (KARDEC, 2010, p. 104-105).

espírito Maria João de Deus sobre o planeta Saturno, que ela visita acompanhada de um guia espiritual, descrevem, além dos aspectos físicos do planeta, as edificações e características dos habitantes, que seriam mais evoluídos que os da Terra:

Contemplando o espaço, muito acima de nós, vi grandes massas multicores, e ao mesmo tempo notei que seres estranhos evolucionavam nos ares, em gráceis movimentos, apesar de me parecerem bizarros. Nada tinham de comum com os tipos da humanidade terrena, afigurando-se-me extraordinariamente feios com sua organização animalesca, com suas membranas à guisa de asas, tão estranhas para mim, as quais lhe facultavam o poder de voitar à vontade. Ante minha atitude de assombro, solicitamente o guia explicou: - Vês, filha, estamos na superfície de Saturno, onde o dia se compõe de dez horas e as estações duram mais de sete anos consecutivos, segundo a contagem do tempo no planeta que deixaste. Aqui a situação climatérica é eminentemente benéfica, em razão do equilíbrio da obliquidade da eclíptica, propiciando aos habitantes deste venturoso orbe elementos de duradoura saúde (XAVIER, 2016, p. 81-82).

Os habitantes de Marte, por sua vez, seriam também seres voadores, porém, mais parecidos com os humanos terrestres – com exceção, obviamente, de “ligeiras protuberâncias à guisa de asas que lhes prodigalizavam interessantes faculdades volitivas” (XAVIER, 2016, p. 180). O tema voltaria a ser abordado no livro Emmanuel, publicado em 1938, onde o texto atribuído ao mentor espiritual de Chico Xavier cita, brevemente, as condições evolutivas de Marte e Saturno como superiores às da Terra (XAVIER, 2017); e em Novas Mensagens, publicado pela primeira vez em 1944 e atribuído ao espírito Humberto de Campos. Neste último, o autor espiritual também empreende uma viagem a Marte, e sua atenção não é dada tanto aos aspectos físicos dos marcianos, mas aos seus hábitos e características psicológicas: seriam mais tranquilos que os habitantes de Terra, tendo ainda uma alimentação mais saudável e vegetariana, “sendo dispensável aos seus habitantes felizes a ingestão de vísceras cadavéricas dos seus irmãos inferiores, como acontece na Terra, superlotada de frigoríficos e de matadouros” (XAVIER, 2014, p. 49). Em uma coluna publicada no site oficial da Federação Espírita Brasileira, a vice-presidente da instituição faz um resumo dessa narrativa (MOURA, 2016, recurso *online*), publicando ainda uma animação em vídeo que reproduz a viagem de Humberto de Campos. Nota-se que os marcianos são representados com aparências dos humanos da Terra, sem quaisquer alterações físicas, como as descritas no livro Cartas de uma Morta.

A ciência marciana seria também mais evoluída, tendo consciência da existência dos terráqueos. Ao contrário, esses últimos ainda desconheceriam os extraterrestres do planeta vermelho:

A Terra enviava-nos a sua claridade, em reflexos trêmulos e tristes. Observamos, então, que os marcianos haviam colocado em seu templo poderosos telescópios. Enquanto os melhores aparelhos da América possuem

um diâmetro de duzentas polegadas, com a possibilidade de aumentar a imagem de Marte doze mil vezes, a astronomia marciana pode contemplar e estudar a Terra, aumentando-lhe a imagem mais de cem mil vezes, chegando ao extremo de examinar as vibrações de ordem psíquica, na sua atmosfera (XAVIER, 2014, p. 50).

É particularmente interessante notar a citação do autor espiritual sobre a existência de telescópios marcianos não em laboratórios ou observatórios, mas em templos. Assim, a sociedade marciana, mais evoluída moralmente, parece refletir o ideal espírita de uma harmonização entre ciência e religião. Essa operacionalização entre os dois domínios origina-se no século XIX, no momento de surgimento do espiritismo. Lewgoy (2006) salienta que nesse momento a fenomenologia espírita se revestia mais intensamente dos termos científicos para descrições de eventos da tradição judaico-cristã. Apoiava-se, ainda, em experimentações que buscassem a comprovação da realidade espiritual por meio de fenômenos manifestados no plano material, como no caso das conhecidas materializações de espíritos. Gradativamente, porém, o movimento se distanciaria dessa perspectiva. Isso ocorre no Brasil especialmente a partir da década de 1940, com a acentuação do caráter religioso do espiritismo. As referências científicas mudariam, então, a ter um caráter de revelação e aprofundamento. Obras como a série de livros atribuídos ao espírito André Luiz passariam a usar o léxico científico para demonstrar aprofundamentos de uma ciência ainda não acessível pelos métodos científicos do mundo material. É dessa forma que as articulações entre ciência e religião continuam presentes no *ethos* espírita, circulando em diferentes sentidos (LEWGOY, 2006, p. 153-155).

Voltando-nos ainda aos marcianos das obras de Chico Xavier, é interessante notar que o aspecto de sua evolução espiritual ou moral, relatada como superior à dos terráqueos, contradiz uma pergunta d'O Livro dos Espíritos. Neste, Marte é considerado inferior à Terra, sendo um dos planetas mais física e moralmente atrasados do sistema solar (KARDEC, 2010, p. 150). Longe de ser negada, essa aparente contradição é explorada e debatida em publicações espíritas na internet. No site Portal do Espírito, por exemplo, um articulista cita a questão não como forma de crítica, mas a partir de um ideal científico positivista: a mudança de relato se daria por conta de novas descobertas feitas espiritualmente, assim como a "Ciência Acadêmica", segundo o autor (COELHO, 2016, recurso *online*), progrediria confirmando ou não antigos pressupostos. Em uma postura pouco dogmática, o autor destaca ainda que Kardec nunca conferia uma verdade absoluta às comunicações dos espíritos. Assim, elas estariam passíveis de modificação futura. Em outro artigo, dessa vez no portal Espiritismo.net, a tônica é dada ao cuidado em se divulgar tais informações, visto que as contradições indicam uma questão ainda não totalmente elucidada. A publicação traz ainda os trechos de uma comunicação espiritual que teria sido recebida em 2001, em um centro espírita

do Rio de Janeiro, na qual o espírito que se manifesta afirma a ausência de seres encarnados em Marte. Debate-se, inclusive, o exposto em *Cartas de uma Morta*:

- Então há vida no planeta Marte? - Não como encarnado, como vocês pensam.- A vida em Marte é encarnada?- Desencarnada. Reúnem-se Espíritos desencarnados, mais materiais do que os da Terra, mas com mais capacidade de se movimentar do que os da Terra.- No livro "*Cartas de uma Morta*", a mãe de Chico Xavier disse que Marte é um mundo superior.- O médium pegou o lado espiritual. Se você pegar um brasileiro do Nordeste, ele é diferente de um brasileiro amazonense, diferente de um brasileiro do Centro-Oeste, diferente do brasileiro do estado de São Paulo ou de qualquer Estado do sul do país. Ele terá uma visão diferente da vida. (PLURALIDADE..., [s.d.], recurso *online*).

É certo que nenhum desses dois exemplos representam a visão oficial do espiritismo kardecista sobre o tema da vida extraterrestre. O que se vê é que nem mesmo o relatado na obra de Allan Kardec é tido como verdade absoluta, sendo passível de questionamentos tanto por outras comunicações espirituais – como no caso dos livros de Chico Xavier – quanto de outros debates por parte dos espíritas. Ao pensarmos essas contradições a partir de uma perspectiva antropológica estrutural, certamente nos lembraremos de Lévi-Strauss (1991a,), para quem a coexistência de diferentes versões seria um padrão inerente ao mito. Assim, não haveria uma versão final, mais ou menos verdadeira, mas todas fariam parte da composição mitológica. Por outro lado, sob o ponto de vista relacional e das associações, as diferentes narrativas demonstram a ideia central; neste caso, a vida em Marte e as características de seus habitantes, como um conjunto de fluxos ou trilhas saídos de um ponto em comum, que concomitantemente compõem essa *coisa* (INGOLD, 2015). Os diferentes sentidos, ora similares ora concorrentes, fazem parte do mesmo objeto que, longe de ser delimitado, é composto por suas relações. Devemos ainda nos atentar, conforme explica Latour, na relevância da controvérsia para a construção de sentidos. Sob essa perspectiva, é a incerteza sobre os habitantes de Marte na visão dos diversos atores espíritas que nos interessa, pois ela atua como um mediador dentro dessa rede de significados.

Os mediadores, por seu turno, não podem ser contados como apenas um, eles podem valer por um, por nenhuma, por várias ou uma infinidade. O que entra neles nunca define exatamente o que sai; sua especificidade precisa ser levada em conta todas as vezes. Os mediadores transformam, traduzem, distorcem e modificam o significado ou os elementos que supostamente veiculam. [...] Um mediador, apesar de sua aparência simples, pode se revelar complexo e arrastar-nos em muitas direções que modificarão os relatos contraditórios atribuídos a seu papel (LATOUR, 2012, p. 65).

Assim, os casos citados acima demonstram exatamente como esse tipo de controvérsia promove a mediação e movimenta o debate em rede. Embora a rede

latouriana não signifique necessariamente a rede da internet, nesse caso é justamente nessa rede *online* que os sentidos e controvérsias se desenrolam.

A partir das últimas exposições, seria possível chegar a uma definição geral sobre os extraterrestres na visão espírita? Seguindo os pressupostos teóricos propostos neste trabalho, acredito que o termo mais adequado seria não uma conceituação definitiva, mas o apontamento de alguns consensos mínimos. Portanto, em um pequeno resumo, temos que (a) em diferentes planetas, assim como na Terra, pode haver seres encarnados e desencarnados, ou seja, no mundo material e no mundo espiritual correspondente. (b) Essa materialidade, porém, pode sofrer uma variação, do mais denso (menos espiritualizado) ao mais elevado (mais espiritualizado), o que poderia explicar, segundo a ótica espírita, por que os equipamentos usados pelos astrônomos atualmente seriam incapazes de observar os extraterrestres nos mundos aos quais têm acesso. Pode ainda (c) haver locais onde há apenas vida “desencarnada” (PLURALIDADE..., [s.d.], recurso *online*), e (d) essas diferenças obedecem às leis cármicas através de diversas encarnações, possíveis de ocorrerem em mundos diferentes. Por fim (e) deve-se destacar um ponto fundamental da utilização não do conceito de extraterrestre, mas de “humanidades”. Isso transmite um sentido de unidade, sendo os habitantes de diferentes mundos pertencentes a uma mesma categoria de seres. Essa é uma diferença importante a se considerar com relação ao imaginário sobre a aparência física do extraterrestre. Um exemplo é a representação das feições humanas dos marcianos na animação disponível no site da Federação Espírita Brasileira (Figura 16).

Desde o início desse capítulo, viemos seguindo os extraterrestres entre fluxos de narrativas e ideias referentes à sua possível interferência na vida dos seres humanos. Por sua vez, a influência dos espíritos desencarnados na vida dos encarnados é uma ideia básica do espiritismo kardecista. Poderíamos, então, comparar essas duas formas de interferência? O primeiro ponto interessante nesse sentido é que, em ambos os casos, a influência pode ser positiva ou negativa. No caso dos extraterrestres, como vistos pela ufologia ou por alguns Novos Movimentos Religiosos, há aqueles que buscam ajudar a humanidade e os que querem apenas se aproveitar dos humanos. Como exemplo da primeira posição, temos os já citados discos voadores ocupados em vigiar arsenais nucleares e ETs que alertam aos contatados sobre os perigos eminentes do belicismo humano. A forma prejudicial se expressa por casos como o do chupa-chupa e outras narrativas nos quais os alienígenas não demonstram nenhum tipo de preocupação ética, usando os seres humanos apenas como cobaias para experimentos dolorosos.

Por sua vez, as narrativas espíritas sobre a influência dos espíritos na vida humana remontam aos livros de Allan Kardec e encontram maior expressão nas obras de Chico Xavier. A já citada série atribuída ao espírito André Luiz, que narra como seria a vida no mundo espiritual, relata inúmeras vezes como ocorre o intercâmbio entre os espíritos encarnados e desencarnados. Porém, essas histórias basicamente tratam de

interferências em níveis pessoais. Os espíritos “obsessores”, que buscam prejudicar a vida dos seres encarnados, quase sempre são antigos inimigos daquele indivíduo, que não tendo superado as contendas anteriores buscam vingança após a morte. Os benfeitores, por outro lado, podem ser antigos amigos ou familiares que, em espírito, agem como guardiões dos entes queridos. Não é incomum que esses papéis se invertam ao longo das narrativas de Chico Xavier, com inimigos se redimindo, pedindo perdão e abandonando seu passado de discórdia. Há ainda os espíritos benévolos que desempenham um papel de auxílio coletivo, seja instruindo outros espíritos – como o próprio André Luiz, sempre acompanhado por um mentor – ou cuidando de postos de socorro e colônias espirituais. Para Cavalcanti (2008), o sistema ritual e a cosmologia espírita operam, em diferentes instâncias, promovendo um contato entre dois mundos diferentes, o visível, representado pelo mundo material, e o invisível, ou seja, o mundo espiritual. Da parte dos praticantes do espiritismo, isso pode ocorrer pelas reuniões mediúnicas, no estudo das obras ou em atividades caritativas. O veículo desse contato seria um fluido cósmico universal, que permearia os dois mundos, tendo influência mais direta com os espíritos desencarnados – no caso dos encarnados, haveria ainda a mediação do corpo físico (CAVALCANTI, 2008, p. 75). Aqui, estamos ainda em um plano bastante individual, relatando as influências e a interpenetração de dois mundos com base nas relações entre espíritos do mesmo planeta. Comparamos até então, parte da cosmologia espírita kardecista às narrativas ufológicas e dos Novos Movimentos Religiosos apenas pelo tipo de influência de valoração positiva ou negativa: extraterrestres benevolentes/malignos, espíritos benfeitores/obsessores. Assim, nos ocupamos dos sentidos dessas relações, mas em diferentes instâncias. Essa pequena análise comparativa nos permite agora partir aos relatos da influência de espíritos na coletividade humana, segundo o mesmo sistema de crenças.

Camurça (2018) avalia uma narrativa em especial como representativa do ponto de vista de uma possível revelação espírita, apoiada em um mito de fundação do espiritismo brasileiro. Trata-se da obra “Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho” psicografada por Chico Xavier (2015) e atribuída ao espírito Humberto de Campos. O livro traz uma reinterpretação da história do Brasil, vista a partir de um ponto de vista do plano espiritual. Nesse contexto, no qual Camurça (2018) observa “uma nítida estrutura mitológica”, Cristo teria identificado na região onde posteriormente se ergueria a nação brasileira como um local da construção de uma “pátria do evangelho”. Acompanhado por outros espíritos evoluídos, os quais ficariam incumbidos de dar prosseguimento à tarefa, Jesus escolheria esse novo país como o “coração do mundo”. Segundo essa narrativa mítica, o Brasil seria um local central com a missão de servir de base para a revivência do cristianismo, e os planos para o desenvolvimento do país partiriam do mundo espiritual. Vários personagens da história nacional teriam sido espíritos importantes de outros tempos: Dom Pedro II, por exemplo, seria Longinus, o centurião que perfurou o tórax de

CAPÍTULO III QUEM NOS OBSERVA?

Jesus com uma lança no episódio da crucificação narrado pela bíblia. Da mesma forma, episódios históricos teriam sido influenciados pelos espíritos benévolos. Marcos como a abolição da escravatura ou a Proclamação da República teriam ocorrido de forma pacífica pela intervenção das falanges dos espíritos protetores da nação. Dessa forma, a narrativa desloca-se do eixo individual para o coletivo:

[...] o encadeamento dos fatos de nossa história terá sua explicação dentro da dialética teleológica/evolucionista espírita, na seguinte sequência: 1) programação espiritual, 2) livre-arbítrio, 3) lei de causa-efeito, ação-reação, “carma”. Entretanto, a ênfase desta dialética evolutiva na Doutrina espírita, comumente centrada no espírito/indivíduo, nesta narrativa é deslocada para espíritos (no plural) ou para uma coletividade e até para a nação – enquanto lugar espiritual para onde “Jesus transplantou da Palestina [...] a árvore magnânima do seu Evangelho” (CAMURÇA, 2018, p. 150).

Temos, portanto, nesse caso, uma intervenção nos destinos da humanidade ou de uma coletividade, algo que, comparativamente, apresenta maiores semelhanças com as narrativas ufológica e dos NMR relativos aos seres extraterrestres. É importante lembrar ainda que, para o espiritismo, certos espíritos evoluídos – os espíritos perfeitos – recebem a missão de atuar como protetores de planetas específicos. Jesus, nesse sistema, é visto como criador e governador do planeta Terra. A afirmativa é atribuída ao espírito Emmanuel, em um livro psicografado por Chico Xavier (2013):

Rezam as tradições do mundo espiritual que na direção de todos os fenômenos, do nosso sistema, existe uma comunidade de Espíritos puros e eleitos pelo Senhor supremo do universo, em cujas mãos se conservam as rédeas diretoras da vida de todas as coletividades planetárias. Essa comunidade de seres angélicos e perfeitos, da qual é Jesus um dos membros divinos, ao que nos foi dado saber, apenas já se reuniu, nas proximidades da Terra, para a solução de problemas decisivos da organização e da direção do nosso planeta, por duas vezes no curso dos milênios conhecidos. A primeira, verificou-se quando o orbe terrestre se desprendia da nebulosa solar, a fim de que se lançassem, no tempo e no espaço, as balizas do nosso sistema cosmogônico e os pródromos da vida na matéria em ignição, do planeta, e a segunda, quando se decidia a vinda do Senhor à face da Terra, trazendo à família humana a lição imortal do seu Evangelho de amor e redenção (XAVIER, 2013, p. 13-14).

Vemos no trecho acima não apenas a afirmativa de Jesus como uma entidade exterior ao planeta, mas que há outros “cristos” similares na organização da vida cósmica. A angelitude não se apresenta como um mistério insondável, mas como uma espécie de organização – de certa forma, com um caráter até mesmo político – que define os rumos planetários desde sua criação. Jesus ganha aqui um contorno diferente daquele do cristianismo histórico. No caso do movimento Nova Era, por exemplo, a imagem do Cristo adquire uma reinterpretação cósmico-esotérica, uma espécie de mestre iluminado

ou taumaturgo, não necessariamente visto como o filho de Deus (CAMURÇA, 2014, p. 154). Poderíamos, assim, articular essa perspectiva à ufologia e à faceta do Jesus governador cósmico do espiritismo e remetê-la à categoria do extraterrestre? Não nos exatos sentidos da ufologia e das representações populares do ET, pois não há envolvida a questão de tecnologia – naves espaciais, pesquisas científicas – e uma materialidade dos seres³⁸. Mas dentro da cosmologia espírita, em um nível literal, essa classificação talvez seja possível, já que tais espíritos evoluídos podem ter passado por reencarnações em outros planetas. Deve-se, porém, nesse caso, considerar o entendimento espírita sobre o sentido do extraterrestre, não como uma entidade totalmente alheia à humanidade, mas um espírito integrante de uma humanidade universal que eventualmente habita outros mundos enquanto caminha para a perfeição.

Para além dessas possibilidades êmicas, deve-se destacar aqui a relação entre elementos da rede. É possível aventarmos a possibilidade de fluxos que perpassam a ufologia, certos NMRs, o pensamento Nova Era e o espiritismo kardecista, observando como a ideia de seres de outros mundos os colocam em relação. Em primeiro lugar, evidentemente, essa presença da ideia do extraterrestre percorrendo as diferentes expressões apresentadas – embora, cabe sempre frisar, de acordo com as interações apropriações de cada uma delas. É também possível observar certa ênfase em diferentes aspectos da moralidade dos seres, e como ela desempenha um papel significativo nas diversas narrativas. Nas expressões de caráter religioso no Espiritismo ou “espiritualizado” – para usarmos um termo que possa englobar movimentos de uma vivência ao estilo Nova Era – a moralidade parece girar em torno das ideias de carma e causa e efeito no caso do primeiro e de canalização (*channeling*) e projeção de “energias” no segundo, além de dimensões comuns como a reencarnação. caso a ufologia que almeja o status de uma disciplina científica, a mesma moralidade é debatida a partir das supostas intenções dos extraterrestres com relação aos humanos.

38 É importante destacar que esse arranjo é possível em alguns NMRs. Alguns grupos analisados por GRÜNSCHLOß (2002), como já citado, destacam a utilização de discos voadores por anjos e outras interessantes bricolagens típicas dos movimentos religiosos relacionados a OVNI e extraterrestres. Outra narrativa mítica interessante nesse sentido é a do Pai Seta Branca, líder espiritual do Vale do Amanhecer, que teria chegado à Terra em um disco voador, passando desde então a reencarnar no planeta (OLIVEIRA, 2009, p. 38).

CAPÍTULO IV

O FIM DOS TEMPOS

Em diversas ocasiões, os extraterrestres se mostraram atores carismáticos nos cinemas. As obras de ficção que tratam do contato dos seres humanos com os alienígenas costumam ganhar a atenção do público. Em 1996, ano marcado no Brasil pela narrativa do ET de Varginha, o filme *Independence Day* fazia sucesso nas telas. O enredo conta a história de uma invasão ao planeta Terra, com extraterrestres monstruosos e sedentos por dominação do planeta e de seus recursos. Heroicamente, os seres humanos, liderados por aviadores norte-americanos – incluindo o próprio presidente dos Estados Unidos – conseguem invadir a nave mãe inimiga e derrotar os invasores. Não, é claro, sem antes presenciar a destruição de símbolos nacionais como o edifício Empire States e o Congresso Americano, algo comum nesse tipo de *blockbuster*. Inukonda (2011) nota uma semelhança interessante entre as imagens de *Independence Day* e os atentados terroristas às Torres Gêmeas, em 11 de setembro de 2001, nos Estados Unidos. Para o pesquisador, um discurso de destruição urbana, previamente estabelecida por esse tipo de produção cinematográfica e naturalizado na cultura popular, poderia estar relacionado a reações retóricas e militares às ameaças da alteridade, provocadas pelo terrorismo.

No caso do filme, o *outro* perigoso é uma figura desprovida de qualquer humanidade. Os extraterrestres de *Independence Day* poderiam ser comparados a uma praga de gafanhotos, com o único objetivo de consumir tudo em seu caminho, a não ser por um detalhe importante: ao contrário dos insetos, que causam danos a grandes áreas em busca de alimento, os ETs do filme são seres sencientes e com um propósito claro. Em interrogatório, uma das criaturas capturadas no filme resume em uma palavra que seu objetivo é a *morte* dos humanos.

Outro filme sobre o contato com extraterrestres, sucesso não só de público, mas também entre a crítica especializada, foi o longa *Arrival* (2016). A Chegada, nome da versão em português, concorreu a diversos prêmios na edição do Oscar 2017, incluindo melhor filme, melhor atriz e melhor roteiro adaptado – indicações que por si só atestam um enredo bem mais complexo do que o de *Independence Day*. A história mostra os humanos tentando se comunicar com os extraterrestres, a fim de desvendar se eles são ou não uma ameaça. Uma linguista e um físico são recrutados para essa busca pela compreensão dos estranhos ETs, que se assemelham a polvos gigantes. Dentro da nave, separados por um vidro que aparentemente os coloca em um meio onde podem sobreviver, os *heptapods*, como são batizados, traçam estranhos sinais circulares, que desafiam a interpretação dos protagonistas.

Trata-se, assim, mais de uma narrativa sobre diferenças culturais e linguísticas do que propriamente um filme de invasão. Os alienígenas, aqui, não assumem um papel moralmente questionável, como no caso de *Independence Day*. Ao contrário, buscam alguma forma de interação. O questionamento paira sobre as ações humanas, quando os líderes mundiais começam a divergir sobre reagir com violência ou não à possível ameaça. A despeito das questões levantadas pelo filme, uma ideia é clara: os ETs não são destruidores, mas portadores de uma mensagem. Também fica implícito que este primeiro contato causa uma profunda modificação entre os humanos.

No mesmo ano de 2016, ou seja, 20 anos depois, a franquia *Independence Day* lançaria a continuação do primeiro filme. Os extraterrestres derrotados anteriormente voltam à Terra, com a mesma violência, em busca de vingança. Novamente os humanos ganham a batalha com muito custo, mas o interessante a ser destacado é que o filme mostra os resultados do primeiro embate. O planeta, que precisou se unir décadas antes para derrotar os invasores, agora possui maior cooperação entre nações, que trabalham em conjunto em prol da humanidade. Também é possível notar que os humanos se apropriaram das tecnologias extraterrestres e construíram seus próprios veículos voadores, o que coloca o cenário inicial do filme como a típica utopia futurista e tecnológica das obras de ficção científica. A batalha apocalíptica do “dia da independência”, décadas antes, promovera uma modificação substancial no planeta, que passara a ser um lugar melhor após a chegada dos ETs.

No capítulo anterior, comentei sobre a ênfase na moralidade dos contatos. E como é possível ver, o mesmo observa-se nos filmes citados. Os extraterrestres podem ser benéficos, preocupados com algum tipo de mudança por parte dos humanos, como em *A Chegada*, ou apenas parasitas intergalácticos malévolos, como nos dois *Independence Day*. Mas além disso, eles expressam ainda um outro dado interessante sobre o conceito do ET e sua relação com os habitantes da Terra: o aspecto da modificação do mundo. O contato é colocado como um ponto de virada da humanidade, a partir do qual há mudanças significativas – e positivas – da vida no planeta.

Como bem nos lembra Hanegraaff (2005), a ideia dos contatos com extraterrestres não é algo tão recente nem totalmente dissociada do pensamento mítico-religioso ou esotérico, mas foi um dos fatores determinantes no advento do que se convencionou mais tarde chamar de movimento Nova Era. Para os primeiros Novos Movimentos Religiosos mais estritamente ligados a OVNI's e extraterrestres, a despeito dos processos de indigenização que ocorreram posteriormente, esses contatos adquiriam, mais ou menos explicitamente, uma interpretação milenarista. No início dos anos 1950, conforme já adiantado anteriormente, as expectativas de uma catástrofe iminente e a salvação por meio de discos voadores era a tônica de certos grupos. Ao analisar o conceito de Nova Era, Hanegraaff (1996, p. 95-97) propõe sua divisão entre dois sentidos. Nesse primeiro momento, das comunidades alternativas apocalípticas cultuadoras de OVNI's, teríamos o que o autor chama de Nova Era em sentido estrito. A ênfase assentava-se em uma forma de vivência que recusava o modo de vida predominante na sociedade enquanto esperava-se pelo evento cataclísmico e a salvação, seja ela por discos voadores ou outras variações cosmológicas. Gradativamente, conforme muitas das profecias apocalípticas não se concretizavam, os adeptos passavam a uma postura mais ativista, buscando vivenciar a Nova Era na prática. A partir da década de 1970 teria começado o que Hanegraaff (1996) chama de Nova Era em sentido amplo, da qual a perspectiva anterior se tornaria apenas uma parte. Essa amplitude de sentido se daria pela dispersão dos elementos contraculturais e uma busca por ideias e modos de vida alternativos, muito influenciados pela contracultura californiana. Assim, em sentido estrito, a Nova Era estaria relacionada ao milenarismo e à acepção mais literal do termo: a ideia, influenciada pela astrologia, de uma nova era regida pelo signo de Aquário – a conhecida Era de Aquário, com suas características de paz e ênfase no cultivo da espiritualidade – suplantaria a anterior Era de Peixes, segundo essa visão, materialista e dualista. Em sentido amplo, ocorre a perda do aspecto apocalíptico e a adoção de uma dimensão holística, tanto da espiritualidade em si quanto na busca de práticas e terapias com objetivo de aprimoramento individual. O aguardado fim dos tempos, com cataclismas que imporiam situações trágicas ao mundo em busca de um recomeço, adquire uma significação menos apocalíptica. O novo mundo, ou a entrada em uma era nova, não necessariamente dependeria de uma mudança brusca, mas de uma gradual modificação de consciência e conseqüentemente de atitudes.

Outros fatores também colaboraram com o surgimento da mentalidade ou estilo de vida *new age*. Para Amaral (2000) a confluência de fatores determinantes para o surgimento do movimento Nova Era começou ainda no século XIX, com a articulação entre o Espiritualismo, o Transcendentalismo, a Teosofia e outras escolas de pensamento. A partir da década de 60 e 70 do século XX, no entanto, essa convergência entre temáticas religiosas orientais, místicas e o pensamento ocidental ganharia fôlego com o momento de contestação social emergente. Outra influência cultural do movimento,

segundo a mesma autora (AMARAL, 2000, p. 26), seria a tradição romântica ocidental. Os ideais românticos de busca por paz e reconciliação entre oposições influenciaria na crença de uma realidade dinâmica e de um processo de evolução espiritual constante. É com base nesse objetivo que o indivíduo passa a gravitar ao redor de conteúdos de diversas tradições, instrumentalizando-os para o autoaprimoramento. Silveira e Sofiati (2017) utilizam o interessante conceito de “desencaixes religiosos” para designar essa instrumentalização, favorecida pela contracultura, pela confluência entre as experiências religiosas ocidentais e orientais e o ideal romântico do século XIX:

Essa realidade favoreceu o “desencaixe religioso”, isto é, a diluição dos limites impostos à imaginação religiosa pelas instituições tradicionais que a inscreviam em uma localidade ou região onde vigorava uma narrativa religiosa hegemônica ou majoritária. Em virtude do desencaixe, a imaginação religiosa dos indivíduos, primeiramente a dos mais letrados, passou a ter maior acesso às tradições orientais, xamânicas, pagãs, esotéricas, etc. As “excentricidades” protagonizadas por indivíduos interessados nos saberes religiosos da humanidade ofertaram algumas das ideias-força que influenciaram os rumos da modernidade religiosa ao longo de todo o século passado (SILVEIRA & SOFIATI, 2017, p. 58).

Amaral (2000, p. 36) cita ainda uma “descanonicalização da relação entre lugar e sagrado”, ou seja, a possibilidade de um desencaixe não apenas com relação aos conteúdos, mas também aos locais onde essas práticas ou rituais podem ser realizadas. É o que possibilita, no contexto do movimento Nova Era, arranjos como rituais xamânicos promovidos em *workshops* em grandes cidades, como mostram as pesquisas de Magnani (1999; 2005). Com o advento da internet e a velocidade da comunicação de massa, a desconexão entre lugar e sagrado – ou um quadro metaempírico mais geral de significados, como prefere Hanegraaff (1999a) – se torna ainda mais intensa, tanto no caso da Nova Era quanto dos Novos Movimentos Religiosos. Em seu estudo sobre o movimento Raeliano no Brasil e na Europa, Machado (2010) avalia que essa mediação midiática cria conexões que antes inexistiam. A própria ideia de comunidade, tradicionalmente fixa e restrita espacialmente, se torna uma comunidade *imaginada* através da circulação das formas mediadas. Embora sejam voláteis e fluidas, elas mantêm o ideal comunitário, articulando o comunitarismo à individualidade. Até mesmo transnacionalmente o indivíduo sente-se parte integrante de um movimento e de uma comunidade sem fronteiras geográficas ou espaciais delimitadas. A valorização do indivíduo, nesses casos, não significa a ausência de um senso comunitário.

É necessário ainda, no caso da Nova Era, sempre nos atermos a como opera essa noção de indivíduo. Afinal, nesse estilo de religiosidade, um ponto fundamental é a busca do *self*, ou seja, um eu superior à dimensão individualista do ego.

Aprimorar o *self*, no sentido moral, não significa tornar o “indivíduo” um ser perfeito, completo de si mesmo ou todo-poderoso, mas prepará-lo para

tornar-se receptível àquele movimento oscilatório do espírito, capaz de torná-lo a dimensão individual aprimorada do ser: a entidade capaz de estabelecer a mediação (ou a comunicação) entre a realidade imediata do ego e a realidade mais vasta da “vida” (AMARAL, 2000, p. 144).

D’Andrea (2018) nos chama atenção justamente para essa questão ao colocar a experiência individual no cerne da Nova Era. Para este autor, deve-se ter cuidado ao classificar certos grupos como pertencentes à Nova Era apenas por suas características ritualísticas ou cosmológicas. Embora sejam sincréticos, tanto com relação às culturas religiosas locais quanto transnacionais, o sincretismo em si não é suficiente para que consideremos um grupamento religioso como pertencente a esse movimento fluido. O que mais distingue a Nova Era é a forma de se vivenciar a espiritualidade. O indivíduo, assim, adota uma postura reflexivista, e as práticas e rituais, sincretizados ou não, nada mais são que um caminho para alcançar o autoaprimoramento. De fato, Amaral (1999) já classificara esse estilo *new age* individual como um sincretismo em movimento, ou uma “cultura religiosa errante” (AMARAL, 2003, p. 19).

O indivíduo, portanto, pode relacionar-se com os Novos Movimentos Religiosos com base nesse modelo reflexivista ou não. Para uma melhor compreensão sobre os conceitos de Nova Era, Novos Movimentos Religiosos, espiritualidade e até mesmo religião, o historiador das religiões Wouter Hanegraaff apresenta conceituações que podem ser de grande auxílio. O autor desenvolve uma teoria para o estudo dessa religiosidade contemporânea, muitas vezes fluida e mais livre de fronteiras institucionais, englobando a Nova Era e os NMRs. Assim, Hanegraaff (1999b, p. 122) divide a religião em três conceitos diferentes. O primeiro é a religião em um sentido mais geral. Esta seria um sistema que oferece a possibilidade de contato com um quadro metaempírico mais geral de significados por meio de rituais. Esse quadro metaempírico se apresenta como uma alternativa conceitual a termos como “sagrado”, que, segundo o autor, pode também se apresentar dentro da perspectiva êmica das espiritualidades seculares contemporâneas (HANEGRAAFF, 1999a). A categoria de quadro metaempírico, ou seja, um imaginário além da empiria, se mostra mais adequado dependendo da perspectiva teórica utilizada, como é o caso do presente estudo.

Quando esse sistema é formalizado em uma instituição social, temos o segundo tipo: uma religião específica. E, por fim, como é comum na forma na citada forma Nova Era de lidar com a religiosidade, pode-se buscar esse contato com esse quadro metaempírico mais geral de significados sem uma mediação institucional. Quando se manipula sistemas simbólicos individualmente, temos o que o autor classifica como espiritualidade (HANEGRAAFF, 1999b, p. 123). Seguindo essa linha de conceituação, a Nova Era poderia ser classificada como religião, no sentido geral. No entanto, pode também ser considerada espiritualidade quando um indivíduo manipula práticas livremente, em busca de autoaprimoramento, elevação espiritual etc.

Quando os Novos Movimentos Religiosos criam uma estrutura institucional, ainda que façam uso de práticas ou adotem cosmologias comuns ao movimento Nova Era de uma forma geral, eles acabam formalizando-se em uma religião no sentido específico, conforme as classificações do historiador das religiões. É importante ainda nos atentarmos nas formas de relacionamento dos adeptos com esse tipo de movimento religioso. Eles podem manifestar tanto uma pertença exclusivista quanto se relacionarem com um ou mais NMRs ao estilo Nova Era, isto é, instrumentalizando determinado movimento e suas práticas para o aprimoramento do *self*. Ao analisar como esses indivíduos se organizam em torno de circuitos de práticas *new age* na cidade, Magnani (2005) também conclui que essa busca por autoconhecimento se traduz em um estilo de vida. Essa constante procura atuaria como o argumento genérico que ordena a espiritualidade. Portanto, é compreensível que o *new ager* sequer se considere membro de uma religião, frequentemente classificando sua participação e os movimentos religiosos como um estilo de vida, filosofia, busca espiritual ou outros termos similares – ainda que seja participante ativo em movimentos institucionalmente formalizados.

Uma vez compreendidos esses conceitos, voltemo-nos à questão do milenarismo nos NMRs cujas bases cosmológicas contam com a presença de extraterrestres. No caso das catástrofes ou cataclismas profetizados, as expectativas milenaristas costumam girar em torno do resgate dos humanos escolhidos ou aptos. Grünschloß (2000, p. 62) nos lembra de algumas similaridades desses arranjos com a escatologia cristã. Nessa última, há dois modelos básicos: a salvação extramundana, como na crença do arrebatamento, e a salvação intramundana, que coloca o estabelecimento do reino de Deus na Terra após a derrota de Satanás. No caso dos movimentos religiosos de OVNIs e ETs, o autor observa certos padrões similares. Em muitos deles, há a expectativa pelo o que o autor chama de *Big Beam*, ou seja, uma “grande abdução”³⁹ (GRÜNSCHLOß, 2009) que salvaria determinados terráqueos – especialmente aqueles adeptos ao movimento em questão. Um exemplo conhecido são os membros do grupo Heaven’s Gate, que cometeram suicídio em massa no ano de 1997. No trágico episódio, 39 pessoas foram encontradas mortas em uma mansão nos arredores da cidade de San Diego, nos Estados Unidos. Nas mensagens deixadas, os adeptos diziam estar deixando seus corpos físicos para ascenderem em espírito até um disco voador que passava pela Terra junto com o cometa Hale-Bopp. Em uma mensagem gravada, o líder do movimento dizia ainda acreditar que parte do cometa se desprenderia, causando devastação no planeta, e que os calendários estavam errados: o ano de 1997, na

39 Os termos *beam up* e *beam down* já foram inclusive incorporados a certos dicionários de língua inglesa. Segundo o Oxford Learner’s Dictionaries (BEAM UP, 2020b), *beam somebody up or down* significa “(in science fiction stories) to transport somebody to or from a spaceship using special electronic equipment”. O dicionário Mcmillan (BEAM UP, 2020a) cita inclusive a famosa frase da série *Star Trek*, responsável pela popularização do termo. *Beam me up, Scotty*, era dito sempre que personagens, quando na superfície de algum planeta, pediam ao operador de teletransporte da nave Enterprise que fossem levados de volta à nave.

verdade, seria o ano 2000, o ano do fim do mundo – exatamente dois milênios após o nascimento de Jesus (LEWIS, 2000, p. 146).

Mas semelhanças com o segundo modelo básico escatológico, ou seja, aquele do paraíso na Terra, também podem ser encontradas em alguns desses NMRs. Grünschloß (2000) acrescenta que essa é visão da maior parte dos grupos esotéricos e ligados a certos contatados, como vimos anteriormente. Nesse cenário, o contato com os extraterrestres é o fator decisivo para a transformação do mundo, seja pelo aprendizado de novos conhecimentos trazidos pelos visitantes quanto pela utilização e tecnologias ainda desconhecidas que mudariam os rumos da humanidade. A grande abdução dura apenas o tempo – variável de grupo para grupo – necessário para o restabelecimento do planeta.

A expectativa da chegada de novas tecnologias, trazidas pelos ETs, é um tema recorrente nesses movimentos religiosos. Trompf (2003) faz um interessante paralelo entre os NMRs de OVNI e extraterrestres e os *cargo cults* melanésios. Segundo o autor, esse “culto à carga” se desenvolveu em pequena escala em certos grupos tradicionais das ilhas da Melanésia. Ao contatarem tardiamente os mercadores europeus e asiáticos, esses povos acreditavam que os bens trazidos – mesmo por aviões, ou seja, meios de transporte até então desconhecidos para eles – poderiam ter sido enviados pelos antepassados ou um presente do mundo dos mortos. O autor destaca que esse tipo de crença religiosa se tornaria elemento fundamental de vários NMRs melanésios a partir de então, o que não ocorreria ainda sem novas bricolagens e indigenizações comuns nesse tipo de experiência religiosa:

O cultismo de carga tornou-se o fenômeno que melhor caracterizou os novos movimentos religiosos melanésios, como mobilizações de grupo para se preparar para a recepção do que os líderes proclamavam como a vinda de riqueza repentina – na forma de Carga (em Tok Pisin, *Kago*) e trazida pelos ancestrais que retornavam (ou Jesus, em sua Segunda Vinda, como previam os missionários). *Kago* significava os meios para obter certa igualdade com os intrusos, assim como assumir uma nova vida, e implicava esperança de que, por meio do Cargo e dos ancestrais, o jugo colonial fosse derrubado (TROMPF, 2014, p. 7, tradução nossa).

Esses padrões são também comparáveis aos de outros NMRs, dessa vez ocidentais, que também aguardam por uma carga – não trazida por navios, aviões ou colonizadores, mas por discos voadores e habitantes de outros planetas. Aplicando essa perspectiva teórica a grupos contemporâneos, Grünschloß (2002) coloca as esperanças cargoísticas⁴⁰ como tema central dessas cosmologias. A salvação, assim como nos dois modelos clássicos da escatologia cristã, ocorreria de duas formas. A salvação

40 A expressão esperanças cargoísticas é um neologismo criado pelo tradutor do artigo de Grünschloß (2002). A expressão original, em inglês, é *cargostic hopes*.

extramundana, evidentemente, estaria expressa na fuga desse mundo para um outro mundo melhor. Como representante desse tipo de pensamento, temos o suicídio em massa do Heaven's Gate. A salvação intramundana, como o reestabelecimento do reino dos céus na Terra, por sua vez, pode ser comparada ao pensamento de grupos que se apoiam nas esperanças cargoísticas, como a *Brotherhood of the Sun*, citada por Grünschloß (2002, p. 41) ou a comunidade organizada em torno do pensamento de Trigueirinho Netto, conforme apresentei anteriormente.

No entanto, essas esperanças não existem apenas nesses movimentos religiosos. O extraterrestre e seus bens, sejam tecnológicos e materiais ou morais e imateriais, capazes de mudarem a vida na Terra, são também uma expectativa em grupos não assumidamente esotéricos, místicos ou religiosos. Seguindo o conceito de ET como um fluxo, vemos como este perpassa a ufologia autodenominada científica como uma expectativa cargoística ou a partir de uma lógica milenarista – especialmente no modelo escatológico de salvação intramundana.

Anteriormente, ao citar a Operação Prato, ocorrida no norte do Brasil, já foi possível observar em parte a lógica do segredo que alimenta as expectativas ufológicas. A busca da confirmação da aventada realidade dos contatos com discos voadores e seres de outros mundos é um fator de motivação dos ufólogos. Almeida (2015, p. 356) sinaliza, no que chama de “pragmática do segredo”, as relações entre a ufologia e o suposto acobertamento de informações sobre ETs. Essa ocultação se articularia de duas formas diferentes. A primeira seria o acobertamento por parte de organizações humanas, sejam elas o Estado, os militares ou outras instituições detentoras de poder. Mas também haveria uma segunda parte interessada em manter o segredo sobre os visitantes do espaço. As informações obtidas pelo pesquisador em sua pesquisa de campo demonstraram que há ainda, entre ufólogos, a ideia de que os próprios ETs acobertam suas atividades – e que qualquer liberação de documentos por parte dos governos, conseqüentemente “nada lhes garantiria que as informações ali contidas não seriam outra coisa além de um reporte que fora capturado pelas ações furtivas alienígenas para confundir os humanos sobre a sua presença na Terra” (ALMEIDA, 2015, p. 356).

Mas afinal, o que justificaria para os ufólogos que os extraterrestres, embora presentes na Terra, fizessem de tudo para encobrir suas aparições? Um artigo do ufólogo norte-americano Robert Hastings,⁴¹ publicado na Revista UFO em 2011, resume algumas dessas teorias êmicas – ou sociologias desenvolvidas pelos próprios atores em questão, como preferiria Latour (2012). Assim, Hastings (2011, recurso online) elabora três teorias que explicariam por que os ETs não entram em contato

41 O ufólogo é apresentado no site da Revista UFO como cientista e consultor da publicação. No campo ufológico, especializou-se na análise da presença de OVNI's em atividades próximas a arsenais nucleares, tema recorrente em suas palestras.

direto com a humanidade. A primeira seria a “teoria da interferência limitada”. Nesse caso, os extraterrestres limitariam suas interferências por razões éticas. Eles veriam as atividades humanas nocivas com preocupação, como a proliferação de armamentos nucleares, e interfeririam a ponto de mostrar essa insatisfação – como nas narrativas sobre VNIs sobrevoando silos de mísseis e desarmando ogivas. Apesar dessas pequenas mensagens e avisos, se manteriam na maior neutralidade possível.

O ufólogo aventa também uma teoria da interferência não desejada, segundo a qual os seres de outros planetas não entrariam em contato simplesmente por falta de interesse. Nessa hipótese, as visitas teriam apenas o intuito de observação da sociedade humana ou pesquisas científicas. Esse seria o motivo, segundo a publicação, das atitudes evasivas de OVNI frente às tentativas de contatos por partes dos humanos. O artigo compara essa suposta postura dos ETs com a dos antropólogos. Em uma visão aparentemente não tão conhecedora dos métodos antropológicos, o autor comenta que “nem os nossos antropólogos participam dos atos das diversas sociedades por eles estudadas” (HASTINGS, 2011, recurso online).

Por fim, Hastings disserta ainda sobre o que chama de teoria da interferência crescente. Os avistamentos de discos voadores e contatos com extraterrestres seriam propositais por parte dos visitantes, mas controlados pelos mesmos para evitar um aparecimento ostensivo. Segundo essa teoria ufológica, se assim podemos chamá-la, os ETs teriam uma espécie de agenda com o objetivo de tornar sua presença familiar para os habitantes da Terra progressivamente. Os avistamentos e casos de contato – como os vários relatos de ETs em diferentes países – teriam o efeito de prepararem os humanos para um contato definitivo, sem maior estranhamento:

Esses incidentes recebem uma vasta publicidade, até em nível global. O comportamento de não confrontação por um período prolongado teria o efeito positivo de elevar a consciência humana coletiva em doses pequenas e seguras. Tal estratégia por parte de nossos visitantes poderia abrir o caminho para o contato final e inequívoco com os humanos, minimizando as potenciais interferências causadas por um tipo mais brusco de contato (HASTINGS, 2011, recurso *online*).

Essa expectativa é notável em publicações ufológicas mais recentes. Parece haver uma tendência em considerar que o momento do contato final está cada vez mais próximo. Nesse episódio ápice, essa ausência presente ou vazio repleto de infinitas possibilidades dos OVNI (SILVEIRA, 2016) – e aqui acrescento também os seres extraterrestres – atingiria sua completude, transmutando-se em presença permanente e confirmação de uma realidade a tanto esperada. Segundo essa visão, até mesmo governantes que antes ocultavam os OVNI e representantes das ciências naturais, consideradas “corporativistas” pela ufologia ao não se abrirem à presumida realidade ufológica (CARLOS, 2007, p. 86), estariam admitindo mudar de postura. Supostos

acenos positivos desses atores com relação a assuntos que tratem da possibilidade de vida fora da Terra são assumidos como parte de um processo de *abertura ufológica*. Ao assumirem estar pesquisando objetos voadores não-identificados, como visto no capítulo anterior, os governos estariam finalmente preparando a população para a divulgação da *verdade*. O artigo de destaque da Revista UFO, “Estaria o mundo se preparando para um contato com extraterrestres?”, apresenta essas duas ideias básicas da possível abertura sobre a questão alienígena. A título de demonstração, pode-se ver apresentada no trecho abaixo a possível disposição ao tema por parte das autoridades governamentais e militares:

Nos últimos anos tem havido grandes mudanças na forma como os governos tratam da questão dos discos voadores, que sempre foi um enorme tabu. Hoje, ainda que silenciosamente, mais de 40 nações já admitem que reconhecem sua existência e cerca de 30 aceitam que eles têm origem não terrestre, ou seja, são extraterrestres. É um enorme avanço e, portanto, não há mais razão para discussão sobre a realidade da questão. O Brasil, por exemplo, já teve vários órgãos dentro da Força Aérea Brasileira (FAB) dedicados a pesquisar oficialmente o tema, como o bem estruturado Sistema de Investigação de Objetos Aéreos Não Identificados (Sioani), que existiu mesmo durante a Ditadura dos anos 60 e 70. Hoje, é o Comando de Defesa Aeroespacial Brasileiro (Comdabra), em Brasília, que se ocupa oficialmente do tema – e para a entidade não há muito segredo quanto ao assunto, sendo que vários de seus comandantes já se pronunciaram positivamente a respeito. “Os documentos sobre os UFOs devem ser entregues à sociedade e devem ser de conhecimento de todos. Os UFOs não impõem qualquer risco à segurança nacional”, declarou à Revista UFO o brigadeiro José Carlos Pereira (POLIDORI, 2018, recurso *online*).

No caso das instituições científicas, são as discussões voltadas para um hipotético contato com os extraterrestes que demonstram, para os ufólogos, uma certa quebra de paradigmas: antes fechadas ao assunto, universidades e sociedades científicas estariam agora assumindo essa possibilidade. É interessante notar como, no trecho a seguir, os nomes de cientistas e universidades renomadas são mencionados:

Em outros continentes também há uma crescente agitação oficial em torno do assunto e até mesmo renomadas instituições científicas têm feito intensas e concorridas reuniões para se decidir à criação – se é que já não existe – de uma espécie de “protocolo de recepção aos extraterrestres”, casos eles cheguem à Terra a qualquer instante. Instituições seculares, como a Royal Society inglesa, da qual fizeram parte 90% dos cientistas dos séculos XIV e XX, como Albert Einstein, James Watson, Francis Crick e Maurice Wilkins; o Escritório de Uso Pacífico do Espaço Exterior, unidade da Organização das Nações Unidas (ONU); as Universidades de Stanford, na Califórnia, e Harvard, em Massachusetts; e, evidentemente, a própria Agência Espacial Norte-Americana (NASA), a mais interessada na questão. Todos eles centros acadêmicos e científicos têm sido os órgãos mais dedicados à questão e nem sempre silenciosamente. “Há um

grande risco para o planeta se recebermos extraterrestres, pois não sabemos quais serão suas intenções. Se há vida em outros planetas, talvez seja melhor não encontrá-la”, declarou o recentemente falecido astrofísico inglês Stephen Hawking, ex-professor da Universidade de Cambridge, demonstrando ao mesmo tempo a iminência e o receio real que existe quanto à real chegada dos ETs à Terra. Devemos fazer contato? O que se vê é que gradualmente as mais importantes nações da Terra estão se preparando para aquilo que os ufólogos acreditam ser a *chegada definitiva* de outras espécies cósmicas ao planeta e sua *apresentação formal à humanidade* (POLIDORI, 2018, recurso *online*, grifos nossos).

No final do excerto, chamam atenção os termos *chegada definitiva* e *apresentação formal*, ambos utilizados para destacar que a presença extraterrestre já ocorria, sendo acobertada pelos motivos citados mais acima. Entretanto, estaria chegando o momento no qual a mesma passaria a ser ostensiva e do conhecimento de todos. Ao dissertar em outro artigo sobre o tema, o ufólogo Robert Hastings (2018, recurso *online*), que defende a tese da possível iminência de um contato final, diz que o evento traria uma mudança de paradigma para a sociedade. No caso de se haver uma progressão, na qual os alienígenas se mostrariam aos poucos aos humanos – o que, na visão da ufologia, já acontece – as modificações progressivas culminariam com as ciências admitindo a realidade dos discos voadores e seus tripulantes. Mas se *a chegada* ocorrer como no filme de mesmo nome, de maneira abrupta, a modificação seria imediata:

Porém, observando a questão por outro ângulo, a prova das visitas extraterrestres poderia também se apresentar de forma abrupta, com um único golpe, surpreendendo-nos de maneira inesperada e estonteante. Se há realmente visitantes de outros planetas aqui, e eles decidirem abandonar o comportamento fugidivo e tímido para se revelarem abertamente, em uma demonstração mundial irrefutável, então a mudança de paradigma resultante será instantânea e profundamente chocante para a humanidade como um todo — mesmo para aqueles que previam sua inevitabilidade. Um evento assim pode ocorrer a qualquer momento, talvez até amanhã. Supondo que um contato final ocorra, prever e interpretar o comportamento extraterrestre pode ser uma tarefa impossível porque não existe nenhuma estrutura real de referência para isso (HASTINGS, 2018, recurso *online*).

De parte da ufologia, a preparação para este grande dia ocorre não apenas nas publicações, mas também em eventos. Almeida (2015) já demonstrou como a dinâmica dos congressos de ufologia são relevantes para a ideia de uma comunidade ufológica, entendida não como grupo coeso, mas um processo formativo. Os congressos, segundo as observações do antropólogo, variam em complexidade e tamanho. Há aqueles que reúnem, em nível local, um número menor de pessoas, cobram inscrições mais baratas e contam com palestrantes geograficamente próximos. Os eventos maiores, em geral, no Brasil organizados pela Revista UFO, por vezes reúnem um número significativamente

maior de participantes e palestrantes internacionais – alguns também articulistas parceiros da publicação.

Alguns desses congressos mais recentes tiveram como temas de destaque a abertura ufológica e o possível contato final. Em novembro de 2014 ocorreu na cidade de Foz do Iguaçu, no estado do Paraná, o VI Fórum Mundial de Ufologia. O site da Revista UFO (EQUIPE UFO, 2014, recurso online), que organizou o evento, divulgava que as palestras seriam importantes para uma “a preparação para o contato final, que pode estar próximo”:

O UFOZ debaterá não somente a história da Ufologia, mas seu presente e o que a aguarda no futuro, especialmente o momento do tão aguardado contato oficial e definitivo com nossos visitantes extraterrestres. Para tanto, uma preparação evidentemente se faz necessária e uma das conferências a tratar do tema terá o título Ufologia: Perspectivas Factuais e Especulações para o Futuro Contato. Apresentada por Fernando Ramalho, coeditor da Revista UFO e desde 2010 à frente da coordenação da campanha UFOs: Liberdade de Informação Já, a conferência irá traçar um panorama geral da Ufologia, desde os primórdios da presença alienígena em nosso mundo (EQUIPE UFO, 2014, recurso *online*).

Mais recentemente, em 2018, o tema teria ainda mais destaque na divulgação do XXIII Congresso Brasileiro de Ufologia, ocorrido em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. O site da revista indicava que os debates girariam em torno da necessidade de alertar à sociedade sobre a iminente chegada dos ETs, esclarecendo a população. O editor da publicação seria o responsável por uma das palestras, divulgada nos seguintes termos:

O editor da Revista UFO, A. J. Gevaerd, irá apresentar a conferência "O Encontro e Futuro Convívio com nossos Visitantes Extraterrestres". Pesquisadores de todo o mundo são unânimes em confirmar que são genuínas as evidências da ação em nosso planeta de inteligências alienígenas, provenientes de outros pontos do Universo. As estatísticas levantadas sobre as ocorrências confirmam que estas vêm aumentando, o que para muitos significa uma gradual aproximação de nossos vizinhos cósmicos para com nosso planeta, e esse fato corrobora a necessidade de uma campanha de esclarecimento da população brasileira e mundial, preparando o provável contato oficial dos extraterrestres com a humanidade (EQUIPE UFO, 2018, recurso *online*).

Não é minha intenção aqui detalhar os eventos, mas apenas reforçar como a narrativa do contato final parece vir ganhando força no meio ufológico – em especial nas publicações da Revista UFO. Cabe-nos aqui refletir se essa expectativa não apresenta também traços de uma esperança cargoística; não nos moldes exatos dos NMRs, é evidente, mas como uma lógica subjacente de espera pela chegada de uma nova revolução técnico-científica. Um texto em especial da Revista UFO trata das possíveis

tecnologias utilizadas pelos extraterrestres em suas atividades, desde a velocidade dos discos voadores até as conhecidas abduções. Ele representa a típica alusão feita a conhecimentos científicos atuais e como eles se aplicariam a essas situações. Essas comparações visam tentar avaliar, de forma presumidamente científica, os relatos das testemunhas dos contatos extraterrestres. O trecho abaixo, que disserta sobre uma abdução extraterrestre, é bem elucidativo nesse sentido:

O abduzido é então conduzido pelo alienígena para dentro da bola de luz. Todas as pessoas que permaneceram despertas durante tais acontecimentos relatam que, uma vez envoltas pela luz, começam a flutuar. Contam ainda que, uma vez dentro da bola de luz, atravessam janelas e portas que se encontram fechadas ou passam através de paredes e telhados. Mas se acreditamos em tais depoimentos, temos que entender como tais situações são possíveis, uma vez que, de acordo com o Princípio da Impenetrabilidade de Newton, “dois corpos não podem ocupar o mesmo lugar no espaço ao mesmo tempo”. [...] Essa estranha maneira de se “passear” por dentro de corpos sólidos há muito é procurada por nossos cientistas. Teoricamente, a possibilidade de se alcançar tal feito é explicada e pode ser entendida por intermédio da física quântica. Contudo, ainda carecemos dos meios científicos e tecnológicos que nos permitam concretizar essa proeza (MATOS, 2018, recurso *online*).

É notável que, aqui, haveria uma explicação científica para o relato. Porém, essa ciência apresenta-se como uma ciência do porvir, algo que no futuro poderá ser conquistado, embora até o momento nos pareça impossível. Hanegraaff (1999b) comenta sobre como imagens e histórias tem a característica de manter a coesão em determinados grupos. Isso ocorreria, segundo o autor, tanto em comunidades religiosas como na sociedade secular contemporânea. A própria mecânica quântica, como vimos no excerto acima, é frequentemente mobilizada como símbolo de oposição a uma realidade mecanicista. Sua popularização é vista tanto em movimentos religiosos e espiritualidades a Nova Era quanto em grupos mais secularizados, como é o caso da ufologia. O termo *física quântica*, assim, popularizado e instrumentalizado, deixa o domínio de uma disciplina científica especializada e seu contexto determinado para se tornar parte de uma espécie de mitologia de ciências (HANEGRRAFF, 1999b, p. 124).

À parte da tentativa de explicação da suposta ciência alienígena por conceitos das ciências naturais, a possível chegada dos extraterrestres também esse tipo de ciência altamente avançada inimaginável à realidade humana, como um *cargo* capaz de possivelmente prover as necessidades técnico-científicas da Terra. Como foi possível observar nos trechos citados anteriormente, podemos elencar ainda que o contato final traria também mudanças morais ou até o suposto esclarecimento de uma suposta história não contada da humanidade – comprovando, por exemplo, teorias ufoarqueológicas, como as de forte representação nas obras de Erich von Däniken. A mitologia de ciências da qual fala Hanegraaff, portanto, não diz respeito nesse caso

apenas às ciências naturais, mas também às humanidades. O apregoado contato final, por fim, remete-nos ainda à lógica milenarista, de salvação intramundana, não tanto aos moldes da escatologia cristã tradicional ou dos NMRs apocalípticos, mas da Nova Era em sentido amplo. O fim dos tempos indicaria nada mais do que o início de *novos* tempos, neste mundo, com a interação entre seres humanos, extraterrestres, suas tecnologias e a resposta final para as perguntas que desde tempos imemoriais interpelam a sociedade.

Ainda no assunto dos eventos ufológicos que tratam do contato final, um caso específico é interessante para nos mostrar como esses diferentes fluxos – dos extraterrestres em perspectiva autodenominadas religiosas ou não – se emaranham. Em 20 de julho de 2019 ocorreu na cidade de Peruíbe, São Paulo, o XIV Encontro Ufológico de Peruíbe. Este congresso apresenta uma perspectiva interessante para o este estudo, ao demonstrar uma certa porosidade de fronteiras entre a ufologia pretensamente científica e os temas religiosos, aos quais, por vezes, a primeira é avessa. Uma publicação de divulgação do evento, no site da Revista UFO, celebra o fato do mesmo ocorrer na “Data Limite”. O artigo anuncia ainda a presença de palestrantes que não são ufólogos, mas sim um orador espírita e dois documentaristas. Trata-se de Geraldo Lemos Neto, “amigo de Chico Xavier e portador de mais detalhes sobre a Data anunciada pelo grande médium” (POLIDORI, 2019a, recurso *online*), Rebeca Casagrande e Fábio Medeiros, produtores do documentário “Data Limite segundo Chico Xavier”. Mas, qual seria a relação de Chico Xavier com a ufologia?

Para responder a essa pergunta e conseqüentemente entender a data escolhida para o XIV Encontro Ufológico de Peruíbe, precisamos explorar rapidamente alguns meandros do referido documentário. Data Limite segundo Chico Xavier é um documentário lançado em 2014 e disponibilizado no Youtube. Com quase 9,5 milhões de visualizações até o momento – junho de 2020 – o filme gira em torno de uma suposta profecia de Chico Xavier, confiada ao então jovem Geraldo Lemos Neto em meados dos anos 80. Segundo conta Lemos no documentário Chico o teria confidenciado que em 20 de julho de 1969, com a chegada da humanidade à lua, ocorreria uma reunião de espíritos muito evoluídos, “potências angélicas” do sistema solar.

No livro “A caminho da luz”, psicografado por Chico Xavier e atribuído ao espírito Emmanuel, este teria informado sobre a programação de uma reunião de potências angélicas do sistema solar para o fim do século 20. Ainda segundo a entrevista de Lemos, o médium mineiro informara que a reunião ocorreria em 20 de julho de 1969, com a chegada da humanidade à lua. O objetivo seria fazer uma espécie de balanço da evolução moral da sociedade terrena, já que, além da recente tecnologia para chegar a outros mundos, os seres humanos dispunham também de arsenais nucleares que causavam preocupações nos planetas vizinhos. Esses últimos estariam prestes a interferir na Terra, tamanho o risco representado pelos bélicos humanos – embora não

seja esclarecido, no documentário, que tipo de intervenção seria essa. Por conta disso, Jesus, que na cosmologia espírita é tido como o governador da Terra, teria pedido aos outros representantes uma espécie de moratória para a humanidade. A humanidade teria 50 anos para mudar sua postura, evitando uma guerra mundial e principalmente nuclear. Caso isso ocorresse, seriam desencadeados cataclismas capazes de corrigir à força as atitudes negativas. Por outro lado, se passasse nesse teste de meio século, o planeta poderia esperar grandes descobertas e realizações. Para corroborar essa afirmativa, o documentário lança mão da entrevista de Chico Xavier ao programa Pinga Fogo, em 1971. São inseridos no documentário trechos da participação do médium mineiro, em especial às possivelmente referentes à data e ao contato com extraterrestre, como as frases “Se não entrarmos numa guerra de extermínio nos próximos 50 anos, então nós podemos esperar realizações extraordinárias da ciência humana...” e “O que nós vamos compreender é que fazemos parte de uma família universal” (DATA, 2014).

Lemos Neto conta ainda que Chico Xavier o teria confidenciado outros detalhes sobre a suposta “data limite” – alguns dos quais interessam diretamente à ufologia. Segundo o orador espírita, embora pouco falasse no assunto em público, Xavier concordava com diversas teorias da ufologia. O médium teria confirmado que os alienígenas vigiam os arsenais nucleares de vários países, e que ao final do prazo de 50 anos, Jesus autorizaria os extraterrestres a se apresentarem abertamente aos humanos (DATA, 2014). É interessante notar que, na narrativa, tais informações não são apoiadas em obras psicografadas por Chico Xavier, mas nos relatos de Lemos Neto. Há, de fato, a referência às falas do programa Pinga Fogo e à obra *A caminho da luz*⁴², atribuída ao espírito Emmanuel, mas o nível de detalhamento fica por conta das alegadas conversas do jovem Geraldo Lemos Neto com Chico Xavier. É notável ainda quem são os outros entrevistados do documentário *Data Limite*. Entre os entrevistados constam tanto ufólogos como médiuns, como Divaldo Franco. A narrativa do filme é conduzida de forma a tentar demonstrar que, a partir dessa data-limite, ou seja, 20 de julho de 2019, o aguardado contato final com os extraterrestres poderia ocorrer a qualquer momento. Segundo a narração do documentário, “será o momento onde a humanidade reencontrará suas origens e descobrirá o seu papel no universo em que está inserida” (DATA, 2014).⁴³

42 Segundo Lemos Neto conta no documentário, em “*A caminho da luz*” Emmanuel teria dito que a reunião dos espíritos representantes do sistema solar ocorreria no final do século XX, mas sem especificar a data.

43 Com a chegada do suposto prazo em 2019 e a popularização da “data limite” pelo documentário, a “profecia” de Chico Xavier foi abordada por diversos veículos de comunicação. O jornal mineiro *O Tempo*, por exemplo, entrevistou Geraldo Lemos Neto e um dos coprodutores do documentário (DINIZ, 2019). Já a *Veja São Paulo* destacou que o assunto “viralizou na internet e fez com que muita gente pensasse que o mundo pode acabar” (PRADO, 2019).

Não é minha intenção aqui uma análise mais pormenorizada sobre o conteúdo da referida produção. Para o objetivo presente, o que deve ser ressaltado é como a figura do extraterrestre e a esperança cargo-milenarista, se assim posso chamá-la, atua como fluxo entre o espiritismo kardecista e a ufologia pretensamente científica. Falas de Chico Xavier e alegadas confissões do médium a um interlocutor acabam se tornando uma espécie de profecia ufológica. Da mesma forma, a figura do médium é descolada da institucionalidade espírita: os ufólogos entrevistados referem-se à credibilidade de Chico Xavier, ao qual consideram portador de ampla paranormalidade,⁴⁴ o que o possibilitaria ser um conhecedor dessa possível realidade extraterrestre. Assim, embora a figura do médium mineiro esteja mais relacionada à religiosidade, vemos que ela livremente mesmo na ufologia que busca um status científico. Vemos, mais uma vez, como Chico Xavier exerce um papel de “grande mediador”, como lembra Lewgoy (2014), dessa vez promovendo uma mediação entre o espiritismo e a ufologia.

Prosseguindo no intento de demonstrar esses entrelaçamentos, deve ser destacado que Geraldo Lemos Neto também assina um artigo no site da Revista UFO, onde explica a data limite nos mesmos termos do documentário. A seguinte citação resume e traz mais alguns detalhes sobre o argumento do orador espírita:

Segundo nos ensinou Chico Xavier, a partir da data que o homem pisou na Lua — 20 de julho de 1969 —, foi dado à humanidade um prazo de 50 anos para que provássemos nossa real vontade de progredir rumo à condição de regeneração que nos aguarda. Em termos práticos, tudo vai depender de nossas escolhas individuais e, principalmente, coletivas, nesses dias que nos separam do fim do prazo. Se perseguirmos o objetivo maior de paz entre os povos, fugindo de um conflito bélico nuclear, certamente venceremos a prova dessa moratória e caminharemos a passos largos para um progresso extraordinário, a partir de julho de 2019, atingindo conquistas inimagináveis no campo da ciência, da medicina, da comunicação, do intercâmbio com civilizações extraterrestres mais avançadas, das artes e da espiritualidade. Contudo, se as nações optarem pelo caminho tortuoso e obscuro da guerra, sofreremos consequências também imprevisíveis na reorganização física, social e política do globo, atrasando o passo para a regeneração planetária em quase 1.000 anos (LEMONS NETO, 2019, recurso *online*).

Mas essa não seria a primeira vez que Lemos Neto figuraria na publicação ufológica. Em 2016, Pedro de Campos, articulista da Revista UFO que frequentemente escreve artigos que sobre a relação entre extraterrestres e espiritualidade, contaria outro caso ufológico relatado pelo orador espírita. Segundo Campos (2016), Lemos Neto o teria autorizado a publicar outra confissão de Chico Xavier, dessa vez um

44 Aqui, o próprio termo usado, “paranormalidade”, ao invés de “mediunidade”, demonstra uma demarcação feita pelos atores ao não se considerarem religiosos. Enquanto a mediunidade é um conceito que poderia ser mais atribuído às religiões, a paranormalidade entra no rol das paraciências, mais em consonância com as práticas ufológicas.

contato do médium com um disco voador e seu tripulante. O encontro teria ocorrido em meio a uma viagem de carro, durante a madrugada. As falas a seguir, portanto, são uma reprodução do que Xavier teria contado a Lemos Neto, publicada por Pedro de Campos na Revista UFO:

Pois bem, íamos viajando lá pelas 03h00 da manhã para evitar o trânsito e, no meio caminho, uma luz meio baça, de cor alaranjada, envolveu o automóvel e passou a segui-lo. O doutor Elias achou por bem encostar o carro e esperamos os três para ver o que ia acontecer. Comecei a orar intuitivamente, pedindo aos amigos que me acompanhassem na prece. O espírito Emmanuel se fez presente e nos solicitou redobrada vigilância. A nave apareceu então no pasto ao lado, iluminando toda a natureza em torno com sua luz alaranjada e baça. Ela pairou no ar sem tocar o solo, e do meio dela saiu uma luz mais clara ainda, de onde desceu uma entidade alienígena. Tinha uma aparência humanoide, mas muito mais alta do que nós, com cerca de três metros, quase esquelética (CAMPOS, 2016, recurso *online*).

A narrativa apresenta temas comuns nas narrativas ufológicas, como os contatos durante a madrugada em estradas vazias e a assustadora presença do disco voador e seu ocupante. Chama atenção, no entanto, a presença do mentor espiritual Emmanuel. Além de acompanhar o evento, o espírito teria explicado a Xavier o que se passava – corroborando ainda outras ideias recorrentes na ufologia:

Senti um medo instintivo e roguei ao Senhor que nos afastasse daquele cálice de amargura, que pressentia com o auxílio de Emmanuel. Então, subitamente, a entidade parou e desistiu de nós, retornando para sua nave. Depois, o veículo interplanetário se elevou do solo e eu vi perfeitamente uma vaca sendo levada até o seu interior, como se levitasse até lá. Em seguida, a nave desapareceu de nossas vistas com velocidade espantosa. O espírito Emmanuel me revelou, então, que estes irmãos infelizmente não eram vinculados ao bem e ao amor, mas eram de sociedades que pilhavam planetas em busca de experiências genéticas estranhas. De vez em quando, abduzem homens e animais para suas aventuras laboratoriais (CAMPOS, 2016, recurso *online*).

Campos (2016) prossegue detalhando os conselhos dados por Chico Xavier a Lemos Neto. O médium teria dito ainda que a maioria das civilizações que fazem viagens espaciais são moral e espiritualmente evoluídas. No entanto, haveria espécies nocivas, responsáveis pelos conhecidos experimentos traumáticos a bordo dos discos voadores.

Ainda de acordo com o relato de Chico Xavier, “segundo Emmanuel, eles [os extraterrestres nocivos] somente não fazem mais porque Nosso Senhor Jesus estabeleceu normas e guardiães para proteger a humanidade terrestre, ainda tão ignorante quanto às realidades siderais em sua infância planetária”. E asseverou a Geraldo Lemos Neto: “Então, meu filho, se você avistar alguma

entidade com as características que eu lhe dei — três metros de altura e corpo humanoide esquelético, corra. Pernas para que te quero!” (CAMPOS, 2016, recurso *online*).

Novamente, é importante ressaltar que esses casos não foram relatados diretamente pelo médium mineiro, mas contados por interlocutores que diziam estar presentes nas ocorrências ou a quem os detalhes teriam sido confidenciais. Portanto, o que interessa aqui é menos a veracidade do fato ou se Xavier realmente teria relatado as histórias. Minha atenção está voltada para dois fatores: o primeiro, a presença desse tipo de narrativa, envolvendo Chico Xavier e seu mentor espiritual Emmanuel, em publicações voltadas para a ufologia; e o segundo, como as histórias conseguem entrelaçar tanto a cosmologia espírita kardecista quanto as narrativas clássicas da ufologia, com seus discos voadores e extraterrestres que promovem experiências com os terráqueos. Ao nos atentarmos para o que diz Latour (2012) sobre o ator-rede e suas influências nos significados, veremos que cada elemento atua como o que o autor chama de intermediário. As relações traçadas entre cada um deles transformam e ressignificam continuamente essa rede. O conhecido Emmanuel, espírito evoluído que teria sido autor de muitos dos livros psicografados pelo médium, dessa vez não aconselha somente sobre diretrizes morais, mas parece plenamente informado sobre as atividades extraterrestres, corroborando as narrativas ufológicas; contudo, isso não ocorre sem que se corrobore também certos elementos da doutrina espírita, como nas referências a Jesus e sua proteção à Terra.

Ainda no artigo de Geraldo Lemos Neto no site da Revista UFO, devemos ter atenção a alguns termos chave para a compreensão dessa articulação espiritismo-ufologia. A começar pelo título da matéria “Data Limite: O legado de Chico Xavier sobre a transição planetária” (LEMONS NETO, 2019, recurso *online*), onde, além da já citada data limite, é aventada sua relação com algo que o autor chama de transição planetária. Conforme a cosmologia espírita kardecista, o planeta Terra, atualmente, seria um planeta de provas e expiações, onde os espíritos reencarnam para resolverem assuntos pendentes e se reeducarem moralmente, visando sua evolução espiritual. Entretanto, assim como seus habitantes, os planetas também evoluíram, ascendendo na escala de mundos, do mais “primitivo” ao mais “elevado”. Os menos evoluídos, como a Terra, seriam locais de reajuste espiritual, segundo as leis de causa e efeito, de onde decorre a persistência do mal e do sofrimento (CAVALCANTI, 2008, p. 56). Ainda de acordo com essa escala, o mundo de regeneração seria o próximo estágio evolutivo da Terra, onde o bem passa a predominar. A humanidade e o planeta estariam, assim, num limiar, prestes se elevar na escala. Essa transição planetária é já aventada em uma das chamadas obras básicas do espiritismo, como se pode ver no trecho abaixo, atribuído a Santo Agostinho e presente no Evangelho segundo o Espiritismo:

Ao mesmo tempo que todos os seres vivos progridem moralmente, progridem materialmente os mundos em que eles habitam. Quem pudesse acompanhar

um mundo em suas diferentes fases, desde o instante em que se aglomeraram os primeiros átomos destinados e constituí-lo, vê-lo-ia a percorrer uma escala incessantemente progressiva, mas de degraus imperceptíveis para cada geração, e a oferecer aos seus habitantes uma morada cada vez mais agradável, à medida que eles próprios avançam na senda do progresso. Marcham assim, paralelamente, o progresso do homem, o dos animais, seus auxiliares, o dos vegetais e o da habitação, porquanto nada em a Natureza permanece estacionário. Quão grandiosa é essa ideia e digna da majestade do Criador! Quanto, ao contrário, é mesquinha e indigna do seu poder a que concentra a sua solicitude e a sua providência no imperceptível grão de areia, que é a Terra, e restringe a Humanidade aos poucos homens que a habitam! Segundo aquela lei, este mundo esteve material e moralmente num estado inferior ao em que hoje se acha e se alçará sob esse duplo aspecto a um grau mais elevado. Ele há chegado a um dos seus períodos de transformação, em que, de orbe expiatório, mudar-se-á em planeta de regeneração, onde os homens serão ditosos, porque nele imperará a lei de Deus (KARDEC, 2010, p. 86-87).

O tema vem sendo abordado inclusive em obras espíritas mais recentes, como nos livros publicados pelo médium Divaldo Franco. Alguns dos livros são psicografias, como *Transição Planetária* e *Amanhecer de uma Nova Era*, ambos atribuídos ao espírito Manoel Philomeno de Miranda (2012; 2015). As obras têm um estilo próximo às da série André Luiz. Ao longo dos capítulos, são relatadas as diversas atividades e diálogos de espíritos no mundo espiritual. O foco, no entanto, são as ações de preparação para a supracitada transição, que estaria acontecendo gradativamente. Diante desse cenário, é possível concluir, tanto no documentário sobre a Data Limite quanto pelos textos de Geraldo Lemos Neto no site da Revista UFO, que é feita uma associação direta entre a transição planetária para um mundo de regeneração do espiritismo kardecista e o esperado contato final com os extraterrestres. Essa hipótese é reforçada ainda pela presença tanto de Divaldo Franco como de ufólogos da Revista UFO no documentário sobre a Data Limite. Os ETs, portanto, novamente atuam como um fluxo que perpassa tanto a ufologia pretensamente científica quanto o espiritismo.

Essa porosidade também se dá em um livro publicado por Divaldo Franco, onde o médium explica como os seres de outro mundo chegam à Terra – não em discos voadores, mas em espírito, através da reencarnação. Além disso, apresenta uma visão interessante do médium sobre a Nova Era de uma forma geral. “A Nova Geração: A visão espírita sobre crianças índigo e cristal⁴⁵” (FRANCO, 2008) não se trata de uma psicografia, mas um livro baseado em palestra proferida por Divaldo Franco nos Estados Unidos, em 2006. De acordo com o Franco (2016, p. 17), “grande número de astrônomos conceituados” já teriam constatado que o sistema solar ao qual pertence a Terra é escravo da atração gravitacional da estrela Alcíone. Nosso sistema

45 Esta obra será melhor analisada no capítulo seguinte, que abordará com maior profundidade o caso das crianças índigo e cristal.

solar levaria, assim, cerca de 26.000 anos para dar uma volta completa ao redor do eixo dessa estrela, aproximando-se dela a cada 12.000 mil anos. Ali, penetraria uma camada de fótons que a circula, permanecendo por cerca de 2.000 anos. A última aproximação desse tipo teria ocorrido a cerca de 12.000 anos, quando a Terra teria começado a ser habitada por seres inteligentes, e a partir do final dos anos 80 o planeta estaria novamente entrando nesse “envoltório de fótons”. Para o médium, é nesses momentos de proximidade que ocorreria uma facilitação da migração entre espíritos de diferentes mundos. Na última transição, teriam chegado à Terra, via encarnação, os seres de Capela, exilados de sua terra natal por não se adequarem moralmente à ascensão evolutiva do planeta (FRANCO, 2016, p. 17-25).

Se anteriormente vimos como os ETs colocam em relação a ufologia e o espiritismo, aqui é notória como os seres de outros mundos – ainda que espirituais – perpassam o espiritismo e a Nova Era. A explicação do médium apresenta uma semelhança considerável com as definições astrológicas típicas do movimento Nova Era, em especial a de sentido estrito (HANEGRRAFF, 1996), ou seja, ligada à movimentação dos astros e a regência por diferentes signos zodiacais. Conforme salienta Guerriero (2016):

Numa perspectiva astrológica, as grandes eras estão relacionadas à inclinação do eixo terrestre em relação aos signos zodiacais. A cada dois mil anos, aproximadamente, o planeta entra numa nova era, regida por um novo signo. A Era de Peixes, que vingou entre o começo da era comum, com o nascimento de Jesus Cristo, e o momento atual, estaria fortemente marcada pela fé cristã e pelas religiões institucionalizadas. A política e a vida social foram dominadas pela autoridade centralizada, pelo dogmatismo, pelos conflitos e guerras. O momento atual representa a ruptura com os antigos valores e a mudança gradual para a Era de Aquário. É o momento de resgate da antiga sabedoria e da união entre a tecnologia e espiritualidade. Os seguidores da astrologia acreditam que esse momento propicia a harmonização, a paz e o crescimento espiritual (GUERRIERO, 2016, p. 219).

Em um quadro maior, portanto, tanto no sentido estrito, da mudança astrológica, quanto do ponto de vista amplo, das modificações morais e espirituais, pode-se traçar paralelos entre os ideais da Nova Era, a transição planetária espírita e o contato final defendido pelos ufólogos. As fronteiras entre grupos que se consideram religiosos ou místicos e aqueles que se veem a partir de uma perspectiva cientificista apresentam certa porosidade, que podem ser entendidas a partir de expectativas cargoísticas e milenaristas – não como o fim literal do mundo, mas o começo de um novo período, consonante com a ideia de salvação intramundana. Embora esta se apresente entre os atores citados ora mais espiritual ora mais material, há sempre uma relação ativa que modifica sentidos mutuamente. Os seres de outros mundos, cuja recorrência nos casos apresentamos seguimos como um fluxo, parecem ter um papel fundamental.

Por sua vez, os acenos de Divaldo Franco tanto à ufologia quanto a elementos mais ligados à espiritualidade Nova Era levam a certas reflexões. Para Vilhena (2008, p. 137), grupos mais localizados às bordas do espiritismo institucional e doutrinariamente conservador, esse tipo de relação não seria algo inesperado. A partir dessa tendência inclusivista, hibridismos e bricolagens podem sim ser construídas individual ou coletivamente. Por outro lado, no polo de tendência conservadora, apenas doutrinas e práticas normatizadas por Allan Kardec são vistas como verdadeiramente espíritas. Segundo a autora, algumas características desses grupos seriam:

Estudo constante da obra de Kardec para preservar sua pureza doutrinal diante das contaminações procedentes de resíduos do Catolicismo, da religiosidade afro-brasileira, dos chamados Novos Movimentos Religiosos, como a Nova Era, de misticismos e práticas mágicas em geral, das por eles chamadas pseudociências. [...] Alertar em relação a resvalos em direção à astrologia, quiromancia, piramidologia, falsa psicologia e parapsicologia, autoajuda, cabala, comunicações com seres extraterrestres (VILHENA, 2008, p. 131-132).

Diante desse tipo de convicção mais conservadora, como seriam vistas as declarações de Divaldo Franco? A julgar pelos atributos elencados acima, é evidente que as falas do médium poderiam ser questionadas. Mas também é pertinente nos perguntar o quanto a credibilidade do médium não traria esse tipo de pensamento das bordas do espiritismo mais institucionalizado para uma posição mais central no mesmo. Como vemos em Weber (2004, p. 327), a legitimação carismática não deve ser desconsiderada, e é inegável que, a partir dessa perspectiva, Divaldo Franco desempenha um papel de liderança, ainda que não institucionalmente. Sendo Franco, hoje, um dos médiuns espíritas mais reconhecidos, cabe-nos o questionamento sobre se essa liderança carismática teria a capacidade de mobilizar esse fluxo relacional. É certo que isso não se dá sem controvérsias, como veremos no capítulo a seguir, mas o peso do carisma pode ter um papel relevante.

Devemos considerar ainda, como observamos ao longo deste capítulo, que há certas modificações substanciais que trazem elementos aparentemente alheios ao espiritismo para dentro desse quadro de referências religioso. Um exemplo são as alusões à astrologia e à Nova Era, que embora possam ser questionadas, passam a fazer sentido a partir de suas associações com a transição planetária para um mundo de regeneração, este sim anunciado nas obras básicas do espiritismo. Da mesma forma, o aguardado contato final com os extraterrestres passa a ser associado à data limite de Chico Xavier, que versava também sobre a transição. Assim, ao utilizar as perspectivas teóricas aqui adotadas, observa-se como cada ator modifica significados colocando-os em relação na rede; e como, atuando como fluxo, a figura do extraterrestre percorre todos eles, culminando com uma presença material ou (re)encarnada, como apresentarei a seguir.

CAPÍTULO V

ELES ESTÃO “ENTRENÓS”

Em meados de 2015, enquanto reunia material e fazia algumas leituras das obras de José Trigueirinho Netto, me deparei com algumas descrições de crianças altamente espiritualizadas. Segundo o espiritualista conta em sua obra “Os jardineiros do espaço”, essas crianças seriam uma nova geração de espíritos evoluídos, encarnados para auxiliar na transição para a Nova Era. Como consta em trabalhos resultantes dessa pesquisa, as tais crianças estariam relacionadas ainda às atividades dos extraterrestres e seres espirituais benevolentes, as “Hierarquias planetárias” (TRIGUEIRINHO NETTO, 2010a), responsáveis por intervirem nos processos evolutivos – materiais e espirituais – humanos. Naquele momento, não era minha intenção um aprofundamento sobre esses jovens considerados especiais. Entretanto, em leituras mais recentes sobre outros movimentos religiosos, pude observar a ideia recorrente da existência de crianças evoluídas, com certas similaridades às do pensamento do espiritualista.

Neste capítulo final, será apresentada a visão de alguns espiritualistas contemporâneos sobre as crianças índigo ou cristal, como passaram a ser denominadas no universo Nova Era a partir do final da década de 1980. Suas características e sua procedência são um caso relevante para a análise dos entrelaçamentos e relações entre os grupos já mencionados, como os espiritualistas mais ligados à malha da Nova Era, médiuns espíritas e atores ligados à ufologia. Veremos que a ideia das crianças evoluídas intensifica essas inter-relações, talvez até mais do que as narrativas espiritualistas/religiosas e ufológicas que foram demonstradas anteriormente.

Assim como os capítulos anteriores, não haverá subdivisões – com exceção deste trecho introdutório –, visto que minha intenção é justamente tecer essa rede de relações. A princípio, apresentarei as definições e características dessas crianças segundo autores ligados ao movimento Nova Era, bem como alguns apontamentos teóricos já produzidos sobre o assunto. A seguir será o momento de avaliar as relações entre os mesmos, o espiritismo kardecista e também as narrativas ufológicas. Como o objetivo aqui é rastrear os extraterrestres através dessas relações, pode ainda restar uma dúvida sobre onde as crianças índigo e cristal se encaixariam. A resposta é simples, como veremos a partir da apresentação do pensamento de médiuns, espiritualistas e ufólogos: a invasão extraterrestre, segundo estes, pode não acontecer com a chegada de discos voadores, como se vê nos cinemas, mas com a (re)encarnação de extraterrestres *como* humanos especiais. Eis a intrincada questão que me proponho a analisar nas páginas a seguir.

O tema das crianças índigo foi introduzido e popularizado no universo Nova Era a partir da publicação do livro *Understanding Your Life Thru Color*, de autoria de Nancy Ann Tappe (1986), que se dizia parapsicóloga e sensitiva. Tappe afirmava ter a capacidade de enxergar as auras das pessoas, e que a partir do final dos anos 1970 teria observado crianças que nasciam com auras de cor índigo, algo até então incomum. Assim como em outras temáticas *new age*, as diversas cores de auras e sua relação com o potencial evolutivo dos seres humanos seria também inspirada pela teosofia. Segundo Singler (2015), a associação da cor índigo com habilidades extraordinárias teria se originado dos trabalhos teosóficos de Charles Leadbeater’s (1854 – 1934), que teria associado a cor índigo ao chakra do terceiro olho e à paranormalidade. Essa autora salienta ainda que o modelo geracional que sustenta a ideia das crianças índigo – e conseqüentemente as cristal, conforme veremos adiante – tem bases também nas obras de Blavatsky (SINGLER, 2015, p. 56).

Mais recentemente, alguns espiritualistas afirmam a existência de crianças ainda mais evoluídas que as índigo, as crianças cristal. Assim como no caso das anteriores, a denominação está relacionada também às auras, dessa vez translúcidas como cristal, apontando assim para um alto estágio evolutivo. Uma das principais difusoras dessa ideia foi a espiritualista estadunidense Dorren Virtue. Um exemplo de personalidade do circuito Nova Era, Virtue afirmava em seu antigo *site*⁴⁶ ter passado por uma experiência espiritual durante um roubo de carro à mão armada. Ela acredita ter sido salva por intervenção divina, sentindo-se motivada a pesquisar e palestrar sobre o assunto. Formada em psicologia, participava de programas de TV e promovia *workshops* em várias partes do mundo. O principal assunto tratado, nesses casos, era a cura através da ajuda dos anjos, chamada por ela de “anjoterapia”. A última frase de sua página biográfica,

46 Anteriormente disponível em: <http://www.angeltherapy.com/about>. Acesso em 01 nov. 2016. Depois de sua conversão, Virtue desativou seus antigos endereços virtuais ligados a práticas *new age*.

inclusive, reforçava que a “*Angel Therapy*” é uma marca comercial internacionalmente registrada em seu nome. Em suas obras sobre as crianças índigo, afirma que essas seriam “sensíveis e psíquicas”, espíritos evoluídos e vindo de outras partes do cosmo para reencarnar na Terra, temperamentais e portadoras de um espírito guerreiro que objetiva modificar as estruturas sociais e culturais vigentes.

Antes de prosseguirmos para a apresentação de outras características dessas crianças, é importante ressaltar uma mudança interessante ocorrida na biografia da espiritualista. As informações biográficas acima foram recolhidas no período de elaboração do projeto dessa pesquisa. Alguns anos depois, no momento de seu desenvolvimento, ao acessar novamente as páginas *online* de Doreen Virtue, elas não estavam mais disponíveis. O site www.angeltherapy.com agora redireciona o usuário para o site www.doreenvirtue.com, o novo site da agora *ex-espiritualista*, se assim podemos chamá-la, onde ela defende exatamente o oposto dos seus trabalhos anteriores. Virtue explica que teve uma visão de Jesus, na qual teria sido indicado que ela estudasse a bíblia. Ao ler a conhecida passagem em Deuteronômio 18:10-12, a agora cristã Doreen Virtue teria visto que era uma pecadora e precisava ser salva. Posteriormente, Virtue colocaria em dúvida até mesmo essa visão, suspeitando que fosse demoníaca (VIRTUE, 2020b, recurso *online*).⁴⁷ Seus novos e incisivos textos denotam certo fundamentalismo cristão, acusando a Nova Era e suas práticas de serem uma tática do demônio para afastar as pessoas de Jesus e do conhecimento bíblico. A espiritualista pede que as pessoas que já adquiriram seus produtos *new age*, como um baralho para se comunicar com os anjos, joguem fora ou queimem as cartas. Conceitos como a lei da atração, comum no universo Nova Era, seria mais uma tática de controle mental satânica, e até mesmo a yoga é considerada uma prática de adoração a deuses pagãos, devendo ser evitada.

Obviamente, Virtue também diz se arrepender de suas obras que popularizaram as crianças índigo e cristal e davam dicas para sua criação. Segundo a autora, esse seria seu maior arrependimento – e também o maior pecado:

Oro para que alguém lendo isso aprenda com meus erros. Por favor, não apresente a seus filhos ioga, cartas de adivinhação, Harry Potter, cristais com o propósito de adivinhação ou qualquer coisa que idolatre a criação acima do Criador. Se você fez isso, por favor, arrependa-se e peça a Jesus que o perdoe e seja o Senhor e Salvador de sua vida. Jogue fora todos os itens da Nova Era, que podem trazer demônios para dentro de sua casa e fazer com que seu filho tenha pesadelos e problemas de comportamento (VIRTUE, 2020a, recurso *online*).

47 Como podemos notar, ambos os processos de conversão da espiritualista se deram de forma estruturalmente similar. Seu interesse pelo espiritualismo teria começado com a visão de um ser que ela acreditava ser um anjo; já no caso da conversão ao cristianismo, Virtue acredita ter sido orientada por Jesus. Embora ambas as visões sejam questionadas como possivelmente demoníacas, trata-se de um caso no mínimo interessante de uma conversão de um *new ager*, adotando-se forte referencial fundamentalista cristão. Certamente, algo que poderia dar ensejo a pesquisas específicas sobre o assunto.

A própria ex-espiritualista afirma, no entanto, que suas antigas obras sobre temáticas Nova Era continuam sendo vendidas, já que as editoras ainda as têm em estoque. A despeito desse redirecionamento biográfico, acredito que as ideias de Virtue sobre as crianças índigo e cristal continuam sendo influentes. É possível encontrá-las como embasamento de outros espiritualistas, que as replicam e desenvolvem suas próprias teorias a partir de muitos dos pressupostos divulgados pela norte-americana. Feita essa pequena digressão, passemos às características dessas crianças, conforme Doreen e outros espiritualistas.

Segundo Virtue (2013), embora tanto as crianças índigo quanto as cristal sejam a reencarnação de seres espiritualmente evoluídos, sua principal diferença seria o temperamento. Ambas possuiriam propósitos bem determinados de vida, sendo sensíveis e psíquicas, mas as índigo apresentariam um espírito guerreiro e questionador, muitas vezes sendo até mesmo consideradas problemáticas por pais e educadores. Essa característica, a despeito de parecer um desafio, seria na verdade uma qualidade importante para suas missões, já que elas “estão aqui para romper com os sistemas legal, educacional e governamental que carecem de integridade. Para alcançar esse objetivo, é preciso que tenham temperamento forte e determinação impetuosa” (VIRTUE, 2013, p. 11-12).

Outra espiritualista que aborda o tema das crianças especiais é Mônica de Medeiros, uma médica brasileira que atua como médium no centro religioso Casa do Consolador, em São Paulo. Medeiros é conhecida por disponibilizar palestras em vídeo no Youtube e por abordar as possíveis relações entre a ufologia e a espiritualidade. Suas falas e livros mostram um entrecruzamento interessante entre ideias oriundas do espiritismo kardecismo, da umbanda e de conceitos ufológicos. Assim, a médium marca também presença em eventos voltados à comunidade ufológica de viés cientificista. Por ocasião do I Fórum Mundial de Contatados, evento organizado pela Revista UFO em 2014, Medeiros fora entrevistada pela revista Superinteressante (LACERDA, 2014, recurso *online*), contando sua biografia. Segundo a médium, aos 5 anos de idade, ela teria se deparado com um extraterrestre na beira de sua cama durante a noite. O ET se assemelhava ao personagem Gasparzinho, o que segundo a médium seria a melhor forma encontrada pelo ser para se apresentar, já que entrava em contato com uma criança ainda de pouca idade. Ao relatar tais encontros a seus pais, os mesmos a teriam levado para tratamentos espirituais, a partir dos quais os contatos teriam cessado. Entretanto, ao chegar à idade adulta, a médium voltaria a se contatar com extraterrestres. Os mesmos seriam Zilok, que havia se apresentado como Gasparzinho em sua infância, e Shellyana, uma extraterrestre “pleiadiana”, termo é reconhecido no meio ufológico como referente a extraterrestres supostamente oriundos do sistema

estelar das Plêiades.⁴⁸ No canal do Youtube da médium é possível assistir às palestras de Shellyana, que fala ao público por meio do processo de canalização, prática difundida no universo Nova Era, conforme D'Andrea (2000, p. 95). Apesar de se apresentar também como contatada, as falas de Medeiros mostram-se fortemente influenciadas pelo espiritismo kardecista. A extraterrestre Shellyana se apresenta como habitante de um mundo de regeneração, classificação feita pelo espiritismo ao traçar uma linearidade evolutiva espiritual dos planetas – e próxima etapa da evolução da Terra. A médium considera-se uma “universalista cristã”, mas que faz uso da base doutrinária espírita, usando-a como maior referência (MEDEIROS, 2020, p. 9). Chama ainda a atenção no site institucional da Casa do Consolador, onde as palestras são feitas, a descrição sobre a presença dos extraterrestres:

Eles [os extraterrestres] vêm em projeção astral, na maioria esmagadora de vezes e são facilmente encontrados no plano espiritual, trabalhando ao lado de Espíritos de Luz, cujo compromisso é salvar a Terra. Mas, igualmente, vêm em corpos físicos, em suas naves, que são visualizadas cada vez mais frequentemente. Eles aportaram na Casa do Consolador em 2003 e têm trabalhado conosco, em diversos procedimentos, desde então. Utilizam-se de energia para ativar campos moleculares desvitalizados que geram doenças no corpo físico de plantas, animais e humanos, sem distinção. Atuam, também, no Xamanismo, no Reiki e na Umbanda, onde vários Mentores são extraterrestres que se apresentam como caboclos ou preto-velhos (COMPANHEIROS..., 2020, recurso *online*).

Novamente, aqui, devemos nos lembrar de Amaral & Heelas (1994), que já identificavam um processo de indigenização da Nova Era no Brasil. Somente a afirmação da presença de extraterrestres que apresentam como entidades da umbanda já é suficiente para um estudo posterior mais aprofundado. Entretanto, para nosso objetivo, destaco esse pequeno trecho institucional para demonstrar os entrecruzamentos possíveis entre elementos de religiosidades brasileiras e os seres extraterrestres, bem como explicitar melhor o contexto no qual se encontra a médium Mônica de Medeiros.

Em seu livro “Nova Terra, nova raça humana: índigos e cristais” Medeiros (2020) também resume as características das mesmas. Medeiros menciona Nancy Ann Tappe e a correlação entre as cores das almas e a evolução espiritual, além de se apresentar como uma mulher índigo – embora o nascimento dos índigos tenha se intensificado nas últimas décadas, segundo Medeiros, eles sempre existiram. Talvez por também ser médica, Medeiros cita em seu livro uma série de conceitos e estudos médicos, aos quais mescla o tema da espiritualidade. Ela apresenta, por exemplo, os estágios

48 Os alegados contatados pelos pleiadianos, em geral, os classificam como extraterrestres belos, altos e loiros, como “nórdicos”, alcunha pela qual também costumam ser chamados (Roth, 2005, p. 52). São vistos como ETs benévolos e portadores de mensagens éticas, estando fortemente relacionados aos Novos Movimentos Religiosos ligados a ETs e discos voadores.

de desenvolvimento dos bebês normais, para então compará-los aos bebês índigo e cristal, que segundo a médium teriam desenvolvimento neuropsicomotor avançado por seres espíritos mais avançados. Ao fazer uma leitura alinhada à doutrina espírita, a médium os classifica como os responsáveis por ajudarem na transição da Terra de um mundo de provas e expiações para um mundo de regeneração (MEDEIROS, 2020, p. 24-28). Deve-se destacar que Medeiros não vê as crianças índigo – ou adultos, como a própria se autodenomina – como tão mais evoluídas que as outras. Elas estariam apenas a um pequeno passo evolutivo a frente, reunindo forças suficientes para promover mudanças na sociedade mas ainda carregando grandes carmas. Quando essa energia é mal direcionada, o indivíduo índigo pode causar grandes modificações moralmente questionáveis. Entre os índigos que cumpriram bem sua missão estariam grandes inventores, artistas e outros nomes da história, como Claude Monet, Grahman Bell, Sigmund Freud e Nicola Tesla. Por outro lado, Adolf Hitler também seria um índigo, que acabou usando suas capacidades naturais para o mal, assim como crianças capazes de cometer assassinato. Portanto, eles seriam mais evoluídos racionalmente, precisando ser bem trabalhados para alcançarem seu potencial. Competitivos, buscam sempre a solução de problemas e são líderes natos; sua confiança não é conquistada facilmente, com agrados; gostam de atividades ao ar livre; costumam respeitar a natureza e tendem a ser vegetarianos ou preferirem evitar alimentos de origem animal (MEDEIROS, 2020, p. 81-88).

Medeiros (2020, p. 92) apresenta aqueles que seriam os 4 subtipos de índigos, segundo a classificação de Tape. Seriam eles: os humanistas, aqueles mais sociáveis e comunicativos, que teriam a missão de globalizar a sociedade; os artísticos, com propensão para o campo das artes, buscando sua inspiração na espiritualidade; os conceitualistas, organizados, disciplinados e que trariam novos conceitos tecnológicos à humanidade; e, por fim, os catalisadores, visionários responsáveis por quebrarem paradigmas filosóficos e religiosos. A médium brasileira, no entanto, ressalta que em sua experiência os índigos demonstram ter um pouco de cada característica. Porém, mesmo tendo começado a nascer em massa a partir dos anos 1980, eles não teriam ainda conseguido cumprir suas missões de forma integral devido à desestruturação familiar generalizada. Mesmo assim, a evolução seria inevitável, ideia que podemos classificar bem em acordo com os princípios reencarnacionistas modernos. Segundo Camurça (2000, p. 107) a perspectiva evolucionista do espiritualismo moderno combinariam modernidade e tradição, mesclando o positivismo e o darwinismo – com suas ideias de uma evolução progressiva – a conceitos orientais oriundos do hinduísmo e ao budismo. As buscas individuais, nesse contexto, seriam os motores evolutivos também do todo. É o que se pode depreender das ideias da médium brasileira: embora os índigos sejam falíveis, suas missões em sentido mais amplo não deixariam de estar

sendo cumpridas, fundamentando a evolução coletiva como “resultante geral” – para usar novamente um conceito operacionalizado por Camurça (2000, p. 107):

Podem estar chocados os que creem que os índigos são anjos de Deus enviados, superiores, iluminados. Como índigo e estudando índigos há tantos anos, garanto que não são. Todavia, são a força motriz por trás de quase todas as transformações que já ocorreram nesta era atual da quinta raça humana, boas ou más. A evolução tecnológica brilhante que tivemos, o progresso de leis, da ciência, de quebra de paradigmas arcaicos têm a mão dos índigos e o salto quântico do planeta será dado juntamente com parte da atual humanidade, encarnada ou desencarnada, em muito pela luta de índigos que fizeram valer a oportunidade recebida (MEDEIROS, 2020, p. 93).

Mas se os índigos não são de fato seres tão superiores e iluminados, o mesmo não se poderia de dizer das crianças cristal. Ainda em acordo com a publicação dessa espiritualista, estes teriam começado a reencarnar na Terra a partir do início dos anos 90, o que teria se intensificado após o ano 2000. Como no caso dos índigos, não seria a primeira vez que espíritos dessa estirpe viveriam no planeta; as mudanças seriam apenas na intensidade dos nascimentos. De acordo com Medeiros (2020, p. 95) alguns exemplos de espíritos cristais seriam figuras como Madre Tereza de Calcutá, Irmã Dulce, Mahatma Gandhi, Chico Xavier, Hermes Trimegisto, Buda, Maria e Jesus. Enquanto os índigos teriam um espírito “guerreiro” e seriam a “linha de frente da imensa luta para transformar os rumos dessa desvairada humanidade”, os cristais seriam os “pacificadores” que dariam prosseguimento ao projeto de uma “Nova Terra” e de uma “Nova Humanidade” (MEDEIROS, 2020, p. 96).

Há, portanto, a ideia de um trabalho espiritual coordenado de mudança do mundo, que embora possa ser alterado ou adiado pelo livre-arbítrio, seria inevitável. Essa típica conjugação entre a liberdade de escolha e o determinismo, conforme salienta Cavalcanti (2008, p. 33), coloca o livre-arbítrio em subordinação ao progresso geral, como em uma “hierarquia de livres-arbítrios”. No contexto do espiritismo kardecista, segundo essa autora, Deus seria fonte tanto de todo livre-arbítrio como de todo determinismo. Por outro lado, como nos lembra o trabalho de D’Andrea (2000), no caso dos adeptos de uma religiosidade Nova Era, onde se encaixam alguns dos espiritualistas aqui citados, a evolução seria vista não tão em sentido linear. É possível ver nas ideias de Medeiros como as duas perspectivas se mesclam: haveria, de fato, uma evolução linear, planejada e, a despeito da possibilidade de livre-arbítrio, determinista. Há um vetor ascendente que coloca, nessa ordem, as crianças índigo, depois as cristal e o subsequente salto evolutivo da Terra. Embora em um primeiro momento notemos que essa linearidade positivista esteja mais em consonância com o espiritismo kardecista, poderíamos argumentar também que em certo momento essa linearidade gradativa seria quebrada justamente pelas crianças cristal. Ocorria um “salto quântico”, nas

palavras da própria médium (MEDEIROS, 2020, p. 95). Nesse ponto, estaríamos mais em acordo com a ideia de uma virada radical do mundo, com sua entrada em uma Nova Era. O próprio uso do termo quântico, como vimos anteriormente com Hanegraaff (1999b), é sintomático nesse sentido.

Detalhando um pouco mais sobre as características dessas crianças de auras cristalinas, chegaremos em breve a um ponto importante para nossa análise. Segundo os espiritualistas analisados neste trabalho, elas teriam qualidades positivas e comuns, como inclinação às artes, sensibilidade, conexão à natureza, olhar intenso, personalidades magnéticas e tendência a serem vegetarianas (VIRTUE, 2013, p. 13), quanto traços que poderiam ser considerados paranormais, como o dom de curar e telepatia. Doreen Virtue (2013, p. 19) afirma que ter identificado as crianças cristal durante seus workshops, quando pode se contatar telepaticamente com elas, que teriam literalmente lido seus pensamentos e respondido suas indagações. Essas capacidades extraordinárias seriam também ferramentas de auxílio no salto evolutivo do planeta, como pode-se ver no trecho abaixo:

A telepatia é parte do arsenal Divino das Crianças Cristal para ajudar a livrar a terra do engano. Quando alguém é totalmente telepático, ninguém consegue mentir em sua presença. Quando as Crianças Cristal entram na idade adulta, elas sabem quando estão sendo enganadas por um político ou um vendedor. Coletivamente, elas vão obrigar os habitantes do nosso planeta a viver com integridade (VIRTUE, 2013, p. 49).

Outros dons especiais estariam ligados à mediunidade. Segundo Medeiros (2020, p. 134), devido ao seu grau evolutivo, elas têm clarividência suficiente para notar o plano espiritual e comentar sobre ele, enquanto Virtue (2013, p. 25) relata que elas chegam a entrar em contato com as mães antes de nascerem, através de telepatia. Essa consciência anterior ao nascimento também é citada por Trigueirinho Netto (2011) em seu livro “Os Jardineiro do Espaço”, onde o espiritualista cita também crianças com dons especiais. Embora não sejam utilizados os termos índigo ou cristal, Trigueirinho alega ter conhecido dois meninos irmãos que diziam ter consciência de sua vivência intrauterina, de encarnações passadas, além de conhecimento sobre o universo e outros planetas incompatíveis para sua idade. Costumam ainda falar recorrentemente de Deus e de assuntos ligados à espiritualidade e demonstram um extremo senso de justiça. O espiritualista afirma que eles também teriam capacidade de ler mentes e até de saírem do corpo conscientemente por certo período de tempo, se assim desejarem. O livro traz ainda citações atribuídas aos meninos, que estão em consonância com muitos pressupostos da religiosidade Nova Era e, evidentemente, do pensamento de Trigueirinho, como no trecho a seguir:

Foi quando o menino passou a afirmar: “Esse mundo está começando a ser menos físico. Vão vir cada vez mais meninos como eu. Este planeta, assim como é, está terminando. Os humanos vão ser diferentes, vão ter a mente

mais aberta. Mas agora sentem que tudo vai mudar e estão muito assustados. Nossa tarefa é ajudar estando aqui, mas almas guardiãs que não são físicas também ajudam (TRIGUEIRINHO NETTO, 2011, p. 138).

Porém, haveria ainda características não tão positivas nas crianças índigo e cristal –algo que gera polêmicas inclusive entre médicos e psicólogos. Trata-se da afirmação de que muitos diagnósticos de Transtorno do Déficit de Atenção (TDA), Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) e até mesmo de autismo estariam errados. Segundo os espiritualistas que defendem a existência dessas crianças especiais, como os citados neste trabalho, as diferenças comportamentais apresentadas por certas crianças e adolescentes são decorrentes de suas diferenças de nível evolutivo espiritual. Em outras palavras, as dificuldades e comportamentos seriam oriundos não de disfunções, mas, ao contrário, por uma dádiva: índigos e cristais, seres evoluídos em missões especiais de enfrentar o status quo vigente, estariam sendo incompreendidos e erroneamente medicados.

Em geral, os transtornos que envolvem hiperatividade e déficit de atenção são atribuídos aos índigos, que por serem guerreiros, enérgicos e questionadores seriam naturalmente inquietos e desafiadores da autoridade de pais e educadores. Mas, na verdade, seriam estes últimos os com dificuldades de compreensão. Adultos resistentes às mudanças da nova era resultariam em intervenções medicamentosas prejudiciais aos dons espirituais das crianças: “Infelizmente, quando são medicados, os índigos perdem, com frequência, sua bela sensibilidade, seus dons espirituais e sua energia guerreira” (VIRTUE, 2013, p. 12). A médium Mônica de Medeiros, por sua vez, aborda o tema com um pouco mais de cautela. Certamente por também ser médica, faz de questão de elucidar as características de TDAH segundo a Organização Mundial da Saúde, admitindo a existência da patologia. Entretanto, assim como Virtue, Medeiros (2020) afirma que pode de fato ocorrer um diagnóstico incorreto pela coincidência de características entre a TDA e TDAH e as crianças índigo. Essas não teriam, assim, dificuldades de atenção, mas uma atenção multifacetada e a capacidade de desenvolver diferentes atividades ao mesmo tempo. A médium afirma ainda que em casos onde haja também hiperatividade, remédios até podem ser uma opção, mas o ideal seriam os tratamentos alternativos e cuidados educativos:

O tratamento medicamentoso é muito combatido porque torna os hiperativos dóceis comandáveis. Obviamente, isso oblitera o fluxo energético espiritual e as conexões com as outras dimensões. Sobretudo, chegam a reduzir, significativamente, a função anímica da glândula pineal, obliterando a comunicação interdimensional dessas crianças. Espiritualmente falando, existem métodos energéticos que podem ajudar muito essas pessoas a viverem sem a excitabilidade tão elevada. Mas existem casos em que o tratamento medicamentoso é a única via de reduzir o desespero que esses Espíritos sentem com a manifestações da patologia. [...] Uma criança hiperativa índigo

é agitada, teimosa, briguenta, chorona, agressiva. Pode quebrar a televisão da família se não for atendida em suas exigências. Costuma vencer os pais pelo cansaço. Manipula a família, desune os pais, torna a vida da família um estado permanente de tensão. Na adolescência, a hiperatividade mal canalizada, normalmente, termina na dependência química. Mas se a criança for educada com princípios de disciplina e respeito ao direito alheio, dentro de ensinamentos cristãos e aprendizado no trabalho ativo da caridade, a hiperatividade é domada e a energia criativa emerge clara e lúcida, proporcionando ao índigo o cumprimento da meta de ser uma agente de transformação do meio que o cerca (MEDEIROS, 2020, p. 88).

Nota-se, aqui, novamente, a influência do espiritismo na fala da médium, ao atrelar os ensinamentos religiosos cristãos e o trabalho na caridade como forma de modificação interior e educação das crianças. É uma fala que difere das orientações de Doreen Virtue (2013), cujo foco parece se assentar sobre temas mais em consonância com uma religiosidade Nova Era, como o uso de cristais para energização e proteção dos ambientes.

Mas se as crianças índigo podem apresentar comportamentos inadequados, que problemas poderiam afetar as crianças cristal, consideradas o próximo salto evolutivo da humanidade? A preocupação, nesse caso, estaria relacionada a um diagnóstico errôneo de autismo. Isso ocorreria por parecerem não se conectar com as outras pessoas ou demorarem a desenvolver a fala, o que é atribuído a dons telepáticos ou à dificuldade de adaptação de um espírito tão superior a um mundo tão aquém de suas capacidades. Virtue (2013) afirma que as crianças cristal seriam a explicação para um aumento no número de diagnósticos de autismo. No entanto, essas crianças não teriam dificuldades de comunicação, mas sim seriam plenamente compreendidas por seus pais pelas capacidades telepáticas – uma indicação da chegada da Nova Era:

Em vez de rotular esse fenômeno como uma epidemia de autismo, como a mídia e a classe médica fizeram, talvez devêssemos examinar indícios de evolução da humanidade. Quem sabe, não precisemos mais falar! A telepatia poderia ser um caso semelhante aos polegares opositores que desenvolvemos ao longo da evolução, ou seja, uma nova ferramenta para um mundo em mutação? (VIRTUE, 2013, p. 39).

Mas, de acordo com esses espiritualistas, o que explicaria habilidades tão especiais? Aqui, chego ao ponto principal deste capítulo. Os conceitos metaempíricos já apresentados, envolvendo uma tipologia *new age* ou espiritualista moderna, unem-se a um ideário que coloca os extraterrestres como fatores chave para a evolução humana, tanto material quanto espiritual. Em suma, a maioria dos dons das assim chamadas crianças índigo ou cristal seriam decorrentes de sua origem extraterrestre. Elas seriam a reencarnação de alienígenas de mundos mais avançados, em missão de auxílio à evolução do planeta. Seguimos os extraterrestres até agora, conforme

a orientação teórica proposta, e encontramos-los intrinsecamente ligados aos seres humanos. Mas do que isso, eles agora *se tornam* humanos através de processos de (re)encarnação.

Uma das mães entrevistadas por Virtue (2013, p. 44) para seu livro, acredita que sua filha, a qual considera uma criança cristal, teria demorado para começar a falar por provavelmente estar vivendo na Terra pela primeira vez. Essa forma de comunicação seria estranha à qual estaria acostumada – a telepatia – e por isso ela teria demorado a se adaptar. Por sua vez, assim como no caso das crianças índigo e seus diagnósticos supostamente errados de TDA e TDAH, Medeiros (2020) afirma a realidade da Síndrome de Asperger e indica seus sintomas característicos. Porém, as crianças cristal e mesmo as índigo não teriam características como déficit de comportamento social e perturbação na comunicação não verbal, por exemplo. A explicação para os comportamentos e dificuldades também se relacionariam à hipótese extraterrestre:

Pode acontecer de alguns cristais demorarem para falar até os 4 anos de idade. Muitas vezes os idiomas praticados neste planeta são difíceis para serem assimilados. Todavia, não podemos nos esquecer que muitas dessas crianças são provenientes de planetas onde a comunicação é puramente telepática. Mas, aos pais, cabe a missão de os ensinar a viver na Terra e, portanto, não podem atendê-los pelos gestos e impulsos mentais, dos quais não estão conscientes, devendo estimulá-los a fala o que querem. Os cristais são a pedra fundamental para a nova raça humana. Vieram a convite e por livre escolha. Vieram para trazer o sentimento de ética e moral de volta ao planeta Terra. Serão líderes que teremos de seguir, ainda que sejam adolescentes (MEDEIROS, 2020, p. 102).

Trigueirinho Netto (2011) também destaca que certos indivíduos apresentam comportamentos considerados transtornos mentais, que nada mais seriam do que uma dificuldade de adaptação à vida na Terra. O espiritualista afirma que eles podem ter sofrido “lesões” mentais ao adentrarem na “órbita psíquica” do planeta. Nesse caso o transtorno mental seria algo superficial, ocorrendo no corpo material. Por outro lado, seres mais evoluídos que viriam de planetas “menos densos” estariam sendo incompreendidos e tratados erroneamente como doentes (TRIGUEIRINHO NETTO, 2011, p. 210-211). O menino citado por Trigueirinho em seu livro, descrito nas características supracitadas sobre as crianças especiais, apresentava também aspecto físico não muito convencional, com uma cabeça maior do que o esperado para a idade de cinco anos e um corpo fino e longilíneo. O menino dizia ainda que se sentia solitário “neste planeta tão físico” (TRIGUEIRINHO NETTO, 2011, p. 137).

Novamente, dificuldades e problemas que poderiam ser considerados transtornos mentais ou físicos são revalorizados como resultantes de uma dádiva. No caso desse espiritualista, no entanto, nota-se uma ênfase que nos chama atenção: a possibilidade da intervenção genética dos extraterrestres. Essa concepção remete-se

fortemente às histórias sobre abduções e experiências com seres humanos nos discos voadores, já comentadas anteriormente. Trigueirinho, porém, consegue ainda assim relacionar esse intervencionismo a uma perspectiva mais espiritualizada, citando um novo código genético que estaria sendo implantando nos seres humanos receptivos pelos extraterrestres. Trata-se do “GNA”, que ao contrário do DNA, não seria uma substância química, mas uma espécie de campo eletromagnético responsável por ativar o potencial do ser humano da Nova Era:

Quando uma Raça se distancia do seu arquétipo, esses ajustes são requeridos para a sua atualização. Podem ocorrer também na passagem de uma Raça para outra ou nas mudanças de ciclo que exigem transformações mais profundas. A Terra está-se sutilizando progressivamente, e por isso a nova Raça humana que irá povoá-la deverá ter componentes genéticos adequados para exprimir o que a consciência planetária solicita em sua ascensão. Um novo código genético, o GNA, provindo de mundos de vida incorpórea, está sendo implantado por Hierarquias estelares nos corpos sutis dos que estão preparados para recebê-lo. Sua estrutura não inclui a agressividade, a reprodução sexual, a gestação intrauterina, nem a hereditariedade. Na Terra futura, o nível mais denso de manifestação será equivalente aos subníveis etéricos de hoje. O novo código genético capacitará o homem para mover-se em consonância com o propósito evolutivo planetário e para transcender a lei do carma material (TRIGUEIRINHO NETTO, 2010, p. 316-317).

As crianças citadas pelo espiritualista seriam justamente aquelas que já receberam esse novo código genético e por isso apresentam as qualidades especiais citadas. Além delas, pessoas consideradas preparadas poderiam também passar pela modificação e prosseguir como habitantes da superfície da Terra. Deve-se notar também que não há especificações tão claras sobre esse implante de código genético ocorrer em planos materiais, ou seja, como nas histórias de abduções. No caso das crianças citadas, por exemplo, nota-se que elas já teriam nascido com o GNA, o que denota que a intervenção teria sido feita de forma espiritual ou em um plano extrafísico.

Ainda em seu livro, a médium Mônica de Medeiros (2020) elenca uma série de exemplos de crianças que seriam cristais. Algumas delas ganharam reconhecimento na mídia por suas habilidades extraordinárias, que são atribuídas ao seu avanço espiritual e/ou sua origem extraterrestre. Uma delas é Akiane Kramarik, nascida em 1994, considerada criança prodígio em poesia e pintura realística. A menina começou a demonstrar talento para a arte aos 4 anos de idade após ter sonhos e visões sobre o futuro e sobre outros mundos, conforme é relatado na biografia disponível em seu site oficial (KRAMARIK, 2020, recurso *online*). Akiane passou a fazer sucesso internacional após aparecer em programas conhecidos, especialmente o de Oprah Winfrey, nos Estados Unidos. Logo, seus quadros passariam a ser vendidos por

altos valores, mudando a vida da família. Sua obra mais conhecida é Príncipe da Paz, pintada quando Akiane tinha 8 anos de idade. A própria menina conta que naquela idade sentia a inspiração de pintar alguém que fosse um modelo para a humanidade, quando um dia um homem bateu à porta de sua família. Ele dizia ser um carpinteiro e ter se enganado de casa. Ao vê-lo, a menina teria concluído que aquele era o rosto que deveria ser retratado por sua pintura.⁴⁹

A imagem então passaria a ser considerada um retrato de Cristo, concebida após inspiração divina e a providencial ajuda de um carpinteiro misterioso. A própria história do quadro, contada em vídeo no canal do Youtube da artista, contribui para lhe conferir um *status* extraordinário, como uma relíquia sagrada. Segundo a narrativa, o quadro teria sido roubado por um agente inescrupuloso, que exigia dinheiro para devolver a peça. Após uma série de eventos e negociações, o quadro fora devolvido, mas teria sofrido avarias durante o transporte. Ao abrir a encomenda, a família da menina prodígio teria encontrado o quadro coberto de serragem, segundo a narrativa, como se tivesse sido crucificado em uma árvore. A artista teria usado várias técnicas para remover a serragem que se mesclava à pintura. Embora o sucesso da restauração, a imagem de Jesus ficaria com algumas marcas, como uma lembrança simbólica da crucificação. Em seguida, um novo agente teria vendido o quadro por engano. O comprador o teria escondido por certo tempo debaixo de uma escada, na escuridão, e após sua morte, a família desse novo proprietário se recusava a exibir ou vender o quadro, guardando-o em um depósito. A história contada no vídeo do Youtube prossegue fazendo uma associação direta entre o quadro e o final da vida de Jesus contada na Bíblia. A pintura original estaria agora silenciada em uma tumba – o depósito da família desconhecida, considerando que durante esse tempo, após a “crucificação”, ele teria ficado oculto em uma tumba. Em 2009, quando Akiane já era uma pintora reconhecida internacionalmente, a peça foi colocada à venda pelos antigos donos, sendo comprada por 850 mil dólares. A nova família, que Akiane considera ter sido escolhida por Deus para ficar com a pintura, teria se comprometido a preservá-la para as gerações futuras. O Príncipe da Paz, após ser simbolicamente vilipendiado, crucificado e sepultado, ressuscitava para o mundo (KRAMARIK, 2019, recurso *online*). No caso de Akiane Kramarik, os talentos especiais da menina associam-se em maior parte ao seu alegado contato com a espiritualidade. Ainda assim, essa percepção, por parte dos espiritualistas que tratam do tema das crianças cristal, está ligada também à origem espiritual extraterrestre, a partir da ideia da reencarnação na Terra de almas provenientes de outros mundos, mais evoluídos espiritualmente. As citações autobiográficas de Akiane suas frequentes visões de outros mundos, desde a infância, corroborariam essa hipótese.

49 A imagem pode ser vista em https://www.moderncoinmart.com/images/xcms/1555007346-Akiane_and_PrinceofPeace.jpg.

Outro exemplo citado por Medeiros (2020) retrata uma criança cristal cuja repercussão, inclusive na mídia, foi mais relacionada à questão dos extraterrestres e discos voadores. Segundo a médium, Boris Kipriyanovich (Figura 21), mais conhecido como Boriska, um menino nascido na Rússia em 1996, teria demonstrado desde cedo ser um prodígio. O pequeno russo teria começado a falar com poucos meses e logo aprendido a ler. Com 1 ano e meio desenhava formas geométricas e aos 3 começou a conversar com os pais, citando os nomes dos planetas do sistema solar, galáxias e satélites, mesmo aqueles apenas nomeados por números. Mas Boriska ganhou notoriedade por volta dos sete anos de idade, quando começou a se dizer um marciano reencarnado. Ele relatava casos de vidas passadas no outro planeta, onde era piloto, tendo inclusive visitado a Terra. Em uma matéria jornalística publicada pelo tabloide britânico *The Sun* (GODDEN, 2017, recurso *online*) o garoto afirma que a sociedade marciana teria sido praticamente dizimada há milênios por causa de uma guerra nuclear. Os poucos remanescentes viveram agora no subsolo do planeta vermelho. Ainda de acordo com a reportagem, o menino teria dito não ser o único extraterrestre a reencarnar em missão na Terra. Muitos dos marcianos sobreviventes seriam as chamadas crianças índigo, responsáveis por salvar a humanidade.

O jornal britânico destaca ainda que Boriska se preocupa que a Terra siga o mesmo destino de Marte, sendo dizimada por uma guerra nuclear. É interessante notar que a matéria fora publicada em 2017, quando se elevavam as tensões entre os Estados Unidos e Coreia do Norte. Com a divulgação pelo regime norte-coreano de que teriam conseguido produzir armas nucleares intercontinentais, o período viu uma escalada de provocações entre Kim Jong-un e Donald Trump. O mesmo perigo de uma catástrofe nuclear, presente na década de 1950, é novamente acionada em sua relação com os extraterrestres protetores. No entanto, a 50 anos atrás os grupos que gravitavam em volta dos contatados acreditava em uma intervenção direta dos alienígenas e suas naves. Na atualidade, a salvação viria de extraterrestres como Boriska – não mais seres de feições diferentes das humanas nem pilotando discos voadores, mas reencarnados como crianças especiais. Assim, é possível constatar como a influência de temas religiosos, como a reencarnação, reinsere-se no universo que articula os seres do espaço e a Nova Era. Enquanto esses últimos, como vimos, tiveram relevância no princípio do sentido comunitário, que culminaria nos movimentos contraculturais e na *new age* de sentido amplo, a própria crença na presença de extraterrestres passa agora por uma reinvenção. Ao comentar sobre a utilização do conceito de física quântica por parte dos *new agers*, Hanegraaff (1999b) comenta sobre como para eles esta teoria suplantaria uma visão mecanicista de mundo. Pode-se afirmar agora que a ideia também materialista ou mecanicista do extraterreste em sua espaçonave metálica é reapropriada em um modelo mais espiritualizado, que

articula reencarnação e mitologia de ciências, sem deixar de lado a expectativa pela entrada do mundo em uma nova era.

Whedon (2009) observa que o período de ascensão da ideia das crianças índigo nos Estados Unidos, no final da década de 1990 e início de 2000, buscava promover uma revalorização das crianças em um momento delicado da sociedade americana. A ideia da inocência infantil e principalmente o otimismo do desenvolvimento de novos cidadãos americanos por meio do ensino público, socialmente construída a partir do início do século XX e do período de industrialização estadunidense, sofreria transformações importantes na entrada do século XXI. Tiroteios e assassinatos em massa, planejados e promovidos por adolescentes nas escolas, chocavam o país. Os eventos, com ampla cobertura da mídia, geraram a percepção de que havia algo de errado com as crianças. No mesmo período, os diagnósticos de TDA e TDAH aumentavam, assim como a prescrição do medicamento Ritalina, gerando preocupações e desconfianças. Considerar essas crianças indisciplinadas crianças índigo as reinseria na antiga lógica otimista. Elas seriam, ao contrário do que se via na mídia e nos diagnósticos médicos, seres especiais, e não portadores de algum transtorno mental:

O fato de tantas crianças americanas estarem doentes parecia esmagador e até mesmo ridículo. [...] Esse diagnóstico médico generalizado abriu espaço para a construção de novos significados sobre as crianças. Diante dessas preocupações, alguns pacientes e suas famílias decidiram agir por conta própria, fazendo autodiagnósticos ou, no outro extremo do espectro, automedicando-se por meio de técnicas alternativas ou holísticas. Nesse contexto, o surgimento do movimento Índigo representa um meio de assumir o controle de jovens monstruosos e doentes. Os sistemas de sentido poderiam ser invertidos e, as crianças, redimidas (WHEDON, 2009, p. 63, tradução nossa).

A comunidade índigo, citada pela autora, pode ser considerada uma rede de pessoas que se autodescrevem como índigo e pais que buscam por esse tipo de informação, tanto pela internet quanto em eventos presenciais, como os *workshops*, comuns no universo Nova Era. Trata-se, portanto, de uma comunidade de sentido, desterritorializada, também nos moldes usuais da religiosidade New Age. Segundo Singler (2015) é dentro dessa comunidade imaginada que o indivíduo se descobre índigo ou acredita ter encontrado a resposta para comportamentos não convencionais de seus filhos. A comunidade atua fazendo seus próprios diagnósticos, que só ocorrem dentro dessa interação comunitária, relacionando as características pessoais dos indivíduos com um espectro mais amplo de informações, como as divulgadas pelos espiritualistas, que descrevem quais seriam as qualidades do índigo. Assim, uma espécie de cosmologia índigo é criada coletivamente em rede. Consequentemente, a ideia das crianças cristal segue a mesma orientação, visto o fato de serem encaradas como uma continuação evolutiva das índigo.

Sobre o papel do conceito de extraterrestre referente às crianças índigo e cristal, pode-se observar certo grau de ambiguidade mesmo nos espiritualistas precursores do tema. Conforme salienta Whedon (2009, p. 68), enquanto para Virtue elas teriam origem extraterrestre, para Nancy Ann Tappe, a médium que teria a princípio identificado as novas auras de cor índigo, as crianças poderiam também ser provenientes de uma outra *dimensão*, ou seja, não sendo necessariamente a encarnação de extraterrestres, mas de seres que estariam em um estágio existencial diferenciado com relação aos seres humanos comuns da *terceira dimensão*. Cabe-nos, por fim, observar o esquema elaborado pelos espiritualistas brasileiros. Enquanto Trigueirinho Netto afirma a possibilidade da origem extraterrestre essa característica é carregada de um sentido também espiritualista, como vemos em outros momentos de sua cosmologia, com extraterrestres, santos católicos e outros seres fazendo parte de um mesmo conjunto de identidades protetoras do planeta. Por sua vez, a médium Mônica de Medeiros articula a dualidade entre origem extraterrestre e espiritualidade evoluída às concepções do espiritismo kardecista da pluralidade dos mundos habitados: índigos e cristais seriam extraterrestres evoluídos que reencarnam na Terra em missão, enquadrando-se na perspectiva kardecista de uma evolução linear. Segundo esse pensamento, qualquer pessoa pode vir a se tornar índigo ou cristal na medida em que evolui espiritualmente e passa por sucessivas reencarnações. Portanto, é possível concluir por um *continuum* na classificação das crianças índigo e cristal por parte dos espiritualistas e médiuns citados, com certas variações de características, mas um grande núcleo comum de ideias, dentre elas, a origem extraterrestre.

Mas estariam as crianças índigos e cristal limitadas a essa rede Nova Era? Como vimos, a ideia do extraterrestre – e conseqüentemente o conceito de ETs reencarnados como humanos – trafega nessa teia ininterrupta de sentidos. Assim, ela chega ao espiritismo kardecista por intermédio do médium Divaldo Ferreira Franco. É imprescindível apontar aqui que, ainda que a temática seja abordada pela médium Mônica de Medeiros, a mesma o faz sob inspiração da obra kardequiana, mas a partir de uma posição externa ao espiritismo mais institucionalizado, às bordas do polo doutrinariamente mais conservador, conforme a classificação de Vilhena (2008, p. 137). No entanto, quando Divaldo Franco passa a dissertar sobre as crianças índigo e cristal, o tema é trazido para o centro do espiritismo kardecista, já que o médium desempenha hoje um papel de liderança, ainda que carismática, nesse grupo religioso.

Publicado em 2016, o livro *A Nova Geração: a visão espírita das crianças índigo e cristal* (FRANCO, 2016), é a transcrição de uma palestra de Franco feita nos Estados Unidos no mesmo ano, em encontro foi organizado por instituições *new age* sob o

comando da americana Amy Biank.⁵⁰ A publicação conta ainda com complementos feitos pela neurocientista e psicóloga Vanessa Anseloni, fundadora da Sociedade Espírita de Baltimore, nos Estados Unidos. A obra ressalta que certos saltos evolutivos na história da humanidade seriam ocasionados pela migração de espíritos entre diferentes planetas. Embora essa ideia já tenha sido brevemente citada no capítulo anterior, é importante também uma exposição mais minuciosa para que se compreenda como ela leva o médium espírita a articular as crianças índigos com a cosmologia kardecista.

Segundo Divaldo Franco (2016, p. 19), diversos espiritualistas teriam recebido do mundo espiritual a revelação da existência de um planeta chamado Capela, orbitando uma estrela de uma constelação próxima da Terra. Esse mundo teria chegado a um limiar de desenvolvimento moral e intelectual, passando por uma etapa de transição para um mundo mais evoluído. No entanto, Capela ainda contava com seres rebeldes, espíritos problemáticos que não se enquadravam nesse novo momento planetário. Esses espíritos teriam sido então expulsos do planeta, sendo enviados para reencarnarem em um planeta inferior nessa escala de evolutiva, o que teria originado as histórias bíblicas da queda de Lúcifer ao inferno:

Aquele planeta da constelação do Cocheiro havia, portanto, atingido um nível de grande elevação intelecto-moral, mas ainda permaneciam Espíritos belicosos, perversos, que se negavam à obediência e ao amor, comprazendo-se na prática do mal. Para que não prejudicassem o programa de evolução geral, foram expulsos para um outro planeta, onde tivessem ocasião de aplicar os conhecimentos e sofrer as consequências da sua rebeldia – um verdadeiro inferno – reencarnando-se na Terra, exatamente quando os terrícolas se encontravam na fase antroipoide (FRANCO, 2016, p. 20).

Ainda segundo Franco (2016, p. 22), embora os espíritos capelinos não fossem suficientemente evoluídos para seu antigo lar, poderiam ajudar na Terra com seus conhecimentos técnicos e teóricos. Isso resultaria nos avanços da antiguidade, com o desenvolvimento das culturas egípcia e helênica, das ideias reencarnacionistas na Índia, com o hinduísmo, e dos sistemas filosóficos e religiosos chineses, como o confucionismo e o taoísmo. O médium afirma, por fim: ao inferno:

Desejamos com isso dizer que esses Espíritos nobres que nos trouxeram o conhecimento, a sabedoria, vieram de um outro planeta mais evoluído do que a Terra, com exceção de Jesus, por ser o Governador, portanto, *o Espírito mais elevado que Deus nos deu, para servir-nos de Modelo e Guia* (FRANCO, 2016, p. 22, grifos do autor).

50 As instituições citadas no livro são a Angel Center e a Intuition Unlimited, às quais não foi possível localizar referências atuais na internet. No entanto, o site oficial de uma instituição chamada The Intuitive Angel aponta Amy Biank como proprietária. Dentre as atribuições da Intuitive Angel estão cursos para desenvolvimento da mediunidade, intuição, xamanismo e *coaching* (THE INTUITIVE ANGEL, 2020, recurso *online*). Biank foi também uma das mulheres a denunciarem o médium João de Deus por abuso sexual em 2018 (WATANABE, 2018, recurso *online*).

De fato, essas ideias não são estranhas mesmo ao espiritismo mais institucionalizado. Elas são a base de uma obra psicografada por Chico Xavier e atribuída ao espírito Emmanuel, o já mencionado livro *A caminho da luz* (2013). Mas a fala de Divaldo avança incorporando o conceito das crianças índigo e cristal à ideia das sucessivas reencarnações entre planetas, inclusive usando esses termos específicos e citando as espiritualistas norte-americanas. A ocorrência dessas crianças evoluídas seria de certa forma similar à alegada chegada dos espíritos capelinos na antiguidade, mas com uma diferença fundamental. Enquanto aqueles eram exilados, o que explicaria o por que a humanidade teria evoluído em conhecimento intelectual mas prosseguido com atividades moralmente questionáveis, os novos espíritos extraterrestres estariam reencarnando por livre e espontânea vontade, como missionários. Neste livro-palestra ao qual nos referimos, o médium recapitula ainda as já citadas características das crianças, associando-as à obra de Allan Kardec e à escala evolutiva dos mundos segundo o espiritismo:

Allan Kardec, em 1868, publicou o livro chamado *A Gênese*. Nessa obra monumental, ele refere-se a esses seres, certamente com outras palavras, que constituiriam “A Nova Geração. Os espíritos que virão de outra dimensão para promoverem o progresso da humanidade”. Emigração e imigração de Espíritos, indo de um planeta para o outro em contínuo intercâmbio. Como a Terra está vivendo a hora da grande transição, aqui encontramos Espíritos primários, perversos, mas também de outras estirpes mais elevadas, envolvidos na obra de transformação do planeta *de provas e expiações para mundo de regeneração*. (FRANCO, 2016, p. 58, grifos do autor).

Franco cita ainda nominalmente à médium Nancy Ann Tappe, a quem considera pioneira no estudo desses espíritos “que vem uma região espiritual mais elevada” (FRANCO, 2015, p. 38) e também a Doreen Virtue, a quem chama de “extraordinária” e provavelmente uma “mulher cristal” por estar “orientando milhares de vidas”⁵¹ (FRANCO, 2015, p. 71) sobre o assunto com suas dicas alimentares para crianças índigo e cristal.

Vemos, portanto, que para Divaldo a existência dessas crianças estaria em consonância e até mesmo em continuidade às ideias do espiritismo kardecista. Para uma melhor análise dessa possibilidade, nos atentamos à proposta de Latour (2012) de observar como a controvérsia promove a interação na rede de atores e nos apontam outros sentidos a serem rastreados. Nesse caso específico, um interessante contraponto está em uma publicação da Associação Brasileira de Pedagogia Espírita, voltada exclusivamente a apontar possíveis incongruências da ideia das crianças índigo e cristal com a doutrina espírita kardecista. Reunindo textos de vários autores espíritas,

51 É importante destacar que essa fala ocorre em uma publicação de 2016, alguns anos antes de Virtue passar um processo de conversão que a levaria a repudiar suas antigas atividades como espiritualista e suas orientações sobre as crianças índigo e cristal.

já em seu editorial o informativo afirma estar ocorrendo a invasão do movimento espírita por uma seita Nova Era (SEITA..., 2007, recurso *online*), seja por ingenuidade de alguns espíritas ou por interesses financeiros.

As críticas valem-se de argumentos doutrinários, científicos e socioeconômicos. Em primeiro lugar, critica-se a revelação da existência dos índigos pelo médium Lee Carroll, fundador do “Grupo Kryon”, um grupo ao estilo da religiosidade new age fundado a partir de canalizações de uma entidade extraterrestre autodenominada Kryon. Juntamente com Nancy Ann Tappe, Carroll foi um dos primeiros divulgadores da teoria das crianças índigo nos anos 1990. As críticas da publicação, neste caso, estão no pressuposto kardequiano de se desconfiar de revelações feitas a um só médium, e não a diversos, como fora o caso que resultou na organização dos livros básicos do espiritismo (FOELKER, 2007, recurso eletrônico). Além disso, para estes autores, as características atribuídas às crianças índigo não poderiam condizer com espíritos mais evoluídos moralmente, segundo a ótica espírita: o espiritismo:

Os Espíritos da Codificação realmente anunciaram uma nova geração, mas nos seguintes termos: “Cabendo a eles fundar a era do progresso moral, a nova geração se distingue por uma precoce inteligência e razão, juntas ao sentimento inato do bem e das crenças espiritualistas, constituindo um sinal indiscutível de um adiantamento anterior”, explicaram em A Gênese. Os Espíritos estão falando de progresso moral e de uma geração com o sentimento inato do bem. Isso pressupõe a habilidade de resolver conflitos, paciência, solidariedade e tolerância. Segundo o Espiritismo, “a fraternidade será a pedra angular da nova ordem social”. Já as crianças índigo descritas são revoltadas, agressivas e prepotentes. A chegada de uma nova geração anunciada na Doutrina Espírita nada tem a ver com o conceito de Crianças Índigo pertencente à seita estrangeira criada por Lee Carroll (FIGUEIREDO, 2007, recurso *online*).

As críticas de viés científico apontam sobre a inexistência de critérios científicos para se classificar as crianças como índigo baseando-se nas cores de suas auras. Segundo outro autor espírita, no mesmo periódico (SANTOS, 2007, recurso *online*), apenas a capacidade de Nancy Ann Tappe de observar essas auras não seria um critério científico válido para comprovar a existência desses seres especiais nem de suas aventadas alterações de DNA. Citando a não comprovação científica de tais características biológicas, a ideia das crianças especiais é considerada pseudocientífica:

Segundo informações, descritas na literatura New Age, as crianças índigo nasceriam com parte do seu DNA mais “ativado” que a maioria das pessoas. Essa ativação “extra” lhes permitiria acessar informações de uma dimensão espiritual superior, dando-lhes como consequência habilidades especiais. Essa informação necessita de demonstração científica e não existe qualquer teoria de como, onde e de que forma ocorreria essa ativação, nem de que maneira essa ativação de algo material poderia acessar algo espiritual. Embora

alguns dos autores sobre a literatura índigo tenham formação e mesmo pós-graduação em psicologia, o termo criança índigo não é reconhecido no campo da psicologia, nem na biologia ou da pediatria. Os poucos cientistas que fizeram uma análise superficial da questão advertem na verdade que crianças educadas como índigo tenderão a adotar comportamentos sociopáticos, tais como um senso de superioridade, alienação e uma identidade paranormal bizarra (SANTOS, 2007, recurso *online*).

Deve-se notar, no trecho acima, como o autor faz uma demarcação ao citar as informações sobre as crianças como pertencentes a uma literatura *new age*, ou seja, alheiras ao universo espírita segundo seu ponto de vista. Não tenho a intenção aqui de debater a fundo a questão sobre a cientificidade do espiritismo e os embates entre essa religião e as ciências naturais, mas é importante ter atenção a como, no caso, há uma crítica, além dos pressupostos do espiritismo apresentados em citações anteriores, fundamentada pela inexistência de comprovação segundo o método científico.

Por fim, cabe-nos observar as críticas socioeconômicas do informativo, feitas pela coordenadora da Associação Brasileira de Pedagogia Espírita, Dora Incontri. O texto dessa autora faz também uma firme demarcação ao considerar haver uma invasão do movimento índigo ao movimento espírita. Assim como os outros autores citados, na mesma publicação, Incontri (2007, p. 9) afirma que a crença nas crianças índigo não seria racional nem passaria pelo escrutínio do método científico. Segundo ela, seria a falta de criticidade de muitos espíritas a responsabilidade por essa interferência externa e a aceitação sem discussão de algo alheio ao espiritismo kardecista:

Alguns certamente o fizeram de boa-fé, outros com claros interesses financeiros, porque se trata de um tema vendável, na linha de auto-ajuda descompromissada, aquela que agrada ao leitor, por trazer receitinhas prontas de como tratar um filho índigo – e muitos podem se iludir no orgulho de ter um filho de aura azul, predestinado a mudar o mundo, um mutante genético! Os que aceitaram a ideia de boa-fé não são menos desculpáveis, principalmente em se tratando de lideranças, formadoras de opinião, que publicam livros, fazem palestras, porque deveriam ter a responsabilidade ética e intelectual de falar apenas sobre aquilo que pesquisaram em profundidade e manifestarem uma opinião abalizada sobre o assunto. Aos que fazem publicações com fins comerciais, não temos o que dizer. Kardec advertia que contra interesses não há fatos que prevaleçam (INCONTRI, 2007, p. 9).

Outro texto critica as propostas educacionais dos autores *new age* sobre para as crianças índigo, criticando inclusive sua suposta origem extraterrestres:

Segundo ponto que nos parece particularmente problemático é justamente a recomendação de uma certa renúncia à função educativa dos pais e responsáveis, já que as crianças índigo já vêm prontas. Aliás, na teoria original, são anjos extraterrestres! Ora, sabemos que todos os Espíritos que

reencarnam na terra, mesmos os mais evoluídos (que não é o caso desse modelo apresentado por Lee Carrol e Jan Tober e, mais particularmente por Nancy Ann Tappe, de crianças que matam, que roubam e com tendências viciosas), precisam de um processo educativo. [...] No livro *Educando Crianças Índigo*, entre outras heresias pedagógicas, que fariam Comenius e Pestalozzi perderem as estribeiras, o autor Egidio Vecchio diz que a criança índigo: “Necessita da parceria de pais e professores que se adaptem à sua condição atípica, em lugar de, como acontece frequentemente, pretender adaptá-la a uma educação voltada aos que não possuem os mesmos recursos de que os índigo dispõem.” Ou seja, elas são tão diferentes, que todos precisam se adaptar a elas e só elas merecem ou devem ter uma educação nova e diferente. [...] Dizer a uma criança que é preciso aceitar “que é um ser diferente dos outros” cria de imediato um abismo nas relações humanas e um soberano desprezo pelo resto da humanidade. A proposta pode criar monstros que se julguem acima do bem e do mal e que não tenham a mínima noção de convivência igualitária com o próximo (BIGHETTO & INCONTRI, 2007, p. 15).

Essa controvérsia, ocorrida entre os anos de 2006, data de *copyright* da primeira edição de *A Nova Geração: a visão espírita sobre crianças índigo e cristal*, e 2007, quando foi publicada a edição especial do periódico *Mensagem* citada acima, antecipa uma clivagem que ganharia destaque anos depois, a partir das falas de Divaldo Franco em um congresso espírita realizado em Goiás, em 2018. Na ocasião, as falas do médium com relação à tese da “ideologia de gênero”, associando-a à depravação moral e ao marxismo, e os elogios ao então juiz Sérgio Moro, geraram forte reação no meio espírita. Um abaixo-assinado intitulado “Nota de resposta à entrevista coletiva de Divaldo Franco e Haroldo Dutra no congresso de Goiás” (2018), que circulou na internet no período, mostrava as críticas de diversos espíritas ao que chamavam de uma “postura partidária” por parte de Franco e seu alinhamento a pautas conservadoras de católicos e evangélicos. Além disso, o grupo argumentava a fala problemática e pouco embasada sobre a questão de gênero, além de conclamar uma independência do pensamento espírita, segundo o qual médiuns não poderiam falar em nome do movimento espírita como um todo. Dora Incontri e Alessandro Bighetto, que vimos acima criticando a postura de lideranças espíritas que teriam aceitado a hipótese das crianças índigos e a forma de educá-las, são signatários do abaixo-assinado.

Essa controvérsia, portanto, não é pontual, mas insere-se em quadro maior de clivagens no campo espírita, conforme argumenta Camurça (2019) por ocasião do imbróglio envolvendo o vídeo de Divaldo Franco, em 2018. Para o antropólogo, a polêmica demonstra certa pluralidade do movimento espírita brasileiro, apoiada no princípio da autonomia de pensamento postulado por Kardec. Essa diversidade oferecia sempre alternativas interpretativas, ainda que discursos institucionais ou de médiuns reconhecidos alcancem certa hegemonia. É notável ainda, no caso em questão, como a visão do plano espiritual, trazido pelos médiuns, aparece como um

locus determinista, segundo o qual o além incide sobre o plano material e posições discordantes poderiam indicar o assédio da espiritualidade maligna. Por fim, as posições conservadoras, como na crítica à chamada “ideologia de gênero”, seriam fruto dessa lógica determinista e advinda da incorporação de traços autoritários e hierárquicos da cultura religiosa brasileira (CAMURÇA, 2019, p. 216-217).

Comparando-se as duas controvérsias – o da fala sobre a questão de gênero e o debate sobre as crianças índigo – observa-se, portanto, duas formações de grupos: o dos assim chamados “espíritas progressistas”, representados pelos atores já citados, e um recorte mais conservador, representado pela fala de Divaldo e os apoiadores dessa perspectiva. Algo digno de nota, no entanto, é que na controvérsia da “ideologia de gênero” o médium encontra-se no polo conservador e tradicionalista – no caso, em termos políticos e de costumes – enquanto o grupo intitulado progressista apela para um diálogo com os estudos contemporâneos de gênero, de defesa da comunidade LGBT+ e da luta contra “o domínio sobre os corpos e a sexualidade” (NOTA..., 2018, recurso *online*). No debate sobre as crianças índigo, os grupos encontram-se novamente em campos opostos, mas dessa vez, os progressistas são defensores do tradicionalismo doutrinário, considerando a ideia das crianças extraterrestres reencarnadas uma influência negativa da Nova Era na pureza doutrinária kardecista. Já Divaldo Franco dialoga com os movimentos *new age*, confirmando os pressupostos sobre as crianças índigo e cristal e associando-os a ideias do espiritismo. O conservadorismo doutrinário e o conservadorismo político e de costumes alterna-se, então, entre esses dois polos. Se pode-se, assim, confirmar a diversidade do campo espírita, com a presença de controvérsias entre correntes majoritárias ou não, cabe ainda a questão, já mencionada anteriormente, sobre a possibilidade da influência da reconhecido médium em aproximar essas ideias da Nova Era ao *mainstream* espírita.

Mas como as crianças índigo e cristal se relacionam às ideias da ufologia científica? Na Nova Era e no espiritismo, as crianças especiais parecem estar ligadas diretamente às ideias concernentes à reencarnação, tanto em um modelo mais estritamente evolutivo-positivista, de inspiração kardecista, como no estilo mais livre e fluido da *new age* – mas sempre com a crença de processos que ocorreriam no plano espiritual, mesmo se tratando de espíritos de outros planetas a reencarnarem na Terra em missão. No caso da ufologia, a primeira perspectiva a se considerar estaria ligada a uma materialidade dos raptos alienígenas, mas alguns desdobramentos atuais interessantes demonstram uma porosidade das ideias ufológicas, influenciadas pelo elemento espiritualista.

No entanto, primeiramente é preciso demonstrar como a ideia dos extraterrestres entre os humanos apoia-se já nas primeiras narrativas dos supostos raptos de extraterrestres, na década de 1950. Embora tenha sido divulgado somente 8 anos depois do ocorrido, o suposto sequestro do lavrador mineiro Antônio Vilas Boas, em

1957, tornou-se uma narrativa ufológica marcante por ser considerada o primeiro intercuro sexual entre um humano e um extraterrestre. Segundo a história, que viria a ser publicada na revista *Cruzeiro* e posteriormente confirmada por Boas em programas de entrevista décadas depois (SUENAGA, 1999, p. 84) o então lavrador teria sido abordado em sua propriedade rural enquanto arava a terra, e arrastado para uma nave espacial, pousada nas proximidades, por humanoides de baixa estatura que usavam macacões de proteção. Dentro do disco voador, o homem passa por um episódio insólito. Primeiro, fica isolado e nu, sendo submetido testes nos quais é recolhido seu sangue, mas sem que ele se machuque ou sintá dor. Depois, tem o fatídico encontro com uma mulher exuberante que entra na sala completamente nua. Segundo a descrição, o ser apresentava tanto traços físicos humanos quanto alguns que passariam a ser atribuídos aos extraterrestres posteriormente:

Magra, cerca de 1,60 m de altura, seios empinados e bem separados, cintura fina, barriga pequena, quadris largos, coxas grossas, pés pequenos, mão compridas e finas, dedos e unhas normais, pele branca cheia de sardas nos braços. O cabelo era liso e abundante, quase branco, repartido ao meio, e chegava até a metade do pescoço. As pontas viravam-se para dentro. Os olhos eram azuis, grandes e oblíquos. O nariz, pequeno e reto, não era pontudo nem arrebitado. As maçãs do rosto eram pronunciadas, carnudas e macias ao toque. O rosto largo se estreitava na altura do queixo pontudo, conferindo uma feição triangular. Os lábios eram finos e a boca não passava de uma ranhura. As orelhas eram pequenas. O que mais chamou a atenção de Villas Boas foram os pelos púbicos, de cor vermelha. Ela não usava perfume, apenas exalava “cheiro de mulher” (SUENAGA, 1999, p. 83).

Ainda de acordo com a história contada pelo lavrador, a relação sexual teria ocorrido normalmente, com exceção da diferença linguística. Assim como os pequenos seres que o raptaram e preparam para o ato, a mulher se comunicava através de grunhidos incompreensíveis. Mesmo assim, ele foi capaz de compreender quando, após o ato, ela teria apontado para o ventre e logo em seguida para o espaço, levando-o à conclusão de que os extraterrestres buscavam um humano para se reproduzir (SUENAGA, 1999, p. 84).⁵² Ao longo das décadas seguintes, o tema do sequestro por discos voadores para experiências genéticas passaria a ser de grande interesse, inclusive pelas obras de ficção. A criação de seres híbridos, meio humanos meio extraterrestres, é base de séries televisivas de sucesso, como *Arquivo X*,⁵³ iniciada nos anos 1990, e

52 A dissertação do historiador Cláudio Suenaga (1999, p. 86-89), de onde foi extraído esse relato, apresenta uma interessante análise sobre estruturas comuns entre o caso Villas Boas e o mito da gesta de Asdiwal, descrito por Lévi-Strauss.

53 A série *Arquivo X* acompanha as investigações de dois agentes do FBI designados para casos inexplicáveis. Nos episódios, Fox Mulder e Dana Scully descobrem a verdade sobre monstros e aberrações, além, é claro, dos planos dos extraterrestres para criarem humanos híbridos, a base do roteiro geral das onze temporadas do seriado.

Taken,⁵⁴ a partir dos anos 2000. No entanto, devemos notar que as narrativas, inclusive presente em produtos da indústria cultural, como tais séries, filmes e livros, abordam as interferências genéticas como experiências de laboratório. Nestas, na maior parte das vezes, gametas humanos são extraídos sem consentimento para a procriação dos supostos híbridos. Seria, portanto, a narrativa original da noite de sexo com uma extraterrestre, relatada por Villas Boas, fruto de um espírito de época que não levava em conta os avanços científicos das pesquisas genéticas? Só no final dos anos 1970 seria gerado o primeiro bebê fruto de inseminação artificial, com desenvolvimentos significativos nas décadas seguintes – do anúncio da clonagem da ovelha Dolly ao sequenciamento do genoma humano – todos fluxos que se emaranham nas narrativas ufológicas e até dos movimentos religiosos relacionados a OVNI e extraterrestres, como exemplificado anteriormente ao comentarmos a polêmica sobre a clonagem humana levantada pelo Movimento Raeliano.

As teorias da ufologia científicista sobre as crianças híbridas se mostram caminhando no compasso das descobertas científicas, assim como ocorrera em outros casos, como nas explicações sobre o funcionamento de discos voadores que passaram a englobar um conceito vago de física quântica na medida em que essa passa a se difundir também no *ethos* Nova Era. As crianças meio humanas meio ETs, na narrativa inicial, são gestadas por uma relação sexual entre um homem e uma alienígena; nas décadas seguintes, os híbridos são desenvolvidos como bebês de proveta, a partir do recolhimento de óvulos e espermatozoides humanos, como abordado também pela ficção científica. Na contemporaneidade, onde a ciência consegue acesso às estruturas do DNA, as narrativas dos híbridos evoluem também para uma espécie de edição genética direta nos humanos, feita pelos extraterrestres.

Tomando mais artigos divulgados pela Revista UFO, observa-se que a explicação para a criação de seres híbridos é ora negativa, ora positiva. Citando novamente o ufólogo David Jacobs, para quem os híbridos já estariam vivendo entre os humanos, haveria um plano orquestrado para tomar a Terra silenciosamente, como no roteiro de Arquivo X, embora não se saiba por quê:

Infiltrados [um dos livros do ufólogo] analisa os diferentes tipos de aliens, redefine o fenômeno das abduções e se concentra em como os híbridos — que eu particularmente chamo de híbridos — estão se inserindo em nossa sociedade com a ajuda de abduzidos previamente selecionados. A obra mostra que os abduzidos os ajudam até a escolher móveis para suas casas e que esses híbridos se alimentam como nós, dirigem automóveis, vão às compras e

54 Uma série não tão bem-sucedida quanto Arquivo X, Taken conta a história de uma família que tem seus membros abduzidos durante várias gerações, criando seres híbridos cada vez com capacidades mais extraordinárias. O seriado retrata de forma interessante o fenômeno dos grupos de contatados, onde pessoas que acreditam terem sido abduzidas compartilham suas alegadas experiências com extraterrestres.

compreendem a maioria dos aspectos mundanos de nossas vidas, enquanto se misturam silenciosamente em nossa sociedade. Embora isso seja assustador, é uma explicação esperada para o mistério das abduções. Infelizmente, não sei por que eles estão se mudando para a Terra e nem quanto levará para que todos os híbridos estejam vivendo entre nós. Apenas os responsáveis por esse projeto — alienígenas com aspecto de inseto — têm essas respostas e eles não as partilham com os abduzidos, nem muito menos conosco (JACOBS, 2017a, recurso *online*).

Entretanto, chamo a atenção para a presença da perspectiva positiva da criação dos híbridos, ou seja, que as intenções desses extraterrestres seriam criar uma humanidade aprimorada e desenvolvida, e não o domínio do planeta. Embora este seja o princípio geral da ideia das crianças índigo e cristal, é pertinente para nossa análise demonstrar como ela aparece na mesma publicação supracitada, assim como nos eventos ufológicos. A australiana Mary Rodwell é apresentada no site da revista com uma biografia típica dos facilitadores de workshops *new age*, como “conselheira profissional, hipnoterapeuta, professora metafísica, praticante de Reiki, pesquisadora e escritora” (POLIDORI, 2019b, recurso *online*). Embora isso não seja incomum no contexto da religiosidade Nova Era, o fato dela encontrar-se respaldada por uma publicação conhecida pela busca de uma cientificidade da ufologia mostra, no meu entender, uma aparente tendência de abertura a temas mais alinhados à espiritualidade. O trecho a seguir foi divulgado em ocasião da visita de Rodwell ao Brasil em 2019, quando palestrou no Congresso Brasileiro de Ufologia, organizado pela Revista UFO:

Para Mary, essas raças já conviveram abertamente conosco, sendo tratadas por nós como deuses, e produziram “inúmeras intervenções em nossa evolução espiritual e genética”. De uma época em diante, tais raças passaram a abduzir seres humanos sistematicamente com o objetivo de “gerarem crianças híbridas, meio humanas, meio alienígenas, com o propósito de as reintroduzirem no planeta para crescerem e gerarem uma nova espécie de seres humanos”. Ou seja, a humanidade, na visão de Mary, possui uma “herança alienígena”. No livro “Novo Humano”, segundo explicou a professora australiana, ela trata dos membros desta raça híbrida, que seriam gerações de crianças e adolescentes superdotados, *intelectual e espiritualmente superiores*, conscientes de sua condição cósmica e intimamente ligados a avançadas civilizações extraterrestres, originárias de diversos planetas e que vêm à Terra há milênios para provocar mudança gradual e positiva na mentalidade e na genética da espécie humana” (POLIDORI, 2019d, recurso *online*, grifo nosso).

No mesmo evento, a australiana ministrou um curso intitulado “A Nova Humanidade”, visando a divulgação dessas ideias. O anúncio do workshop na internet trazia, além de Rodwell, o nome de outras palestrantes. Tanto na descrição de Rodwell quanto Márcia Kárasinski, outra palestrante anunciada, pode-se observar elementos em consonância com a ideia das crianças índigo e cristal defendidas pelos espiritualistas e movimentos ligados à Nova Era. Na ementa relativa à fala de Rodwell no curso, além

das informações citadas acima, os termos são citados literalmente com referência às crianças híbridas, bem como os benefícios que estas trariam para a humanidade:

São as crianças *star children*, índigo e cristal. Isso estimula a perspectiva de uma multidimensionalidade na natureza da humanidade, gerando transformações significativas. Identicamente, crianças e adolescentes estão tendo observações e contatos e também recebendo downloads de informações estelares, mas o que elas contêm? Há evidências encontradas em pesquisas que indicam que híbridos atuam ao lado de extraterrestres determinando o futuro da humanidade. (POLIDORI, 2019b, recurso *online*, grifo nosso).

A descrição de outra palestrante do *workshop* apresenta também um caleidoscópio de especialidades e conceitos típicos do ideário *new age*, conjuntamente apresentadas com outras disciplinas acadêmicas:

Márcia Kárasinski é formada em ciência da computação e pós-graduada em comunicação pela PUC do Paraná e pós-graduada em antropologia na University of Pennsylvania. Palestrante, terapeuta, coach pessoal e organizacional com formação no Chile, foi professora de marketing pessoal na Faculdade Ibrate, com mais de 15 anos de experiência em desenvolvimento humano e organizacional no Brasil e nos Estados Unidos. O trabalho inicial, nos anos 90, na área de informática educacional culminou no interesse por pedagogia e em seguida por outras áreas, como psicologia positiva, liderança, marketing, neurociência, autoconhecimento, meditação, física quântica, antropologia, Ufologia, cosmologia, filosofia, mitologia, espiritualidade e pelo desenvolvimento do ser humano integral pela busca da felicidade e elevação da consciência (POLIDORI, 2019b, recurso *online*).

A ementa de sua fala é também digna de nota, sendo o curso voltado para o ensino da elevação vibracional com ajuda de extraterrestres:

Durante as últimas décadas, o ser humano deu um salto evolutivo em diversas áreas, principalmente em ciência e tecnologia. Porém, todo esse progresso não parece ter trazido a paz, felicidade e qualidade de vida almejadas. O ser humano busca, agora, alternativas a fim de equilibrar essa equação e, ao que tudo indica, a resposta está vindo através de crianças *star children*, índigo, cristal e arco-íris. Esses seres são muitos, estão ao nosso redor e podemos até mesmo ser um deles. Seu DNA está sendo modificado por extraterrestres evoluídos com a missão de ajudar a elevar a frequência vibracional do planeta. Com isso, estamos também alternando nossos níveis de consciência e acabamos impactando tudo ao nosso redor, em grande escala. Com o apoio do próprio ambiente científico, que no passado já refutou a existência desses seres, estamos conseguindo ligar diversas áreas do conhecimento e cada vez mais corroborando não apenas a existência dos contatos e abduções alienígenas, mas o quanto esses acontecimentos são, em sua maioria, muito positivos e visam a nossa evolução. Márcia ensinará técnicas para potencializar a elevação

dos níveis de consciência através de trabalhos científicos e espirituais, multidimensionais, apoiados por diversos seres, incluindo extraterrestres (POLIDORI, 2019b, recurso *online*).

O falar sobre os processos de legitimação usados pela ufologia científicista, Carlos (2007) coloca a construção de um conhecimento “verdadeiro” por parte da mesma como condicionada ao método e rigor analítico, atreladas a uma forma lógico-científica-racional de pensamento. Essa ufologia “menos científica” seria aquela ligada aos grupos místicos e esotéricos e aos ufólogos considerados charlatães, que visariam somente o destaque pessoal acima da pesquisa séria.

Porém, conforme já mencionado, minha intenção aqui não é determinar graus de cientificidade ou religiosidade, seja nos grupos ufológicos ou *new age*, mas entender as relações entre eles. Embora as ideias mencionadas no *workshop* promovido pela Revista UFO apresentem relação com as do universo Nova Era, atendo-me, aqui, seguindo a orientação latouriana, de observar como cada ator refere-se a si mesmo. Vemos, no último trecho citado, que a perspectiva espiritual alegada pela palestrante teria “o apoio do próprio ambiente científico”, ou seja, segundo o ator em questão, a ufologia, aqui representada por este *workshop*, não estaria deixando de lado sua cientificidade. De fato, os conceitos de ciência, religião, misticismo e esoterismo parecem variar entre os atores do meio ufológico. As entrevistas feitas em pesquisa de campo por Almeida (2015, p. 390-393) demonstram essas divergências. O próprio Ademar Gevaerd, editor da Revista UFO, vê a assim chamada dimensão esotérica da ufologia como complementar ao aspecto de análise científica da disciplina, embora considere essa última fundamental (ALMEIDA, 2015, p. 393).

As divergências dentro da ufologia, tanto sobre ciência e religião quanto sobre a origem, existência, características e objetivos das crianças índigo e cristal, no entanto, devem ser entendidas como pertencentes a um mesmo grupo, se entendido conforme a orientação de Latour (2012). Estes são considerados um “produto provisório de um constante rumor constante feito por milhares de vozes contraditórias (LATOURE, 2012, p. 55) que inclusive debatem sobre o que é e quem faz parte do mesmo. Nosso ponto aqui, portanto, é o de demonstrar como essas vozes se articulam em um movimento de reconsideração de questões transcendentais, reenquadrando certas questões ufológicas para além da realidade objetiva material – como no entendimento das crianças híbridas ou índigo não apenas como fruto de abduções forçadas e manipulação genética, mas em uma chave interpretativa que se coaduna com certas visões *new age* e seus temas (nem sempre) contemporâneos, como as canalizações, programação de DNA, reencarnação, física quântica e outros.

CONCLUSÃO

Em um trabalho focado em rastrear conexões, onde considero desde o início a demonstração dessas associações mais importantes do que concluir seus efeitos, falar em uma conclusão parece um contrassenso. Entretanto, utilizaremos essa parte final para uma recapitulação de como o conceito de extraterrestre foi sendo construído e transformado ao longo do tempo. A partir das perspectivas teóricas aqui abordadas, decidi por perseguir esses seres de outros mundos conceitualmente através de uma malha de grupos e significados. Mas, nem os conceitos nem os próprios grupos, como vimos, apresentam um delineamento claro. Não é incomum nos estudos sobre religião, e em especial sobre menores, emergentes ou novos movimentos (os NMRs), a pergunta sobre os limites de determinado termo, ou onde começa ou termina algo: qual a fronteira entre a ciência e a religião em religiosidades que usam conceitos científicos como parte de sua cosmologia? Quando uma determinada prática religiosa deixa de fazer parte de uma tradição e se torna uma atividade distante de seu significado original – como em práticas de meditação e exercícios orientais, agora praticados em academias de ginástica? E aqui, em meio a ufólogos, *new agers* e espíritas, quais os limites da definição de um ser extraterrestre?

A resposta, é evidente, varia não apenas em cada grupo, mas também nas concepções que norteiam os atores participantes. Pode-se ater-se à tese do holismo, segundo a qual para boa parte destes não haveria diferenças substanciais entre um ser extraterrestre ou um espírito de outro planeta (ou mesmo deste planeta). Mas o ponto interessante é que mesmo domínios aparentemente – ou mesmo autodeclaradamente – distintos, demonstram uma interpenetração. É o que ficou demonstrado, por exemplo, na esperança ufológica de um contato final com os extraterrestres, uma expectativa de teor milenarista similar a das primeiras comunidades *new age*, bem como a aproximação da ufologia com o espiritismo, no enaltecimento de Chico Xavier como uma espécie de profeta ufológico.

Esse entrelaçamento culmina no mais recente conceito das crianças índigo e cristal, que perpassam todos os grupos citados. Elas seriam, ao mesmo tempo, humanas e extraterrestres. E embora na ufologia ainda sejam vistas por alguns atores como produto de laboratório resultante de abduções de seres humanos, como muito abordado também nos produtos midiáticos, cresce o diálogo com uma perspectiva espiritualista que considera esses seres híbridos uma incidência do plano espiritual no plano material. Assim, elas adquirem tanto a feição de um ser espiritualmente superior aos outros humanos, com a missão de salvar a humanidade, quanto missionários

preparados para viver em um mundo novo – seja o mundo da Nova Era, para as correntes mais ligadas a essa ideia, ou de regeneração, conforme a cosmologia espírita.

Em todos os casos, o extraterrestre, enquanto coisa ingoldiana, não apenas interliga grupos de fronteiras já incertas, mas é por si só uma relação que trafega por entre outras relações. Como no fluxo incessante dos materiais, a ideia do ET continuará fluindo indeterminadamente, se transformando e se traduzindo ao se relacionar com diferentes meios. Como conceito ou noção, eles estão entre nós e se assemelham a entrenós, uma parte intermediária entre pontos distintos – de uma planta, na conotação original, e aqui de grupos e ideias, no sentido que tomo emprestado. Prosseguir rastreando essa coisa e observando este entrenó pode nos dar ainda muitas novas ideias sobre as fronteiras cada vez mais fluidas entre significados considerados religiosos ou não, segundo as construções conceituais também intermináveis dos próprios atores envolvidos.

REFERÊNCIAS

ADAMSKI, George. *Pioneers of Space: a trip to the Moon, Mars, and Venus*. Los Angeles: Leonard-Freefield, 1949.

ALMEIDA, Rafael Antunes. "*Objetos intangíveis*": Ufologia, ciência e segredo. 2015. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

AMARAL, Leila. *Carnaval da alma: comunidade, essência e sincretismo na Nova Era*. Petrópolis: Vozes, 2000.

AMARAL, Leila. Sincretismo em Movimento: o estilo Nova Era de lidar com o sagrado. In: CAROZZI, Maria Júlia (Org.). *A Nova Era no Mercosul*. Petrópolis: Vozes, p. 47–79, 1999.

AMARAL, Leila. Um Espírito sem lar: sobre uma dimensão 'nova era' da religiosidade contemporânea. In: VELHO, Otávio (Org.). *Circuitos Infinitos: comparações e religiões no Brasil, Argentina, Portugal, França e Grã-Bretanha*. São Paulo: Attar, p. 17-59, 2003.

BADER, Chris D. The UFO Contact Movement from the 1950s to the Present. *Studies in Popular Culture*, v. 17, nº 2, p. 73-90, 1995.

BANDEIRA, Gabriela. Nove anos após início das obras, Memorial do ET segue inacabado em Varginha, MG. *G1*, Varginha, 20 jan. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2019/01/20/nove-anos-apos-inicio-das-obras-memorial-do-et-segue-inacabado-em-varginha-mg.ghtml>. Acesso em: 09 set. 2019.

BEAM UP. In: MACMILLAN Dictionary. [s.l.]: Springer Nature, 2020a. Disponível em: <https://www.macmillandictionary.com/dictionary/british/beam-up>. Acesso em: 8 jun. 2020.

BEAM UP. In: OXFORD Learner's Dictionaries. Oxford: Oxford university Press, 2020b. Disponível em: <https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/beam-up?q=beam+up>. Acesso em: 8 jun. 2020.

BIGHETO, Alessandro César; INCONTRI, Dora. A pedagogia espírita e as crianças índigo. *Mensagem*, Bragança Paulista, 2007. Disponível em: http://www.se-novaera.org.br/conteudos/doutrina_de_luz.pdf. Acesso em 6 out. 2020.

BERNARDO, André. Raios luminosos e moradores apavorados: a maior operação militar brasileira para investigar discos voadores. *BBC*, [s.l.], 5 ago. 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-40784488>. Acesso em: 08 abr. 2020.

BIRMAN, Patrícia. Entre França e Brasil: viagens antropológicas num campo (religioso) minado. *Horizontes Antropológicos*, v. 5, nº 10, p. 35-60, 1999.

BLOOM, Mike. 'Star Trek: The Next Generation' - The 25 Best Episodes. *The Hollywood Reporter*, [s.l.], 23 mai. 2019. Disponível em: <https://www.hollywoodreporter.com/live-feed/star-trek-next-generation-25-best-episodes-1198415>. Acesso em: 18 mar. 2020.

BORGES, João José de Santana. *Árvores e Budas: alternativas do misticismo ecológico e suas teias políticas*. 2011. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

BRASIL. *Manual de Abreviaturas, Siglas, Símbolos e Convenções Cartográficas das Forças Armadas*. Brasília: Ministério da Defesa, 2008. Disponível em: https://www.defesa.gov.br/arquivos/File/legislacao/emcfa/publicacoes/md33_m_02_mnl_abrev_sigla_sblcnvc_crtgrffa_3aed2008.pdf. Acesso em: 8 abr. 2020.

BRASIL. *Registros de observações de OVNI*. [s.l.]: Ministério da Aeronáutica, 1978. Disponível em: http://sian.an.gov.br/sianex/consulta/Pesquisa_Livre_Painel_Resultado.asp?v_CodReferencia_id=1099178&v_aba=1. Acesso em: 8 abr. 2020.

BRAXTON COUNTY CONVENTION AND VISITOR'S BUREAU. The Original 1952 Flatwoods Monster Drawing, FOUND! [s. d.]. 1 recorte de jornal digitalizado. Disponível em: <http://www.braxtonwv.org/1952monsterdrawing.aspx>. Acesso em: 09 set. 2019.

BULLARD, Thomas E. UFOs – Folklore of the Space Age. In: LEWIS, James R. *UFOs and popular culture: an encyclopedia of contemporary myth*. Santa Barbara: ABC-Clío, 2000. Prefácio.

CAMPANHA, Vitor L. A Nova Era como malha. *Reflexus*, v. 13, nº 21, p. 133-147, 2019.

CAMPANHA, Vitor L. A ufologia “científica” nos limites da religião. *Sacrilegens*, v. 15, nº 2, p. 1048-1057, 2018.

REFERÊNCIAS

CAMPANHA, Vitor L. Cinquenta anos entre Roswell e Varginha: memória discursiva em movimento e formação de sentidos no jornalismo. *In: Encontro nacional de história da mídia*, 9, 2013, Ouro Preto. *Anais eletrônicos...* Ouro Preto, UFOP: 2013. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historiografia-da-midia/cinquenta-anos-entre-roswell-e-varginha-memoria-discursiva-em-movimento-e-formacao-de-sentidos-no-jornalismo>. Acesso em: 06 nov. 2014.

CAMPANHA, Vitor L. Culto espacial à brasileira: aspectos comparativos entre a cosmologia de crentes em OVNIs dos Estados Unidos e as obras de Trigueirinho. *In: 27º Congresso Internacional da Soter: espiritualidades e dinâmicas sociais: memória prospectivas*, Belo Horizonte. Anais do 27º Congresso Internacional da SOTER, 2014. p. 2265-2274, 2014.

CAMPANHA, Vitor L. Discos Voadores na bíblia e etc.: entre ressignificações, redes e fe(i)tiches. *In: 1º CONACIR - Congresso Nacional de Graduações e Pós-Graduações em Ciência da Religião*, 2015, Juiz de Fora. Anais do Conacir, p. 112-119, 2015.

CAMPANHA, Vitor L. *Intergaláctico e cristão – Tensões e articulações entre Nova Era e Cristianismo: o caso de Trigueirinho e a Ordem Graça Misericórdia*. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016.

CAMPANHA, Vitor L. O Caso do ET de Varginha- Um Estudo sobre Formações Discursivas em Telejornalismo. *In: IX Encontro Regional de Comunicação*, 2011, Juiz de Fora. Anais do Encontro Regional, 2011.

CAMPANHA, Vitor L; CAMURÇA, Marcelo A. Catolicismo new age numa comunidade neo-esotérica: institucionalidade “monástica” e aparição de uma virgem cósmica e energética. *Caminhos – Revista de Ciências da Religião*, v. 16, n. 1, p. 98-112, jan./jun. 2018. Disponível em: <http://revistas.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/6310/3695>. Acesso em 29 nov. 2019.

CAMPANHA, Vitor L. Da Ufologia ao Catolicismo New Age: O caso de Trigueirinho e a Ordem Graça Misericórdia. *REVER – Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 40-65, dez. 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/31181>. Acesso em: 27 ago. 2019.

CAMURÇA, Marcelo A. Dimensões mitológicas da narrativa e cosmologia espírita. *In: SILVEIRA, Emerson Sena; SAMPAIO, Dilaine Soares (Orgs.). Narrativas míticas: Análise das histórias que as religiões contam*. Petrópolis: Vozes, 2018.

- CAMURÇA, Marcelo A. Controvérsias atuais no espiritismo brasileiro: conservadorismo e determinismo ou hermenêutica e mediações na relação com o “plano espiritual”. In: GOMES, Adriana; CUNHA, André Victor; PIMENTEL, Marcelo. *Espiritismo em perspectivas*. Salvador: Sagga, 2019.
- CAMURÇA, Marcelo A. *Espiritismo e Nova Era: Interpelações ao Cristianismo Histórico*. Aparecida: Santuário, 2014.
- CAMURÇA, Marcelo A. O Conceito de Reencarnação no Espiritualismo moderno: Entre o Círculo de Sãmsara e o Evolucionismo Positivista. *Numen: revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora*, v. 3 nº 1, p. 95-109, 2000.
- CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 1997.
- CARDOSO, Rodrigo. A história oficial do ET de Varginha. *Istoé*, São Paulo, n. 2136, 20 out. 2010. Disponível em: https://istoe.com.br/105958_A+HISTORIA+OFICIAL+DO+ET+DE+VARGINHA/. Acesso em: 10 mai. 2019.
- CARLOS, Daniel Pícaro. *Extraterrestres: Ciência e Pensamento Mítico no mundo Moderno*. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2007.
- CASSIDY, Willian. Can Science Save One’s Soul? In: KRAEMER, Ross; CASSIDY, William; SCHWARTZ, Susan L. *The Religions Of Star Trek*. Nova Iorque: Basic Books, 2009. Edição do Kindle.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *O mundo invisível: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no espiritismo*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social, 2008.
- CHAMPION, Françoise. Les sociologues de la pos-modernité religieuse et la nébuleuse mystique-ésotérique. *Archive de Scienses Sociales de Religions*, nº 67, p. 155-169, 1989.
- CHOZICK, Amy. Hillary Clinton Gives U.F.O. Buffs Hope She Will Open the X-Files. *The New York Times*, Nova Iorque, 10 mai. 2016. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2016/05/11/us/politics/hillary-clinton-aliens.html>. Acesso em: 16 ago. 2019.
- COELHO, José Marcelo Gonçalves. Contradições acerca da vida no planeta Marte. *Portal do Espírito*, Guarulhos, 24 mar. 2016. Disponível em: <https://espírito.org.br/artigos/contradicoes-acerca-da-vida-no-planeta-marte-3/>. Acesso em: 8 mai. 2020.

REFERÊNCIAS

- COMPANHEIROS Transdimensionais – CTD. *Casa do Consolador*. São Paulo, 2020. Disponível em: https://www.casadoconsolador.com.br/site/?page_id=766. Acesso em: 17 ago. 2020.
- CONTE, Michael. Pentagon officially releases UFO videos. *CNN*, [s.l.], 28 abr. 2020. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2020/04/27/politics/pentagon-ufo-videos/index.html>. Acesso em: 28 abr. 2020.
- CORSO, Phillip. *The day after Roswell*. Nova Iorque: Atria books, 1999.
- COOPER, Helene; BLUMENTHAL, Ralph; KEAN, Leslie. Glowing Auras and ‘Black Money’: The Pentagon’s Mysterious U.F.O. Program. *The New York Times*, 16 set. 2017. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2017/12/16/us/politics/pentagon-program-ufo-harry-reid.html>. Acesso em: 30 mar. 2020.
- D'ANDREA, Anthony. From Gregarious Syncretism to Reflexive Individualism: a Critical Review of New Age Studies in Latin America. *International Journal of Latin American Religions*, [s.l.], v. 2, nº 2, p. 176-190, 2018.
- D'ANDREA, Anthony. *O self perfeito e a Nova Era: individualismo e reflexividade em religiosidades pós-tradicionais*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- DATA Limite segundo Chico Xavier. [S. l.: s. n.], 2014. Documentário. 1 vídeo (63 min). Direção: Fabio Medeiros. Produção: Fabio Medeiros; Juliano Pozati; Rebeca Casagrande e Daniela Casagrande. Roteiro: Juliano Pozati e Rebeca Casagrande. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4JxukHvGVzE&>. Acesso em: 29 jul. 2020.
- DARRACH, H. B.; GINNA, R. Have we visitors from space? *Life*, [s.l.], 7 abr. 1952. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=EIYEAAAAMBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em 30 ago. 2019.
- DREZNER, Daniel W. The top 10 'Star Trek' episodes ever. *The Washington Post*, Washington, 13 set. 2016. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/posteverything/wp/2016/09/13/the-top-ten-star-trek-episodes-ever/>. Acesso em: 18 mar. 2020.
- DINIZ, Ana Elizabeth. Entenda a data-limite, teoria deste 20 de julho atribuída a Chico Xavier, *O Tempo*, Belo Horizonte, 20 jul. 2019. Disponível em <https://www.otempo.com.br/interessa/entenda-a-data-limite-teoria-deste-20-de-julho-atribuida-a-chico-xavier-1.2212172>. Acesso em 29 jun. 2020.

DUARTE, Mario Ribeiro. *A narrativa sobre o “ET de Varginha” e sua relação no processo de modernização sócio-cultural da cidade*. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras), UNINCOR, 2009.

EPSTEIN, Kayla. Those UFO videos are real, the Navy says, but please stop saying ‘UFO’. *The Washington Post*, Washington, 18 set. 2019. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/national-security/2019/09/18/those-ufo-videos-are-real-navy-says-please-stop-saying-ufo/>. Acesso em: 20 mar. 2020.

EQUIPE UFO. Editor da Revista UFO destacará a necessidade de esclarecimento da população quanto aos UFOs. *Revista UFO*, [s.l.], 8 mai. 2018. Disponível em: <https://ufo.com.br/noticias/editor-da-revista-ufo-destacara-a-necessidade-de-esclarecimento-da-populacao-quanto-aos-ufos.html>. Acesso em: 24 jun. 2020.

EQUIPE UFO. No UFOZ, o debate sobre o futuro contato com os extraterrestres. *Revista UFO*, [s.l.], 4 nov. 2014. Disponível em: <https://ufo.com.br/noticias/no-ufoz-o-debate-sobre-o-futuro-contato-com-os-extraterrestres>. Acesso em: 24 jun. 2020.

FERNANDES, Phillippe Sendas de Paula; BARBOSA, Marialva. História oral e memória na Amazônia: o fenômeno Chupa-Chupa. *Revista Mídia e Cotidiano*, nº 8, p. 45-58, 2016.

FIGUEIRERO, Paulo Henrique. Toda a verdade sobre as crianças índigo. *Mensagem*, Bragança Paulista, 2007. Disponível em: http://www.se-novaera.org.br/conteudos/doutrina_de_luz.pdf. Acesso em: 05 out. 2020.

FOELKER, Rita. Crianças índigo seriam mais evoluídas espiritualmente? *Mensagem*, Bragança Paulista, 2007. Disponível em: http://www.se-novaera.org.br/conteudos/doutrina_de_luz.pdf. Acesso em: 05 out. 2020.

FORSTER, Alan. Discos voadores, tecnologia nuclear e desastres ambientais. *Revista UFO*, [s.l.], 1 out. 2017. Disponível em: <https://ufo.com.br/artigos/discos-voadores-tecnologia-nuclear-e-desastres-ambientais.html>. Acesso em: 06 abr. 2020.

FRANCO, Divaldo Pereira; ANSELONI, Vanessa. *A Nova Geração: A visão espírita sobre crianças índigo e cristal*. 7. ed. Salvador: Leal, 2016.

GEPPERT, Alexander C. T. Extraterrestrial encounters: UFOs, science and the quest for transcendence, 1947–1972. *History and technology*, v. 28, nº 3, p. 335-362, 2012.

REFERÊNCIAS

- GEVAERD, J. Campanha: UFOs, Liberdade de Informação Já. *Revista UFO*, [s.l.], 6 jun. 2010. Disponível em: <https://ufo.com.br/noticias/campanha-ufos-liberdade-de-informacao-ja>. Acesso em: 26 ago. 2019.
- GODEN, Maryse. Who is the Russian boy who claims he was born on Mars, how old is Boriska Kipriyanovich now and what has he said? *The Sun*, Londres, 8 nov. 2017. Disponível em: <https://www.thesun.co.uk/news/4867116/russian-boy-born-on-mars-boriska-kipriyanovich/>. Acesso em: 14 nov. 2020.
- GOODY, Jack. *O mito, o ritual, o oral*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- GRÜNSCHLOß, Andreas. Cargo cults. In: LEWIS, James R (Org.). *UFOs and popular culture: an encyclopedia of contemporary myth*. Santa Barbara: ABC-Clio, p. 60-63, 2000.
- GRÜNSCHLOß, Andreas. “Quando entramos na nave espacial do meu pai”: Esperanças cargoísticas e cosmologias milenaristas nos novos movimentos religiosos de UFOS. *REVER: Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, n. 3, p. 19-44, 2002.
- GRÜNSCHLOß, Andreas. Waiting for the “Big Beam”: UFO Religions and “Ufological” Themes in New Religious Movements. In: LEWIS, James R. (Org.). *The Oxford Handbook of New Religious Movements*. Oxford: Oxford University Press, p. 419-444, 2009.
- GUERRIERO, Silas. Esoterismo e astrologia na Nova Era: do ocultismo à psicologização. *Reflexão*, Campinas, v. 41, nº 2, p. 211-224, 2017.
- GUERRIERO, Silas. *Novos Movimentos Religiosos: o quadro brasileiro*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- HAMILL, Jasper. 'Peace-loving aliens tried to save America from nuclear war,' claims moon mission astronaut Edgar Mitchell. *The Mirror*, 11 ago. 2015. Disponível em: <https://www.mirror.co.uk/news/technology-science/science/peace-loving-aliens-tried-save-6235113>. Acesso em: 31 mar. 2020.
- HANEGRAAFF, Wouter J. Defining religion in spite of history. In: J. G. Plavoet, & A. L. Molendijk (Orgs), *The pragmatics of defining religion: contexts, concepts and contests*. Leiden: Brill, p. 337-378, 1999a.
- HANEGRAAFF, Wouter J. New Age Movement. In: JONES, Lindsay (Org.). *Encyclopedia Of Religion*. 10 v. 2ª ed. Farmington Hills: Thomson Gale, p. 6495-6500, 2005.

HANEGRAAFF, Wouter J. *New Age religion and western culture: esotericism in the mirror of secular thought*. Leiden: Brill, 1996.

HANEGRAAFF, Wouter J. New Age Spiritualities as Secular Religion: a Historian's Perspective. *Social Compass*, v. 46, n. 2, p. 145-160, 1999b.

HASTINGS, Robert. Afinal, o que eles querem. *Revista UFO*, [s.l.], 01 mar. 2018. Disponível em: <https://ufo.com.br/artigos/afinal-o-que-eles-querem/>. Acesso em: 24 jun. 2020.

HASTINGS, Robert. Situações que explicariam a falta de contato de outras espécies cósmicas com a humanidade. *Revista UFO*, [s.l.], 01 out. 2011. Disponível em: <https://ufo.com.br/artigos/situacoes-que-explicariam-a-falta-de-contato-de-outras-especies-cosmicas-com-a-humanidade/>. Acesso em: 24 jun. 2020.

HEELAS, Paul; AMARAL, Leila. Notes on the 'Nova Era': Rio de Janeiro and Environs. *Religion*, v. 24, p. 173-180, 1994.

HELLAND, Christopher. From extraterrestrial to ultraterrestrials: the evolution of the concept of Ashtar. In: PARTRIDGE, Christopher. *UFO Religions*. Londres: Routledge, 2003. p. 162-178.

HEIDEGGER, M. *Poetry, language, thought*. Nova Iorque: Harper & Row, 1971.

HEISENBERG, Werner. Über den anschaulichen Inhalt der quantentheoretischen Kinematik und Mechanik. *Zeitschrift für Physik*, v. 43, n. 3-4, p. 172-198, 1927. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007%2FBF01397280>. Acesso em: 18 out. 2018.

INCONTRI, Dora. As crianças índigo e o movimento espírita, *Mensagem*, Bragança Paulista, 2007. Disponível em: http://www.se-novaera.org.br/conteudos/doutrina_de_luz.pdf. Acesso em 05 out. 2020.

INGE, M. "The New Yorker" Cartoon and Modern Graphic Humor. *Studies in American Humor*, v. 3, nº 1, p. 61-73, 1984. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/42581410>. Acesso em: 29 jul. 2019.

INGOLD, Tim. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis: Vozes, 2015.

INGOLD, Tim. *The Perception of the Environment: Essays on livelihood, dwelling and skill*. London: Routledge, 2000.

REFERÊNCIAS

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, n. 37, p. 25-44, 2012.

INTERNATIONAL RAELIAN MOVEMENT. *E.T. Embassy*, 2020. Site. Disponível em: <http://elohimembassy.org/>. Acesso em 27 abr. 2020.

INUKONDA, Sumanth. Urban Destruction in Hollywood Movies of Late 1990s. *IUP Journal of History & Culture*, v. 5, n. 3, 2011.

JACOBS, David E. A seriedade e complexidade das abduções alienígenas. *Revista UFO*, [s.l.], 1 jul. 2017a. Disponível em: <https://ufo.com.br/artigos/a-seriedade-e-complexidade-das-abducoes-alienigenas.html>. Acesso em: 19 out. 2020.

JACOBS, David E. Eles já estão entre nós. *Revista UFO*, [s.l.], 1 mar. 2017b. Disponível em: <https://ufo.com.br/artigos/eles-ja-estao-entre-nos.html>. Acesso em: 10 jul. 2020.

JUNG, Carl Gustav. *Um mito moderno sobre coisas vistas no céu*. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

KARDEC, Allan. *A gênese: os milagres e as predições segundo o Espiritismo*. 52 ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2012.

KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o Espiritismo: com explicações das máximas morais do Cristo em concordância com o Espiritismo e suas aplicações às diversas circunstâncias da vida*. 129 ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2010.

KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos: princípios da Doutrina Espírita*. 92. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2011.

KRAMARIK, Akiane. *How Jesus Saved His Own Portrait...The True Story of Akiane's Lost Masterpiece*. 2019. (7m18s). Disponível em: <https://youtu.be/2B86y4XRCHg>. Acesso em: 2 set. 2020.

KRAMARIK, Akiane. My life by Akiane. *Akiane Gallery*, [s. l.], 2020. Disponível em: <https://akiane.com/my-story/>. Acesso em: 2 set. 2020.

LACERDA, Ricardo. Acho que vi um ET. *Superinteressante*, [s.l.], 13. jan. 2014. Disponível em: <https://super.abril.com.br/comportamento/acho-que-vi-um-et/>. Acesso em: 17 ago. 2020.

LAGRANGE, Pierre. A Ghost in the Machine: How Sociology Tried to Explain (Away) American Flying Saucers and European Ghost Rockets, 1946–1947. In: GEPPERT, A. C. T. (org.). *Imagining outer space: European Astroculture in the Twentieth Century*. Londres: Macmillan Publishers, p. 245-268, 2018.

LAGRANGE, Pierre; ARNOLD, Kenneth. In: LEWIS, James R (org.). *UFOs and popular culture: an encyclopedia of contemporary myth*. Santa Barbara: ABC-Clio, p. 31-35, 2000.

LAGRANGE, Pierre. "It is Impossible, but There it is". In: EVANS, H & SPENCER, J. (orgs.). *Phenomenon: From Flying Saucers to UFOs-Forty Years of Facts and Research*. Londres: Macdonald, p. 26-45, 1988.

LARAIA, Roque de Barros. O Sol e a Lua na mitologia xinguana. In: LÉVIS-STRAUSS, Claude. *Mito e linguagem social*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 107-134, 1970.

LATOUR, Bruno. *A esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos*. Bauru: EDUSC, 2001.

LATOUR, Bruno. *Ciência em ação*. São Paulo: UNESP, 2000.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

LATOUR, Bruno. *Reagregando o social: uma introdução à teoria do Ator-Rede*. Bauru: EDUSC, 2012.

LATOUR, Bruno. *Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiches*. Bauru: EDUSC, 2002.

LATOUR, Bruno; WOOLGAR, Steve. *A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

LEACH, Edmund. *Edmund Leach: Antropologia*. São Paulo: Ática, 1983.

LEAL, Marcos Malvezzi. Os extraterrestres vigiam nosso uso de armas nucleares. *Revista UFO*, [s.l.], [s.d.]. Disponível em: <https://ufo.com.br/entrevistas/os-extraterrestres-vigiam-nosso-uso-de-armas-nucleares.html>. Acesso em: 06 abr. 2020.

LEFEBVRE, H. *The production of space*. Oxford: Blackwell, 1991.

LEMOS NETO, Geraldo. Data Limite: O legado de Chico Xavier sobre a transição planetária. *Revista UFO*, [s.l.], 23 jul. 2019. Disponível em: <https://ufo.com.br/artigos/data-limite-o-legado-de-chico-xavier-sobre-a-transicao-planetaria.html>. Acesso em: 29 jun. 2020.

LÉVI-STRAUSS, Claude. A gesta de Asdiwal. In: LÉVI-STRAUSS, Claude. *Mito e linguagem social*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970.

REFERÊNCIAS

- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. São Paulo: Tempo Brasileiro, 1991a.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Mito e Significado*. Lisboa: Edições 70, 1980.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *O cru e o cozido*. São Paulo: Brasiliense, 1991b.
- LEWIS, James R. Flatwoods Monster. In: LEWIS, James R (Org.). *UFOs and popular culture: an encyclopedia of contemporary myth*. Santa Barbara: ABC-Clio, 2000, p. 127-128.
- LEWIS, James R. James R. Heaven's Gate. In: LEWIS, James R (Org.). *UFOs and popular culture: an encyclopedia of contemporary myth*. Santa Barbara: ABC-Clio, p. 146-149, 2000.
- LEWGOY, Bernardo. *O grande mediador: Chico Xavier e a cultura brasileira*. Bauru: EDUSC, 2004.
- LEWGOY, Bernardo. Representações de ciência e religião no espiritismo kardecista: antigas e novas configurações. *Civitas*, Porto Alegre, v. 6, nº 2, p. 151-167, 2006.
- LYOTARD, J. *A Condição Pós-Moderna*. 15. ed. Tradução de Ricardo Corrêa Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.
- MACHADO, Carlos Alberto. Chupacabras. *Revista UFO*, [s.l.], 1 jan. 1999. Disponível em: <https://ufo.com.br/artigos/chupacabras--/>. Acesso em: 30 mar. 2020.
- MACHADO, Carlos Alberto. *"Imagine se tudo isso for verdade": o movimento Raeliano entre verdades, ficções e religiões da modernidade*. 2006. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- MACHADO, Carly Barboza. Novos Movimentos Religiosos, Indivíduo e comunidade: sobre família, mídia e outras mediações. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, nº 30, p. 145-163, 2010.
- MAGNANI, José G. C. *Mystica Urbe: um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na metrópole*. São Paulo: Studio Nobel, 1999.
- MAGNANI, José G. C. Xamãs na cidade. *Revista USP*, São Paulo, nº 67, p. 218-227, 2005.
- MATOS, Luiz V. A ciência dos UFOs. *Revista UFO*, [s.l.], 1 jun. 2018. Disponível em: <https://ufo.com.br/artigos/a-ciencia-dos-ufos.html>. Acesso em: 26 jun. 2020.

MEDEIROS, Mônica. *Nova Terra, nova raça humana: Índigos e cristais*. São Paulo: Madras, 2020.

MEEHAN, Eileen R. Tourism, Development, and Media. *Society*, v. 45, nº 4, p. 338-341, 2008. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s12115-008-9111-7>. Acesso em: 09 set. 2019.

MELTON, J. Gordon; EBERHART, George M. The Flying Saucer Contactee Movement, 1950–1994: A Bibliography. In: LEWIS, James R. (org.). *The Gods Have Landed: New Religions from Other Worlds*, p. 251-332, 1995.

MIRANDA, Manoel P. (Espírito). *Amanhecer de uma nova era*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Salvador: LEAL, 2015.

MIRANDA, Manoel P. (Espírito). *Transição planetária*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Salvador: LEAL, 2012.

MORADORES do município de Colares contam histórias sobre ET's na cidade. *G1*, Belém, 2 mar. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/e-do-para/noticia/2019/03/02/moradores-do-municipio-de-colares-contam-historias-sobre-ets-na-cidade.ghtml>. Acesso em: 8 abr. 2020.

MOURA, Marta Antunes. O planeta Marte. *Federação Espírita Brasileira*, Brasília, 18 mai. 2016. Disponível em: <https://www.febnet.org.br/blog/geral/colunistas/o-planeta-marte/>. Acesso em: 6 mai. 2020.

NOTA de resposta à entrevista coletiva de Divaldo Franco e Haroldo Dutra no congresso de Goiás. *Espiritismo com Kardec*, [s. l.], 17 fev. 2018. Disponível em: <https://www.comkardec.net/nota-de-resposta-divaldo-haroldo/>. Acesso em 6 out. 2020

O'LEARY, Ryan T. Adamski, George. In: LEWIS, James R. (org.). *UFOs and popular culture: an encyclopedia of contemporary myth*. Santa Barbara: ABC-Clio, p. 4-6, 2000.

O'NEILL, Phelim. Six to watch: Star Trek episodes. *The Guardian*, [s.l.], 9 mai. 2013. Disponível em: <https://www.theguardian.com/culture/2013/may/09/six-star-trek-episodes>. Acesso em: 18 mar. 2020.

OLIVEIRA, Amurabi P. Nova Era à brasileira: a new age popular do Vale do Amanhecer. *Interações*, v. 4, nº 5, p. 31-48, 2009.

OS RESULTADOS da Operação Prato. *Revista UFO*, [s.l.], nov. 1997. Disponível em: <https://ufo.com.br/entrevistas/os-resultados-da-operacao-prato.html>. Acesso em: 13 abr. 2020.

REFERÊNCIAS

PALMER, Susan P. The Raelian Movement. In: LEWIS, James R. *UFOs and popular culture: an encyclopedia of contemporary myth*. Santa Barbara: ABC-Clio, p. 249-251, 2000.

PAPA João XXIII também conhecia segredos sobre UFOs. *Revista UFO*, [s.l.], 06 jun. 2010. Disponível em: <https://ufo.com.br/noticias/papa-joao-xxiii-tambem-conhecia-segredos-sobre-ufos/>. Acesso em: 16 mar. 2020.

PETIT, Marco Antonio. *Varginha: toda a verdade revelada*. Campo grande: Revista UFO, 2016.

PLURALIDADE dos mundos habitados. *Espiritismo.net*, [s.l.], [s.d.]. Disponível em: https://www.espiritismo.net/nossas_atividades/perguntas_e_respostas/pluralidade_dos_mundos_habitados. Acesso em: 8 mai. 2020.

POLIDORI, Mel. Chegou o dia: entenda tudo sobre a data de hoje, a Data Limite. *Revista UFO*, [s.l.], 20 jul. 2019a. Disponível em: <https://ufo.com.br/noticias/chegou-o-dia-entenda-tudo-sobre-a-data-de-hoje-a-data-limite.html>. Acesso em: 29 jun. 2020.

POLIDORI, Mel. Curso A Nova Humanidade traz especialistas em seres híbridos à Curitiba. *Revista UFO*, [s.l.], 24 abr. 2019b. Disponível em: <https://ufo.com.br/noticias/curso-a-nova-humanidade-traz-especialistas-em-seres-hibridos-a-curitiba.html>. Acesso em: 20 out. 2020.

POLIDORI, Mel. Estaria o mundo se preparando para um contato com extraterrestres? *Revista UFO*, [s.l.], 24 out. 2018. Disponível em: <https://ufo.com.br/noticias/estaria-o-mundo-se-preparando-para-um-contato-com-extraterrestres.html>. Acesso em: 16 jun. 2020.

POLIDORI, Mel. Pesquisadora australiana garante que abduções visam à criação de híbridos. *Revista UFO*, [s.l.], 27 fev. 2019c. Disponível em: <https://ufo.com.br/noticias/pesquisadora-australiana-garante-que-abducoes-visam-a-criacao-de-hibridos.html>. Acesso em: 15 abr. 2020.

POLIDORI, Mel. UFOs e armas nucleares: uma ligação ainda misteriosa. *Revista UFO*, [s.l.], 27 jan. 2020a. Disponível em: <https://ufo.com.br/noticias/ufos-e-armas-nucleares-uma-ligacao-ainda-misteriosa.html>. Acesso em: 31 mar. 2020.

POLIDORI, Mel. Vem aí uma nova raça, mistura de humano com alienígena. *Revista UFO*, [s.l.], 28 mar. 2019d. Disponível em: <https://ufo.com.br/noticias/vem-ai-uma-nova-raca-mistura-de-humano-com-alienigena.html>. Acesso em: 19 out. 2020.

PRADO, Rafael. O que é a “data limite”, atribuída a uma profecia de Chico Xavier? *Veja São Paulo*, São Paulo, 19 jul. 2019. Disponível em <https://vejasp.abril.com.br/cidades/data-limite-chico-xavier/>. Acesso em 04 nov. 2019.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O messianismo no Brasil e no mundo*. São Paulo: Alfa-Omega, 1976.

ROJCEWICZ, Peter M. The “men in black” experience and tradition: analogues with the traditional devil hypothesis. *Journal of American Folklore*, p. 148-160, 1987.

ROTH, Christopher F. Ufology as anthropology: Race, extraterrestrials, and the occult. *In: ET culture: anthropology in outerspaces*, p. 38-93, 2005.

ROTHSTEIN, Mikael. Contactees. *In: LEWIS, James R. (org.). UFOs and popular culture: an encyclopedia of contemporary myth*. Santa Barbara: ABC-Clio, p. 86-91, 2000.

SANTOS, Franklin Santana. A visão científica sobre as crianças índigo. *Mensagem*, Bragança Paulista, 2007. Disponível em: http://www.se-novaera.org.br/conteudos/doutrina_de_luz.pdf. Acesso em: 05 out. 2020.

SANTOS, R. G. C. *A invenção dos discos voadores*. Guerra Fria, imprensa e ciência no Brasil (1947-1958). 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

SAPHIRO, F. R. *The Yale Book of Quotations*. New Haven e Londres: Yale University Press, 2006.

SEITA da Nova Era invade o movimento espírita. *Mensagem*, Bragança Paulista, 2007, p. 1. Disponível em: http://www.se-novaera.org.br/conteudos/doutrina_de_luz.pdf. Acesso em 27 set. 2018.

SILVEIRA, Emerson S. Prefácio. *In: REIS, Carlos. Naus da ilusão: uma análise transdisciplinar sobre a crença em “discos voadores”*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2016.

SILVEIRA, João Paulo de Paula; SOFIATI, Flávio Munhoz. As novas religiões na contemporaneidade: a propósito da modernidade religiosa tardia. *In: Revista Sapiência: Sociedade, Saberes e Práticas Educacionais*, v.6, p. 51-67, 2017.

SINGLER, Beth. “My Brother, the Insect”: Ethnographic Research on the Indigo Children, Their New Age Cosmologies, and Spiritual Guides. *Diskus*, v. 17, nº 2, p. 54-67, 2015.

REFERÊNCIAS

STAMETS, Paul. *Mycelium running: how mushrooms can help save the world*. Berkeley: Ten Speed Press, 2005.

STUPPLE, David. Mahatmas and Space Brothers: The Ideologies of Alleged Contact with Mahatmas and Space Brothers: the Ideologies of Alleged Contact with Extraterrestrials. *Journal of American Culture*, v. 7, nº 1-2, p. 131-139, 1984.

SPEIGEL, Lee. The UFOs Didn't Come In Peace! Astronaut Sets Record Straight On ET Nuclear War. *Huffpost*, 27 ago. 2015. Disponível em: https://www.huffpostbrasil.com/entry/moonwalker-edgar-mitchell-denies-saying-ets-prevented-nuclear-war_n_55d61660e4b07addcb45eb80?ri18n=true. Acesso em: 31 mar. 2020.

SUENAGA, Cláudio Tsuyoshi. *A dialética do real e do imaginário: uma proposta de interpretação do fenômeno OVNI*. 1999. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 1999.

THE INTUITIVE ANGEL. *Amy Biank – The Intuitive Angel*, 2020. Site. Disponível em: <https://www.theintuitiveangel.com>. Acesso em: 22 set. 2020.

THOMPSON, Keith. *Anjos e extraterrestres: OVNI e a imaginação mítica*. Tradução de Aulyde Soares Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

TOSTES, Ana Letícia Lopes; SANTOS, Luiz Cezar. No céu existe algo a mais que as estrelas: O Chupa-Chupa e a configuração narrativa das notícias do fantástico. In: Encontro nacional de história da mídia, 12, 2019, Natal. *Anais eletrônicos...* Natal, UFRN: 2019. Disponível em: http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/12o-encontro-2019/gt-2013-historia-do-jornalismo/no-ceu-existe-algo-a-mais-que-as-estrelas-o-chupa-chupa-e-a-configuracao-narrativa-das-noticias-do-fantastico/at_download/file. Acesso em: 08 abr. 2020.

TRIGUEIRINHO NETTO, José. *Glossário Esotérico*. 6. ed. São Paulo: Pensamento, 2010a.

TRIGUEIRINHO NETTO, José. *Os Jardineiros do Espaço*. 7. ed. São Paulo: Pensamento, 2011.

TRIGUEIRINHO NETTO, José. *Sinais de contato: o corajoso relato da experiência de transcender a morte*. São Paulo: Pensamento, 2010b.

TRIGUEIRINHO NETTO, José. *Um chamado especial: antologia das obras de Trigueirinho*. 4. ed. São Paulo: Pensamento, 2008.

TROMPF, Garry W. New religious movements in Oceania. *Nova Religio: The Journal of Alternative and Emergent Religions*, v. 18, nº 4, p. 5-15, 2014.

- TROMPF, Garry W.. UFO religions and cargo cults. *In*: PARTRIDGE, Christopher (Org.). *UFO religions*. Londres e Nova Iorque: Taylor & Francis, p. 221-237, 2003.
- USARSKI, Frank. História da Ciência da Religião. *In*: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (Org.). *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas: Paulus, p. 51-61, 2013.
- VALIM, A. B. “Os marcianos estão chegando!”: as divertidas e imprudentes reinvenções de um ataque alienígena no cinema e no rádio. *Diálogos*, Maringá, nº 3, v. 9, p. 185-208, 2005.
- VERONESE, Michelle. *Deuses de outros mundos: o culto a discos voadores e extraterrestres*. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.
- VILHENA, Maria Angela. *Espiritismos: limiares entre a vida e a morte*. São Paulo: Paulinas, 2008.
- VIRTUE, Doreen. *As crianças cristal: Um guia para a mais nova geração de crianças sensíveis e psíquicas*. São Paulo: Madras, 2013.
- VIRTUE, Doreen. If only I knew then what I know now. *Doreen Virtue*. [s. l.], 22 may. 2020a. Disponível em: <https://doreenvirtue.com/2020/05/22/if-only-i-knew-then-what-i-know-now/>. Acesso em: 12 ago. 2020.
- VIRTUE, Doreen. Why did Doreen remove her testimony? *Doreen Virtue*. [s. l.], 1 jun. 2020b. Disponível em: <https://doreenvirtue.com/2020/06/01/why-did-doreen-remove-her-testimony/>. Acesso em: 12 ago. 2020.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O Nativo Relativo. *Mana*, Rio de Janeiro, n. 1, v. 8, p. 113-148, 2002.
- VON DÄNIKEN, E. *A história está errada*. São Paulo: Idea Editora, 2010.
- VON DÄNIKEN, E. *Eram os Deuses astronautas?* São Paulo: Melhoramentos, 2000.
- XAVIER, Francisco Cândido. *A caminho da luz*. Brasília: FEB, 2013.
- XAVIER, Francisco Cândido. *Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho*. Brasília: FEB, 2015.
- XAVIER, Francisco Cândido. *Cartas de uma morta*. São Paulo: Lake, 2016.
- XAVIER, Francisco Cândido. *Novas Mensagens*. 14 ed. Brasília: FEB, 2014.
- WATANABE, Phillippe. Mulher diz ter sofrido ameaça após ver abuso sexual de médium João de Deus. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 8 dez. 2018. Disponível

REFERÊNCIAS

em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/12/mulher-diz-ter-sofrido-ameaca-apos-ver-abuso-sexual-de-medium-joao-de-deus.shtml>. Acesso em: 22 set. 2020.

WEAVER, R.; MCANDREW, J. *The Roswell Report: Fact versus fiction in the New Mexico Desert*. Washington: Headquarters United States Air Force, 1995.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. São Paulo: Editora da Universidade de Brasília, 2004.

WERNER, Paulo. O mistério das sondas ufológicas em Minas Gerais. *Revista UFO*, [s.l.], 1 dez. 2011. Disponível em: <https://ufo.com.br/artigos/o-misterio-das-sondas-ufologicas-em-minas-gerais.html>. Acesso em: 23 mar. 2020.

WHEDON, Sarah W. The Wisdom of Índigo Children: An Emphatic Restatement of the Value of American Children. *Nova Religio: The Journal of Alternative and Emergent Religions*, v. 12, n. 3, p. 60-76, 2009.

SOBRE O AUTOR

Vitor Campanha é Doutor e Mestre em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Em suas pesquisas, estudou grupos religiosos que articulavam temas ufológicos e religiosos em suas vivências. É graduado em Comunicação Social também pela UFJF e já atuou nas áreas de jornalismo e marketing.